



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARIA EUGÊNIA BEZERRA ALVES

**RECIFE DE ANTIGAMENTE: representações da cidade e a memória coletiva**

Recife  
2018

MARIA EUGÊNIA BEZERRA ALVES

**RECIFE DE ANTIGAMENTE: representações da cidade e a memória coletiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**Área de concentração:** Estética e Culturas da Imagem e do Som.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr. Eduardo Duarte Gomes da Silva.

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

A474r	<p data-bbox="424 1200 1251 1308">Alves, Maria Eugênia Bezerra Recife de antigamente: representações da cidade e a memória coletiva / Maria Eugênia Bezerra Alves. – Recife, 2018. 215f.: il.</p> <p data-bbox="424 1339 1251 1447">Orientador: Eduardo Duarte Gomes da Silva. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2018.</p> <p data-bbox="424 1500 1251 1523">Inclui referências e anexos.</p> <p data-bbox="424 1576 1251 1639">1. Espaço Urbano. 2. Memória. 3. Imaginário. 4. Fotografia. 5. Facebook. I. Silva, Eduardo Duarte Gomes da (Orientador). II. Título.</p> <p data-bbox="424 1693 1251 1718">302.23 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-60)</p>
-------	--

MARIA EUGÊNIA BEZERRA ALVES

**RECIFE DE ANTIGAMENTE: representações da cidade e a memória coletiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 28/02/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Eduardo Duarte Gomes da Silva (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nina Velasco e Cruz (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel do Monte Silva (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Alagoas

Dedico esse trabalho a Rosana e João Guilherme.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCom-UFPE) pela oportunidade de crescimento. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa oferecida. Ao professor Eduardo Duarte, pela orientação, e aos demais professores do PPGCom-UFPE por também compartilharem conhecimentos e me apoiarem ao longo do processo, aqui representados por Rogério Covaleski, Nina Velasco e Cruz e José Afonso da Silva Júnior. Digo o mesmo sobre Cláudia Badaró, José Carlos Gomes e Roberta Bacelar, sempre atenciosos. Agradeço a Wilton Carvalho Filho pela disponibilidade em participar da pesquisa e a Raquel do Monte Silva por aceitar o convite para a qualificação.

Também agradeço aos amigos que fiz ao longo do Mestrado, aqui representados por aqueles com os quais pude viver mais experiências: Manuela Salazar, Olga Wanderley, Maiara Mascarenhas, Ludmilla Carvalho, André Carvalho e Roberta Coutinho. Assim como aos alunos do curso de Rádio, TV e Internet da UFPE que participaram da disciplina Comunicação Comparada 2016.1, com os quais o estágio de docência se tornou uma experiência agradável e enriquecedora.

O apoio dado por diversas pessoas da minha família não poderia ser esquecido. Agradeço à minha mãe, Rosana; ao meu irmão, João Guilherme; e ao meu pai, Silvando. Também sou grata à Rozélia Bezerra e Adelaide Ivánova, Rosângela Beserra e Flávio Rinaldo e a Vanessa Lopo Bezerra e Rafael Nardi Raposo terem me acolhido em suas casas.

Aproveito para agradecer também a amigos como Alba Lucena, que junto às pessoas que conheci em congressos, contribuíram com para o desenvolvimento deste trabalho, assim como o fizeram Ana Lira e Bruna Rafaella.

Agradeço ao apoio de Maria Auxiliadora de Figueirêdo e de Gauss Lins. Fundamentais também foram amigos como Adriana Victor, Alane Lira, Allan Nascimento, Anna Rakhael, Camila Lucena, Caroline Bezerra, Cleide Alves, Diogo Duarte, Diogo Max, Francisco Montenegro, Gilda Carvalho, Gustavo Guerra, Hugo César, Igor Gomes, Isabella Valle, Jacques Barcia, Joana Pires, Jôuldes Duarte, Karlos Felipe, Lara Holanda, Larissa Mendonça, Larissa Rafael, Manuela Galindo, Manuela Sá, Márcio Bastos, Mateus Araújo, Milena Times, Rany Ferraz, Renato Mota, Rodrigo Martins, Sóstenes Rodrigues e Valentine Herold.

## RESUMO

Os sites de redes sociais facilitam a reunião de pessoas com interesses semelhantes e a troca de informações. Exemplo disso é a comunidade que se formou em torno da página **Recife de Antigamente** no *Facebook* ([www.facebook.com/recantigo](http://www.facebook.com/recantigo)). Para esta dissertação, a dinâmica dessa comunidade virtual foi observada a partir da pergunta: O que há, nas fotografias publicadas nesta página, que as tornam aglutinadoras de experiências pessoais? A partir desse questionamento, desdobrou-se um estudo multidisciplinar que considerou pesquisas de Raquel Recuero (2009), José van Dijck (2013), Clay Shirky (2011) e Jacques Rancière (2012) em busca de elementos característicos da comunidade. O criador da página, Wilton Carvalho Filho, também foi entrevistado. Metodologicamente, 2265 publicações foram catalogadas e as que receberam 1 mil curtidas ou mais foram organizadas em grupos (16 quadros foram criados com as 166 imagens selecionadas). A busca por recortes cronológicos, temáticos ou espaciais baseou-se especialmente em pesquisas de Paulo Cesar da Costa Gomes (2013), Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999) e Yi-Fu Tuan (1983). Há um diálogo com outras representações do Recife, como obras de Gilberto Freyre (2005) e Mario Sette (1939), e as Cidades Invisíveis de Italo Calvino (2013) inspiraram a observação dos comentários feitos nas publicações. Pesquisas de José van Dijck (2007), Gilbert Durand (2011), Eduardo Duarte (2000) e Walter Benjamin (1994) foram mobilizados para o estudo da tríade memória, imaginário e narrativa.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Memória. Imaginário. Fotografia. Facebook.

## ABSTRACT

The use of social media networks helps to reunite people with similar concerns and the exchange of information. The *Facebook* community **Recife de Antigamente** (Old Recife, [www.facebook.com/recantigo](http://www.facebook.com/recantigo)) is an example of that. This dissertation research the dynamics of the social community using this question: What, in the photographs of this *Facebook* page, makes them agglutinators of personal experiences? With this query, we conducted a multidisciplinary study using works of Raquel Recuero (2009), José van Dijck (2013), Clay Shirky (2011) and Jacques Rancière (2012) to understand what a community is. We also interviewed the creator of the *Facebook* page, Wilton Carvalho Filho. In this study, 2265 posts were cataloged, and the ones that received more than 1000 likes were organized in groups (16 categories were created with the 166 selected images). The research for chronological, thematic and spatial categories were based in works by Paulo Cesar da Costa Gomes (2013), Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999) and Yi-Fu Tuan (1983). We looked for other representations of Recife, such as Gilberto Freyre's (2005) and Mario Sette's (1939). Also, *Invisible Cities* by Italo Calvino (2013) was an inspiration to analyze comments made in the posts. We found the concepts for the triad memory, imaginary and narrative in studies of José van Dijck (2007), Gilbert Durand (2011), Eduardo Duarte (2000) and Walter Benjamin (1994).

Keywords: Urban space. Memory. Imaginary. Photography. Facebook.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Aspecto geral da página Recife de Antigamente no Facebook .....	23
Figura 2 –	Dados relacionados às pessoas que curtem a página Recife de Antigamente no Facebook .....	25
Figura 3 –	Reprodução de publicação na página Recife de Antigamente .....	29
Figura 4 –	Reprodução de comentário feito em publicação na página Recife de Antigamente .....	30
Figura 5 –	Reprodução de publicação na página Recife de Antigamente .....	30
Figura 6 –	Reprodução de publicação na página Recife de Antigamente .....	32
Figura 7 –	Reprodução de comentário feito em publicação na página Recife de Antigamente .....	32
Figura 8 –	Reprodução de publicação na página Recife de Antigamente .....	33
Figura 9 –	Reprodução de comentário na página Recife de Antigamente .....	33
Figura 10 –	Aspecto geral da página Pernambuco Arcaico no Facebook .....	44
Figura 11 –	Aparência geral da página Antes que Suma, no Facebook.	46
Figura 12 –	Fotografia da Ponte da Boa Vista publicada na página Recife de Antigamente .....	53
Figura 13 –	Mapa que integra o Guia Comum do Centro do Recife. Reprodução feita pela autora .....	56
Figura 14 –	Reprodução de cena do filme Aquarius, da Cinemascope Produções. Na sequência, a personagem Clara, interpretada pela atriz Sonia Braga, rasga uma proposta de compra do apartamento dela feita pela construtora.....	57
Figura 15 –	Uma das peças de divulgação do festival Janela Internacional de Cinema do Recife, elaborada com um	

	desenho do Edifício Caiçara, feito pela artista Clara Moreira .....	58
Figura 16 –	Representação gráfica das publicações feitas em 2015 na página Recife de Antigamente .....	60
Figura 17 –	Representação gráfica das publicações feitas em 2016 na página Recife de Antigamente .....	61
Figura 18 –	Reprodução de publicação feita na página Recife de Antigamente com dois comentários em destaque .....	65
Figura 19 –	Sombra dos prédios sobre a orla de Boa Viagem, em fotografia de Adelaide Ivánova .....	78
Figura 20 –	Figura 12 do Quadro 1, orla de Boa Viagem .....	79
Figura 21 –	Reprodução de comentário feito na publicação referente à Figura 12 do Quadro 1 .....	81
Figura 22 –	Reprodução de comentário feito na publicação referente à Figura 12 do Quadro 1 .....	81
Figura 23 –	Reprodução de comentário feito na publicação referente à Figura 12 do Quadro 1 .....	81
Figura 24 –	Figura 12 do Quadro 2 .....	83
Figura 25 –	Reprodução de alguns comentários feitos na Figura 12 do Quadro 2 .....	84
Figura 26 –	Cinema São Luiz, década de 1970 .....	85
Figura 27 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 3 do Quadro 3 .....	86
Figura 28 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 3 do Quadro 3 .....	86
Figura 29 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 3 do Quadro 3 .....	86
Figura 30 –	Foto do Aeroporto dos Guararapes na década de 1980, publicada na página Recife de Antigamente e creditada a Tulio Couceiro .....	87
Figura 31 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4 .....	88

Figura 32 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4 .....	88
Figura 33 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4 .....	88
Figura 34 –	Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4 .....	88
Figura 35 –	Figura 10 do Quadro 5 .....	91
Figura 36 –	Reprodução de comentário na Figura 10 do Quadro 5 .....	92
Figura 37 –	Reprodução de comentários na Figura 10 do Quadro 5 .....	92
Figura 38 –	Reprodução de cartão-postal publicado na página Recife de Antigamente (sem identificação do ano) .....	93
Figura 39 –	Reprodução de imagem publicada na página Recife de Antigamente, feita no dia 05/10/2016, identificada como recorte de página da Revista Careta de 11 de fevereiro de 1911 .....	93
Figura 40 –	Reprodução de imagem publicada na página Recife de Antigamente, no dia 28 de outubro de 2016, com a legenda “Propaganda da abertura da Av. Dantas Barreto. Diário da Manhã. 30/09/1973” .....	94
Figura 41 –	Rio Capibaribe e Rua do Sol representados na Figura 3 do Quadro 6 .....	96
Figura 42 –	Reprodução de comentário na Figura 3 do Quadro 6 .....	97
Figura 43 –	Reprodução de comentários na Figura 3 do Quadro 6 .....	97
Figura 44 –	Vista da Ponte Duarte Coelho, Rio Capibaribe e início da Avenida Guararapes na Figura 13 do Quadro 7 .....	99
Figura 45 –	Reprodução de comentários na Figura 13 do Quadro 7 .....	100
Figura 46 –	Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7 .....	100
Figura 47 –	Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7 .....	100
Figura 48 –	Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7 .....	100
Figura 49 –	Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7.....	101
Figura 50 –	Avenida Caxangá durante a cheia de 1966. Fonte Jornal do Commercio .....	102

Figura 51 –	Reprodução de comentário recebido pela Figura 4 do Quadro 8 .....	103
Figura 52 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 4 do Quadro 8 .....	103
Figura 53 –	Figura 1 do Quadro 9, Aeroporto dos Guararapes, 1974 ....	106
Figura 54 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 9 .....	106
Figura 55 –	Figura 2 do Quadro 10 .....	107
Figura 56 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 2 do Quadro 10 .....	108
Figura 57 –	Reprodução de comentário recebido pela Figura 2 do Quadro 10 .....	108
Figura 58 –	Reprodução de mais comentários recebidos pela Figura 2 do Quadro 10 .....	108
Figura 59 –	Figura 1 do Quadro 11, imagens das sacolas de papel que eram distribuídas para os clientes do mercado Bompreço	109
Figura 60 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 11 .....	110
Figura 61 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 11.....	111
Figura 62 –	Ônibus elétrico no centro do Recife .....	113
Figura 63 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 10 do Quadro 12 .....	114
Figura 64 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 10 do Quadro 12 .....	115
Figura 65 –	Pessoas caminham pela Ponte da Boa Vista .....	116
Figura 66 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 4 do Quadro 13 .....	117
Figura 67 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 4 do Quadro 13 .....	118
Figura 68 –	Figura 1 do Quadro 14, Carnaval na Avenida Guararapes	119
Figura 69 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 14 .....	120

Figura 70 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 14 .....	121
Figura 71 –	Morro da Conceição, década de 1910 .....	122
Figura 72 –	Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 15 .....	123
Figura 73 –	Figura 2 do Quadro 16, imagem do tobogã na década de 1970 .....	124
Figura 74 –	Fotografia do tobogã instalado na Rua da Aurora, na década de 1970 .....	125
Figura 75 –	Reprodução de comentário na Figura 2 do Quadro 16 .....	125
Figura 76 –	Reprodução de comentário na Figura 2 do Quadro 16 .....	126
Figura 77 –	Representação circular do conjunto imaginário de uma época .....	134
Figura 78 –	Uma das publicações feitas na página Recife de Antigamente com uma fotografia do Graf Zeppelin, acompanhada por alguns comentários .....	154
Figura 79 –	Mais exemplos de comentários feitos pelos colaboradores na mesma publicação .....	154
Figura 80 –	Outra das publicações feitas na página Recife de Antigamente com uma fotografia do Graf Zeppelin, acompanhada por alguns comentários .....	155
Figura 81 –	Mais exemplos de comentários feitos pelos colaboradores na publicação .....	155

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Elementos iconográficos publicados na página Recife de Anticamente, segundo a quantidade e o ano de publicação	63
Tabela 2 –	Números de curtidas segundo os elementos iconográficos e ano .....	63

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>RECIFE DE ANTIGAMENTE: NASCE UM ÁLBUM COMPARTILHADO.....</b>	<b>20</b>
2.1	EM BUSCA DA HISTÓRIA POR TRÁS DAS RUAS E DAS PONTES DO RECIFE.....	20
2.2	RECIFE DE ANTIGAMENTE: NASCIMENTO DE UM ÁLBUM COMPARTILHADO.....	22
2.3	DO ESPECTADOR EMANCIPADO AO COLABORATIVO: FORMANDO A COLEÇÃO DE IMAGENS.....	26
2.4	VER-SE REFLETIDO NA FOTOGRAFIA DE OUTRAS PESSOAS.....	34
<b>2.4.1</b>	<b>Os vários espelhos de Alice.....</b>	<b>42</b>
2.4.1.1	Pernambuco Arcaico .....	43
2.4.1.2	Antes que Suma.....	45
<b>2.4.2</b>	<b>Juntos para ver as fotografias do álbum e comentar sobre elas.....</b>	<b>47</b>
<b>3</b>	<b>A COMUNIDADE E A CIDADE IMAGINADA PELOS ELEMENTOS ICONOGRÁFICOS.....</b>	<b>52</b>
3.1	O RECIFE NAS IMAGENS: QUERER ADVINHAR OS QUE JÁ PISARAM.....	71
<b>3.1.1</b>	<b>Na tarde de um domingo azul.....</b>	<b>77</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Encontrar interesse vivo numa fachada de azulejos.....</b>	<b>81</b>
3.1.2.1	Cinema é a maior diversão.....	84
3.1.2.2	Outra opção, bem mais alegre, é a do viajante que chega de avião.....	87
<b>3.1.3</b>	<b>Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância.....</b>	<b>88</b>
<b>3.1.4</b>	<b>As modificações da cidade com o passar do tempo.....</b>	<b>95</b>
<b>3.1.5</b>	<b>O Recife das águas.....</b>	<b>97</b>
3.1.5.1	Os rios abraçando a cidade, provocando as pontes.....	98
3.1.5.2	Violentas, aqui, só as enchentes do Capibaribe.....	102
3.2	O RECIFE NAS IMAGENS: A GERAÇÃO DE AGORA E AS GERAÇÕES DE OUTRORA.....	103
<b>3.2.1</b>	<b>Estas, sim, são de um flagrante que lembram os instantâneos de hoje.....</b>	<b>105</b>

3.2.2	Parece uma baleia se movendo no ar.....	107
3.2.3	Orgulho de ser nordestino.....	108
3.2.4	Pelas ruas costurava a cidade nas paralelas bordadas pelo chão...	112
3.2.5	Por ali andaram, por ali sorriram.....	116
3.2.6	Cadê seus blocos famosos?.....	119
3.2.7	Vela acesa, subo o morro para pagar minha promessa.....	122
3.2.8	Histórias que ainda nos encantam quando vamos envelhecendo...	123
3.3	ENVIANDO POSTAIS DE MAURÍLIA.....	127
4	<b>A COMUNIDADE E A CIDADE IMAGINADA.....</b>	<b>132</b>
4.1	A EXPERIÊNCIA DA NOSTALGIA NA RELAÇÃO COM AS IMAGENS	144
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>158</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>162</b>
	<b>ANEXO A – QUADROS TEMÁTICOS.....</b>	<b>165</b>
	<b>ANEXO B – ENTREVISTA COM WILTON CARVALHO FILHO.....</b>	<b>212</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Uma cidade não se revela por completo e de imediato, assim como não o faz uma fotografia. A história escrita em cada uma delas é atravessada pelas experiências dos indivíduos que com elas mantêm alguma relação. Cada olhar, sobre a cidade e sobre a fotografia, acrescenta um retalho a uma grande colcha que vai sendo confeccionada com o passar do tempo. Cada um que se dispuser a observar a cidade ou a fotografia lidará, ainda que por vestígios, com as experiências vividas pelos que por ali passaram. Cada um pode ser tocado por elas e deixar suas próprias marcas que ficarão à espera do próximo observador.

Foi por essa perspectiva da construção coletiva de representações sobre um lugar, enriquecida por outras nuances com o passar do tempo, que teve início meu interesse por comunidades como a formada em torno da página **Recife de Antigamente** ([www.facebook.com/recantigo](http://www.facebook.com/recantigo)). Falo em comunidade pois, em vez de apenas olhar para as imagens publicadas (majoritariamente reproduções de fotografias antigas, mas também de postais, mapas, anúncios e material jornalístico) e seguir adiante, muitas pessoas também expressam suas impressões sobre a imagem, relatam histórias que viveram naqueles lugares ou contribuem com informações como a ocasião em que ela foi feita.

A iconografia da **Recife de Antigamente** desperta sentimentos e memórias diversas que, por sua vez, desembocam em frases sobre afetos, em reflexões sobre preservação e destruição, sobre a consciência da passagem do tempo (a partir de impressões sobre o passado e o presente da cidade, bem como suposições sobre o futuro da mesma) ou na sensação de pertencimento a um grupo, entre outras experiências.

Forma-se um grupo em torno desse conjunto de imagens, no qual as pessoas estão conectadas por certos interesses e compartilham sensações através de seus comentários. Ele nos leva ao questionamento em torno do qual se desenvolve este estudo transdisciplinar: O que há nestas fotografias que faz com que elas se tornem aglutinadoras de experiências pessoais?

No processo de busca pela resposta (ou respostas) para essa pergunta principal, alguns objetivos específicos foram se aglutinando enquanto eu refletia sobre o imaginário relacionado a esta experiência que compreende a partilha de imagens e relatos sobre o passado de uma cidade. Entre eles, o de identificar elementos que caracterizam essa experiência pautada pelo compartilhamento de imagens atreladas a um tema específico, em uma rede social fortemente marcada pela miscelânea de conteúdos apresentada em looping na *timeline* dos seus usuários, como é o caso do *Facebook*.

Para desenvolver esta parte do estudo, as principais bases teóricas foram as pesquisas da brasileira Raquel Recuero (2009), sobre as redes sociais na internet, da holandesa José van Dijck (2013), sobre a cultura da conectividade, e a do norte-americano Clay Shirky (2011), sobre a cultura da participação. As especificidades da página **Recife de Antigamente** foram vistas em diálogo com obras e projetos artísticos que exemplificam como discussões sobre o espaço urbano têm surgido nos últimos anos na capital pernambucana.

Essas são fontes para o primeiro capítulo, ao qual os dois outros estão entrelaçados como fios retorcidos para compor uma corda. Em cada um deles, o foco muda para um aspecto da experiência que se configura na interação das pessoas na página **Recife de Antigamente**. Se a primeira parte destaca características da interação social em uma comunidade virtual com tema específico, o segundo capítulo da dissertação se aprofunda na observação das fotografias. Devido à constante atualização da página com a publicação de novas imagens, e o fato de que havia um prazo para a conclusão desta dissertação, tornou-se necessário esclarecer que, no conjunto apresentado neste estudo, não estão “as imagens que mais mobilizaram os colaboradores da página **Recife de Antigamente**”, e sim “as imagens que mobilizaram os colaboradores da página **Recife de Antigamente** de 2015 a 2016”.

Este recorte temporal foi estabelecido levando em consideração que este foi um período de atividade crescente na página, algo mensurável pela quantidade de publicações registradas durante a pesquisa e também pelas informações concedidas pelo fundador da **Recife de Antigamente**, Wilton Carvalho Filho. Além disso, a decisão foi tomada com o intuito de que a pesquisa estivesse de acordo com o calendário do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCom/UFPE).

Como metodologia para definir o grau de mobilização gerado em torno dessas fotografias, propus uma combinação de critérios a partir das próprias ferramentas disponibilizados pelo *Facebook* para que seus usuários interajam com as imagens publicadas na rede social – curtindo, compartilhando ou comentando o conteúdo. Os dados foram compilados em uma tabela no programa LibreOffice Calc.

Do conjunto inicial, composto por 2265 imagens, foram separadas as publicações que alcançaram ou ultrapassaram a marca de 1 mil curtidas. Esse critério, baseado na popularidade alcançada pela publicação, foi adotado como uma peneira inicial, e com ele foi estabelecido um subconjunto formado por 166 imagens.

Ao observar este terceiro recorte, foram identificadas as imagens mais populares com base no número de curtidas. Mas também foi observado se havia regiões, construções, monumentos mais recorrentes nestas fotografias. Identificados alguns eixos temáticos, as

imagens foram separadas em grupos, formatados como tabelas para melhor visualização e compreensão.

Nesta etapa já foi possível identificar alguns elementos relevantes para o estudo proposto, como a existência de muitas imagens da praia da Boa Viagem e da Avenida Guararapes ou a tímida representação das imagens do Carnaval. E, junto a isso, houve a revelação de que a imagem mais curtida de todo o período considerado para a dissertação não remetia a um espaço e, sim, a um objeto: Trata-se de uma foto de uma sacola de supermercado.

Como bases teóricas para esta parte da dissertação, no qual se olha para as representações imagéticas de um espaço urbano, foram reunidos estudos de pesquisadores como o francês Jacques Rancière (2012), relativos à figura do espectador emancipado; do norte-americano Stephen Shore (2014), com sua discussão sobre as diversas maneiras de se olhar uma fotografia; o brasileiro Paulo Cesar da Costa Gomes (2013), que trabalha com a geografia da visibilidade; o espanhol Francisco Jarauta e do brasileiro (2001), em suas reflexões sobre o espaço urbano.

E mais uma vez, o conteúdo da página foi posto em diálogo com outras representações do Recife. Desta vez, com trechos de poemas, músicas e filmes; obras de autores como Gilberto Freyre (2005) e Mario Sette (1939) ou uma produção coletiva como o **Guia Comum do Centro do Recife**.

É como se fosse desenhada a primeira camada de um mapa possível da cidade, uma representação com os lugares que mais chamaram a atenção das pessoas envolvidas com a página **Recife de Antigamente**. A segunda camada do mapa ganha contornos com o que é apresentado no terceiro capítulo, baseado nas declarações das pessoas sobre as imagens. A ponte entre os dois capítulos é construída com matéria-prima das Cidades Invisíveis do italiano Italo Calvino (2003).

Durante o período em que observei a dinâmica da página Recife, vi que os comentários feitos pelas pessoas poderiam ser mais objetivos, como a identificação do período ou localidade em que a imagem teria sido feita, até os mais subjetivos, como relatos de memórias da infância, expressões de nostalgia, comparações entre o passado e o que se vive hoje ou desejos de preservação e modernização (com concepções diferentes).

Foram selecionados comentários entre os que estavam atrelados às imagens mais populares da página, também em virtude da exiguidade de uma dissertação de mestrado, pois a partir deles poderiam ser desdobrados diversos estudos. Eles foram organizados de acordo com o que o brasileiro Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999) desenvolve sobre os conceitos de topocídio, topo-reabilitação, topofilia e topofobia. Os dois últimos levaram às pesquisas do

chinês Yi-Fu Tuan (1983), na qual as definições de espaço e lugar são dadas pela perspectiva da experiência.

A pesquisa da holandesa José van Dijck sobre as *mediated memories*, na qual a memória é vista como um processo, e não como repositório de lembranças, foi trazida para iniciar o caminho trilhado para se chegar aos estudos sobre o imaginário, aqui representado pelo francês Gilbert Durand (2011) e pelo brasileiro Eduardo Duarte (2000), que já havia observado a instalação e transformação de um olhar estético sobre a cidade do Recife que experimentava a chegada do cinema.

O terceiro fio completa a corda com sensações e histórias evocadas pelos que veem as imagens da **Recife de Antigamente**. Dispostas em narrativas que leio recorrendo ao alemão Walter Benjamin (1994) e sugerindo um mapa para quem busca outra cidade imaginada.

## 2 RECIFE DE ANTIGAMENTE: NASCE UM ÁLBUM COMPARTILHADO

“O presente não se detém. Não poderíamos imaginar um presente puro; ele seria nulo. O presente sempre tem uma partícula de passado, uma partícula de futuro. E parece que isso é necessário ao tempo”.

(BORGES, 2017)

### 2.1 EM BUSCA DA HISTÓRIA POR TRÁS DAS RUAS E DAS PONTES DO RECIFE

As cidades extrapolam a capacidade de síntese dos mapas e demais representações elaboradas pelos seres humanos. Para conhecê-las, com profundidade, é preciso buscar pelo que está guardado nas entrelinhas das cartografias, observar a vida que floresce entre seus espaços naturais e construídos, compreender que nela se misturam passado e presente, assim como o público e o privado. Elas estão mais para a soma do que para o resumo.

Pela definição do arquiteto e urbanista Lúcio Costa (1995, p. 277) a “Cidade é a expressão palpável da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca – numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico”. E, sendo assim, a construção de um porto faz parte dos primórdios da formação do Recife, o que não deixa de ser uma expressão das necessidades de organização e troca de um agrupamento humano em determinado contexto histórico. Além disso, os historiadores Carlos Bezerra Cavalcanti e Vanildo Bezerra Cavalcanti lembram que

[...] A cidade do Recife começou a se desenvolver em volta da “Ermida de Santelmo”, capela que invocava o santo do facho azul, protetor dos navegantes. Era uma pequena colônia de pescadores e de humildes “portuários”, chamada, pelos olindenses, de “O POVO”. As construções das primeiras casas e o conseqüente arruado da “ribeira do mar dos arrecifes dos navios”, não seguiam plano algum, eram feitas ao Deus dará, ou conforme a conveniência dos que ali se fixavam. Os passeios públicos, nessa época, eram bastante estreitos e um deles, o “Beco do Passa a Perna”, por exemplo, se atravessava com uma simples passada. (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2010, p. 17).

Nesse mesmo trabalho (p.19) esses historiadores retomam seus comentários sobre as transformações atreladas ao crescimento daquele povoamento. A capela dedicada ao protetor dos navegantes passou, de Ermida à Matriz do Corpo Santo “da Freguesia de São Frei Pedro

Gonçalves, demolida por ocasião dos trabalhos de reforma que ‘modernizaram’ todo o bairro portuário”. Nota-se como, já naquela época, obras eram feitas para remodelar aquela região.

Além do que as cidades se transformam com o passar do tempo e das gerações. Mas o fato de que o surgimento de ruas pode fazer com que outras desapareçam, junto com casas, igrejas e outras edificações do entorno, não é algo que se observe apenas pelo plano físico. Essa percepção tem, muito, a ver com a história da cidade ou, segundo as palavras escolhidas pelos autores, com a nossa história e alteração da paisagem urbana, visto que

O Recife mudou muito em suas feições urbanas, principalmente com as obras de modernização do porto que modificou todo aquele bairro, culminando com a demolição da Matriz do Corpo Santo, em 1913, que tinha muito a ver com nossa história. A Avenida Alfredo Lisboa fez desaparecer as ruas do Farol, Tomé de Souza, do Comércio, dos Tanoeiros, onde nasceu Frei Caneca, o Largo do Forte dos Matos, entre outros logradouros; a Avenida Marquês de Olinda, por sua vez, contribuiu para o desaparecimento das Ruas da Cadeia Velha, do Encantamento, do Carcereiro, da Balça e do Beco do Catimbó; com o surgimento da Avenida Rio Branco, sumiram as ruas da Senzala Velha e Nova e o Beco do Passa a Perna, de que falamos anteriormente. (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2010, p. 27-28).

O mesmo tipo de olhar pode ser lançado para algo como o próprio porto do Recife em suas diversas configurações. Estrutura pensada para o transporte de pessoas e mercadorias, ele também produz um impacto de outra ordem na localidade onde foi construído. Ao facilitar o contato de pessoas nascidas em diferentes localidades, o ir e vir característico de um porto, assim como o de uma estação de trem, o de um aeroporto, também engloba o trânsito de costumes, modas, bens simbólicos.

À existência de tal construção na configuração daquela que mais tarde se tornaria a capital pernambucana, substituindo Olinda, somam-se várias outras peças para que se componha o painel recifense. Entre elas estão justamente as modificações promovidas em seu território, o que gerou implicações para o cotidiano das gerações futuras.

Ainda considerando a circunstância físico-social e o contexto histórico destacados por Lúcio Costa (1995) em sua afirmação, torna-se relevante, ao falar sobre uma cidade como Recife, comentar que a capital pernambucana, assim como cidades de outros estados brasileiros, passa por uma fase de grande transformação urbanística. Ela é uma capital marcada por contrastes, na qual a população cresce, a economia se transforma, mas ainda há muita desigualdade social. Projetos são propostos por profissionais ligados à área de urbanismo ou demandados pelos demais habitantes e, por vezes, os modelos de ocupação da cidade que surgem dessa dinâmica podem ser conflitantes.

Esse quadro é propício para que haja uma reflexão sobre os múltiplos aspectos existentes neste processo de crescimento urbano, tais como questões ligadas ao conceito de patrimônio histórico, à relação entre corpo e ambiente ou às consequências de decisões particulares para o bem-estar da coletividade.

Todo esse preâmbulo é para falar da página eletrônica objeto de estudo dessa Dissertação. A análise da página eletrônica **Recife de Antigamente** revelou que todos esses assuntos são abordados em suas publicações. E é dela que trataremos nos próximos tópicos.

## 2.2 RECIFE DE ANTIGAMENTE: NASCIMENTO DE UM ÁLBUM COMPARTILHADO

A página eletrônica **Recife de Antigamente**, disponível no endereço eletrônico, foi criada em 2012, no site de rede social *Facebook*, pelo nutricionista Wilton Carvalho Filho. Em outubro de 2016, ela já havia recebido mais de 100 mil curtidas de usuários do site. Em julho de 2017, o número de curtidas por parte dos usuários já era superior a 132 mil e ela permanecia em atividade (Figura 1).

Das 6.193 imagens disponíveis na linha do tempo da página, 843 foram publicadas por outras pessoas que não usaram o perfil do administrador. Nem todas essas imagens são fotografias, há também reproduções de pinturas, de textos jornalísticos e alguns convites para eventos relacionadas à temática da página, por exemplo.

Além dos álbuns que são preenchidos pelo próprio *Facebook* a partir das imagens que o usuário publica para serem usadas em cada parte da página (Fotos da Linha do Tempo, Fotos de Capa, Fotos de Perfil) ou cria utilizando Dispositivos Móveis, alguém com acesso ao perfil de administrador<sup>1</sup> da **Recife de Antigamente** criou 70 conjuntos. A maior parte deles está sem nome e é formada por apenas uma imagem, com exceção dos intitulados Álbum de Família e Graf Zeppelin.

Wilton Carvalho Filho nasceu em Fortaleza e atualmente mora na capital pernambucana. “Cheguei no Recife em 1980 com 8 anos, pois meu pai era militar e foi transferido para trabalhar em Recife. Me considero um recifense de coração, aqui estudei, trabalho e conheci pessoas maravilhosas” (CARVALHO FILHO, 2017).

Mesmo sendo breve, o depoimento do fundador da página **Recife de Antigamente** carrega indícios de algumas vivências capazes de conectar as pessoas aos lugares, de fazer com que alguém seja capaz de sentir como se tivesse nascido em uma cidade: Experiências da vida

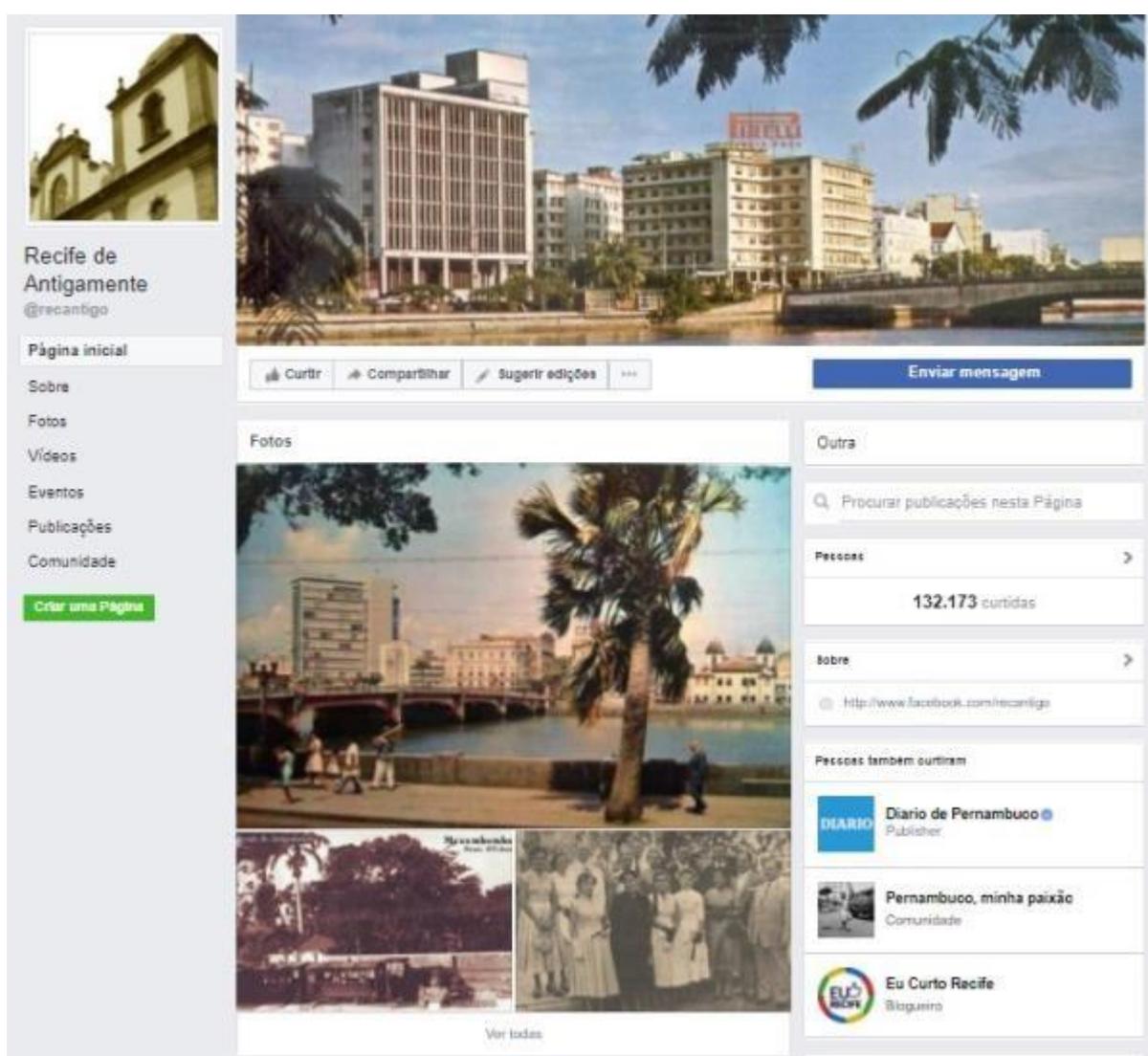
---

<sup>1</sup> Estes números foram informados pelo próprio Facebook, para acesso no dia 29/07/2017.

comum, tais como estudar e trabalhar, além das relações estabelecidas com os outros habitantes. Em entrevista para uma reportagem publicada pelo Jornal do Commercio, Wilton Carvalho Filho relata que sentia mesmo um desejo de conhecer mais sobre a capital onde passou a morar

Aqui, a coisa é muito forte na música, nas artes, nos monumentos. Me apaixonei e desde novinho, como se fosse um historiador e antes mesmo do boom da internet, eu frequentava o Museu da Cidade, a Fundação Joaquim Nabuco, para entender a história por trás das ruas e das pontes (CARVALHO FILHO citado por MESQUITA, 2015).

Figura 1 – Aspecto geral da página **Recife de Antigamente** no *Facebook*



Mais adiante a questão das experiências vividas, que nos conectam aos lugares será apresentada, com maior profundidade, porém, antes disso, faz-se necessária uma introdução

sobre outro ponto relacionado à criação da página **Recife de Antigamente**: o interesse do seu criador por fotografias antigas

Gosto de fotos antigas de pessoas, lugares, automóveis, bondes, entre outras coisas. Essa paixão começou olhando álbuns de fotos de minha família. Analisava o estilo das roupas, dos automóveis, das ruas, das casas e ficava fascinado quando poderia comparar as fotos antigas com fotos atuais, analisando as mudanças ocorridas com o tempo (CARVALHO FILHO, 2017).

O apreço pelas fotografias antigas não conduziu Wilton Carvalho Filho para uma relação com o ato de fotografar, que fosse diferente da que é experimentada, corriqueiramente, por muitas pessoas: “apenas tiro fotos de algum evento específico como, aniversários, viagens, mas não passa disso. Já fiz alguns álbuns com fotos antigas da família e viagens também” (CARVALHO FILHO, 2017). A área de atuação profissional do colecionador também não está ligada à iconografia ou à história da cidade, afinal ele é formado em Marketing e Nutrição, com pós-graduação em Vigilância Sanitária. Segundo ele mesmo diz

Comecei a colecionar fotos antigas da família e posteriormente passei a procurar fotos do Recife em livrarias e bancas de revistas, onde comprava cartões postais. Essa prática adquiri em 1980, quando cheguei ao Recife (CARVALHO FILHO, 2017).

O acesso à internet ampliou o acesso do próprio colecionador ao tipo de material que o interessava. Além de disponibilizar novas fontes de pesquisa, a internet também potencializou o alcance da coleção de Wilton Carvalho Filho e, se antes ele recorria às livrarias e bancas de revistas, agora poderia conferir alguns acervos. Conforme seu esclarecimento

Depois foram surgindo blogs e sites sobre o Recife com fotos antigas e fui baixando e armazenando. Hoje alguns órgãos do Estado e da Prefeitura do Recife disponibilizam textos e fotos antigas, como exemplo temos a Fundação Joaquim Nabuco, a Fundarpe, o Instituto Moreira Salles, entre outros. Os amigos que seguem a página também contribuem muito nos enviando fotos antigas, seja da cidade como também de familiares (CARVALHO FILHO, 2017).

Some-se o fato que o acervo deixou de ser algo restrito ao colecionador e a pessoas mais próximas dele para se tornar um conjunto que poderia ser visto, e interpretado, por um número muito maior de pessoas. O fato é que Carvalho Filho mostra que

A ideia de criar a página **Recife de Antigamente** surgiu com a vontade de compartilhar com amigos a minha coleção de fotos e a página seria um canal para isso. Eu convidaria os amigos para curtir e, assim, eu iria disponibilizando as fotos sempre que tivesse tempo. Isso foi em 2012. Antes de criar a página, eu tinha o costume de mostrar as fotos antigas para amigos que eventualmente me visitavam, nunca tinha criado antes uma página para esse fim (CARVALHO FILHO, 2017).

Com o tempo, o alcance do material publicado extrapolou o círculo de amizades de Wilton Carvalho Filho. Na prática, o criador da página acabou conhecendo novas pessoas, que compartilhavam com ele o apreço por fotografias antigas ou sentiam curiosidade em relação ao passado da capital pernambucana.

Com esta ampliação vimos que no início de 2017, das 113.929 curtidas recebidas pela página, 110.814 eram provenientes de pessoas que informaram estar no Brasil e outras 3.115 curtidas foram de usuários que marcaram outros países em seus perfis no *Facebook*. Dentre estes últimos, os Estados Unidos aparecem na segunda posição, mas com uma diferença considerável no número de curtidas (Figura 2).

Figura 2 – Dados relacionados às pessoas que curtem a página **Recife de Antigamente** no *Facebook*



A cidade do Recife ocupa, com folga, o primeiro lugar em relação ao número de fãs (57.939 na época), seguida por três cidades da região metropolitana e por São Paulo. Detalhando um pouco mais o perfil dos curtidores da página<sup>2</sup>, 52% são homens e 48% mulheres. Nos dois casos, a faixa etária predominante é a de 25-34 anos (14% dos homens e 18% das mulheres). Em terceiro e quarto lugares, estão os grupos compostos por aqueles que informaram ter de 18 a 24 anos (12% dos homens e das mulheres) ou de 35 a 44 anos de idade (10% mulheres e 11% homens).

A predominância destas três faixas etárias pode ser lida em comparação com os números relativos ao perfil geral dos usuários do *Facebook*. Mas, considerando a especificidade do objeto de estudo nessa dissertação, os números indicam como pessoas que nem eram nascidas ou eram muito jovens quando boa parte das fotografias publicadas na página foi feita demonstram interesse por elas.

Com o passar do tempo, a página começou a atrair outras pessoas que também tinham apreço por fotografias antigas da cidade e Wilton Carvalho Filho ganhou alguns colaboradores. Uma das pessoas destacadas pelo criador da página é Fernando Sirqueira, que contribui com cerca de 20% das postagens e começou a contribuir com a página em 2014. Dois anos depois, a **Recife de Antigamente** passaria a contar também com Tulio Couceiro, a quem Wilton credita 40% do conteúdo publicado (os outros 40% são de responsabilidade do próprio criador da página).

Há também pessoas que já se tornaram conhecidas do administrador da página, por serem contribuidores mais assíduos, a quem ele cita: Rosa Bezerra, Rogério Carvalheira, Felipe Torres, Carlinhos Araújo, Fernando Alves, Tarcisio Couceiro.

### 2.3 DO ESPECTADOR EMANCIPADO AO COLABORATIVO: FORMANDO A COLEÇÃO DE IMAGENS

A ampliação, nos últimos anos, do uso de redes sociais e dos dispositivos móveis é um ponto importante a ser considerado quando se observa a comunicação na página **Recife de Antigamente**. Ela está associada a uma dinâmica que se dá de maneira mais “pulverizada”, com um grande número de pessoas aptas a exercer o papel de gerador e propagador de conteúdo, delineando outras narrativas para além das que, comumente, se perpetuam com mais

---

<sup>2</sup> Os dados, contabilizados pelo Facebook, são disponibilizados para os administradores de páginas no site. Eles foram coletados por Wilton Carvalho Filho, com o intuito de serem compartilhados com a pesquisa, no dia 06/01/2017, às 12:38 (horário de verão no Recife).

força nos acervos e narrativas históricas oficiais. E, desta maneira, entre as dinâmicas sociais impactadas pela popularização da tecnologia digital estão as que são ligadas aos processos de construção da memória, seja ela individual ou coletiva.

Ao deparar-se com as fotografias disponibilizadas nas redes sociais ou em blogs, as pessoas podem, simplesmente, passar por elas sem conceder-lhes muita atenção. Mas também podem, como já foi dito, sentirem-se capturadas de alguma maneira por aquelas imagens e serem instigadas a refletir sobre elas. No caso dos grupos estudados nesta dissertação, há muitos exemplos deste segundo comportamento. O espectador, em casos como estes, não é apenas um receptor de informações. Ele se aproxima da figura do espectador emancipado descrita por Jacques Rancière (2012). Para o filósofo francês, o espectador não se encontra em uma condição passiva que precisa ser transformada em atividade. Ser espectador seria a nossa situação normal. “Aprendemos e ensinamos, agimos e conhecemos também como espectadores que relacionam a todo instante o que veem ao que viram e disseram, fizeram e sonharam” (RANCIÈRE, 2012, p. 21).

A emancipação do espectador tem início quando ele passa a questionar a existência de uma oposição existente entre o olhar e o agir. Ou seja, ela ocorre ao se entender que algo ligado à estrutura da dominação e da sujeição é o que estrutura, como opostas, as relações do dizer, do ver e do fazer. De fato, a emancipação começa

[...] quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições. O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema, com os elementos do poema que tem diante de si (RANCIÈRE, 2012, p. 17).

As pessoas que interagem em páginas como a **Recife de Antigamente** guardam semelhanças com o espectador que se comporta como aluno ou intelectual, seguindo a comparação estabelecida por Jacques Rancière (2017). Elas também observam, selecionam, comparam e interpretam. Relacionam o que veem nas imagens com o que viram em outros lugares ou experimentaram em situações similares, por exemplo. Compõem seu próprio poema, como diz o filósofo francês, a partir dos elementos que têm diante de si. Emocionam-se ao lembrar de algum passeio em família, ao se depararem com a recordação fotográfica de uma tarde vivida no parque por algum desconhecido. As imagens, neste contexto são, como janelas para que tais pessoas vivam uma experiência na qual conectam épocas e espaços distintos. A fotografia é atravessada por vários tempos. O registro feito no passado é revisto e reinterpretado

a cada olhar, de acordo com a memória pessoal cultural de cada indivíduo, em relação com a memória cultural da época e do grupo social ao qual cada um pertence. O olhar, neste caso, estabelece relações significativas. Nas palavras de Vilém Flusser

O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis (FLUSSER, 1985, p. 7)

Coincidentemente, a própria *timeline* de uma rede social como o *Facebook* não é configurada para ser vista com um movimento linear em direção a um final preestabelecido. As publicações vão se seguindo em um fluxo contínuo. Além disso, a internet potencializa a quebra da linearidade, estimula a interatividade, descentralização e hipertextualidade. Mas, voltando à concepção de um espectador emancipado, de Jacques Rancière (2012) podemos inseri-lo neste contexto em que, no lugar de ser visto como alguém que recebe os produtos culturais criados e distribuídos por uma minoria, as pessoas são estimuladas a produzir o conteúdo a ser consumido, de forma conjunta, por outras pessoas. Isto aproxima do pensamento de Clay Shirky (2001). Para ele, “algo que torna a era atual notável é que podemos agora tratar o tempo livre como um bem social geral que pode ser aplicado a grandes projetos criados coletivamente, em vez de um conjunto de minutos individuais a serem aproveitados por uma pessoa de cada vez” (SHIRKY, 2001, p. 15). Um exemplo claro deste tipo de ação coletiva é a própria Wikipédia (“um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web, escrito de maneira colaborativa”<sup>3</sup>), mas há vários outros pela internet. Mesmo no caso de plataformas de publicação de vídeos, por exemplo, que também não são de consumo passivo. Com suas caixas de comentários e ferramentas como ícones para acionar as funções de “compartilhar” e “curtir” elas organizam práticas dos espectadores e buscam, cada vez mais, modos de facilitar a vida das pessoas no sentido de que elas possam compartilhar algo com seus contatos, comentar, avaliar ou organizar o material em listas próprias de exibição.

Comunidades como a que se formou em torno da página **Recife de Antigamente** também são um exemplo desta experiência de produção coletiva de conhecimento. Além de curtir e compartilhar as fotografias publicadas, ações básicas estimuladas pelas ferramentas oferecidas pela rede social na qual a página está hospedada, algumas pessoas dão um passo

---

<sup>3</sup> Descrição publicada na página da própria Wikipedia.

além ao se engajar na iniciativa proposta pelos criadores destes espaços virtuais compartilhando itens de seu acervo particular ou acrescentando informações sobre as imagens já publicadas – tais como identificação da ocasião em que as imagens podem ter sido feitas, localidade ou autoria.

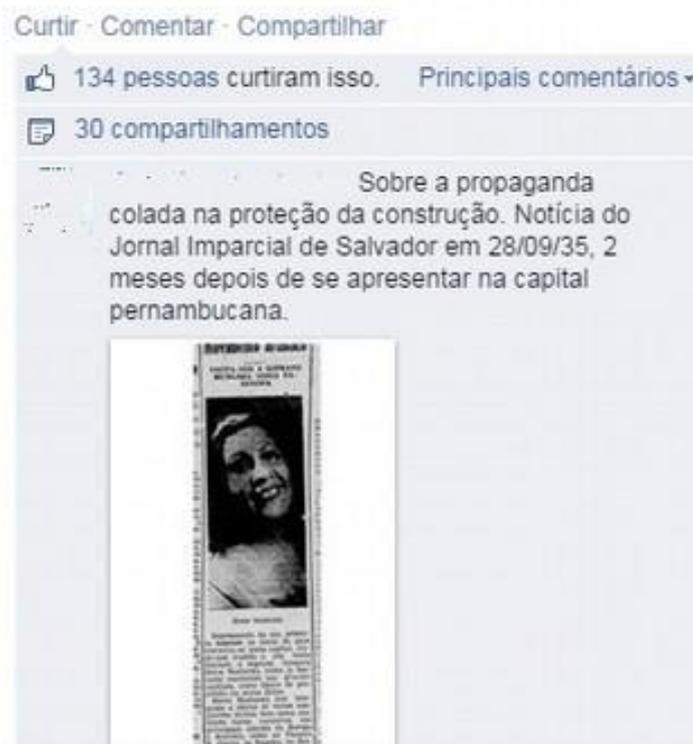
Indícios desse fenômeno podem ser encontrados nos comentários escritos por essas pessoas. Através deles, muitos colaboradores destes grupos acrescentam informações que complementam os sentidos da imagem. Entre as diversas publicações da página **Recife de Antigamente**, nas quais observou-se esta prática, escolheu-se um exemplo reproduzido na Figura 3. Ao publicar a referida montagem fotográfica, o administrador da página escreveu a seguinte legenda: “Mais um registro do Sr. Ivan Granville em julho de 1935, dessa vez da construção do Banco Auxiliar do Commercio (foto do lado esquerdo) no bairro de Santo Antônio, na descida da ponte Maurício de Nassau. Foto enviada por sua neta, Danniele Granville”.

Figura 3 – Reprodução de publicação na página **Recife de Antigamente**



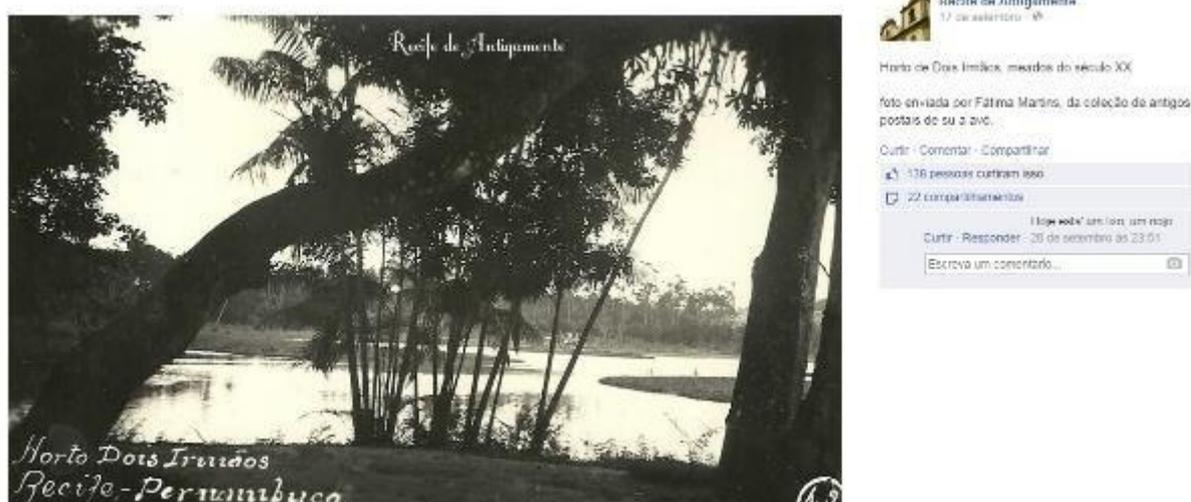
Após ter acesso à informação, um dos comentaristas contribuiu com a reprodução de um recorte de jornal em que se lia uma pequena matéria sobre apresentações da soprano húngara Sonia Nazinowa. A imagem foi publicada por ele e acompanhada pelo seguinte comentário: “Sobre a propaganda colada na proteção da construção. Notícia do Jornal Imparcial de Salvador em 28-09-35, 2 meses depois de se apresentar na capital pernambucana” (Figura 4).

Figura 4 – Reprodução de comentário feito em publicação na página **Recife de Antigamente**



Percebeu-se que, também, há espectadores que enviam as imagens do seu acervo particular para página. Este foi o caso da pessoa identificada pelo autor da publicação como Fátima Martins (Figura 5). Ela compartilhou a reprodução de um dos postais da coleção da avó, com o registro do Horto de Dois Irmãos – Recife.

Figura 5 – Reprodução de publicação na página **Recife de Antigamente**



O comentarista da Figura 4 e a espectadora que enviou a imagem 5 para ser publicada não o fizeram por obrigação. Não há um retorno financeiro previsto, apenas a satisfação de compartilhar com os outros e um senso de coletividade, o que não é pouca coisa.

Outro elemento recorrente nestas páginas é a comparação feita entre o que se vê na imagem e o que se vivencia no Recife contemporâneo. Na publicação do postal do Horto de Dois Irmãos, por exemplo, entre os comentários em destaque está o de um usuário que escreveu: “Hoje está um lixo, um nojo”. Em casos como este, com destaque, nota-se como a leitura das fotografias pode ser feita por seus observadores também pela perspectiva da construção de um futuro. Areladas a essa possibilidade, a nostalgia, a capacidade de se identificar com algo que a pessoa não viveu diretamente, ou mesmo a descoberta de algo que não existe mais no lugar onde se nasceu ou no qual se habita, ao menos não daquela mesma maneira, surgem como uma espécie de força motriz desses pensamentos.

A experiência de olhar para tais fotografias antigas leva a pensar sobre várias questões relacionadas à cidade como um lugar em constante transformação, no qual convivem diferentes experiências.

Para isso, pode-se remeter aos comentários encontrados na página sobre mudanças nos espaços públicos do Recife e nas construções que fazem parte da paisagem, assim como apontamentos sobre as atividades cotidianas que se desenvolvem (ou se desenvolviam) em certas áreas da capital pernambucana, tais como lazer ou comércio, por exemplo. Exemplos destas conexões serão mostrados nos capítulos seguintes.

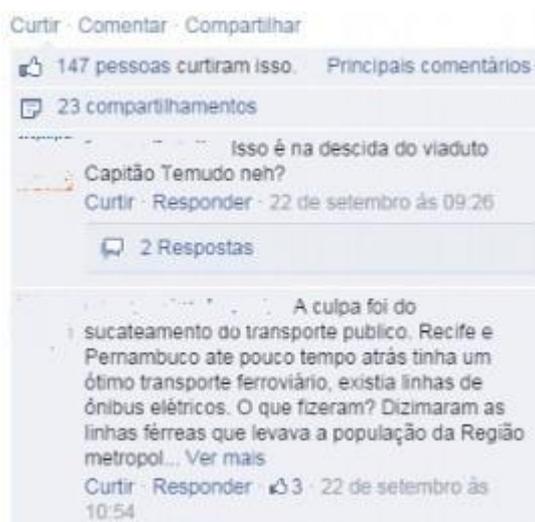
Às vezes, as comparações e ligações entre passado, presente e futuro se dão de maneira espontânea, como visto na publicação do Horto de Dois Irmãos. Em outras, a contribuição é estimulada pelo mantenedor da página. Como neste texto de 22 de setembro de 2014 (Figura 6) publicado na **Recife de Antigamente**, junto com a fotografia feita em um viaduto tomado por carros. “Bom dia amigos. Hoje é o Dia Mundial Sem Carro, data criada para provocar a reflexão sobre os transtornos causados pela quantidade de carros em circulação, sobretudo nos grandes centros urbanos. E aí, qual o seu comentário sobre o assunto? Deixe sua opinião”.

Figura 6 – Reprodução de publicação na página **Recife de Antigamente**



Entre os comentários destacados na página, um usuário do *Facebook* perguntou se a imagem era referente ao Viaduto Capitão Temudo. Outra pessoa comentou, mas de acordo com o questionamento feito quando da publicação da fotografia. Dialogando com o tempo presente, o comentário encontra respaldo, para o trânsito intenso, em uma justificativa no desmonte da malha ferroviária (Figura 7).

Figura 7 – Reprodução de comentário feito em publicação na página **Recife de Antigamente**



Ou ainda em casos nos quais nota-se como há um paralelismo entre um fato que ganhou um registro em uma publicação (o enterro a irmã de um político) e as experiências do cidadão “comum”. Ao publicar uma das fotografias que recolheu (Figura 8), encontrada na Revista de Pernambuco, o administrador da página **Recife de Antigamente** escreveu o seguinte:

“Enterramento da Senhorita Anna Coimbra, irmã do Vice-Presidente da República, Estácio Coimbra. Coche Fúnebre em frente à residência da Sra. Francisca de Albuquerque de Coimbra, sua genitora, à Rua D. João Perdigão (R. Princesa Isabel). Dezembro de 1925. Revista de Pernambuco”.

Figura 8 – Reprodução de publicação na página **Recife de Antigamente**



Em seguida, o administrador de outra página, intitulada Recife e Olinda: registros do passado, complementou a publicação com a reprodução de outra fotografia antiga (Figura 9) e o comentário: “Recife - Encruzilhada - 1963 - Acervo DP - Registro importante, pois muitos membros dessa página, creio eu, passaram por aí nas suas infâncias”.

Figura 9 – Reprodução de comentário na página **Recife de Antigamente**



Essa relação complementar, facilitada pelas características da internet, pode ajudar a construir um retrato, bastante rico, de uma sociedade, uma vez que também contempla aspectos que não costumam entrar nas narrativas oficiais. A possibilidade de se construir uma representação<sup>4</sup> mais completa de uma cidade, revelada pelas ações dos colaboradores dessas páginas e que pode se tornar objeto de estudo, não é a única questão em jogo. Há, também, uma dimensão pessoal, relacionada à experiência da nostalgia, da sensação de pertencimento, da vontade de se compartilhar algo com os outros.

Em linhas gerais, é mais provável que a vida de alguém ligado às esferas políticas seja contemplado em livros de história do que a de outros cidadãos que compartilharam um mesmo espaço, ainda mais se levarmos em consideração que álbuns de família podem, nunca, chegar às mãos de um pesquisador, por exemplo. A História vista de baixo interessa a bem poucos. Mas uma não é mais importante que a outra, e as infâncias vividas em um determinado lugar podem ser tão ou mais marcantes para que se compreendam representações de uma cidade do que fatos que ganharam registros em meios de comunicação ou livro de história.

#### 2.4 VER-SE REFLETIDO NA FOTOGRAFIA DE OUTRAS PESSOAS

O interesse por imagens, que representam o passado da cidade, apresentado pelo fundador da **Recife de Antigamente**, guarda algo semelhante ao gosto de outros colecionadores amadores deste tipo de material. A existência de comunidades como a que se desenvolve em torno desta página criada no *Facebook*, ainda, permite identificar algumas características da relação que as pessoas podem estabelecer com as imagens, expressões de fobia ou filia que nascem a partir do impacto provocado pelo que veem ali representado.

Nota-se que nestes grupos, em muitos casos, a experiência de algumas pessoas não fica restrita aos atos de observar e talvez compartilhar fotografias de um determinado espaço. Há algo nessas imagens que é capaz de suscitar algo mais profundo em alguns indivíduos. Alguma coisa, ou um conjunto de coisas, que as estimula a se engajar e contribuir com os demais. Tais pessoas serão chamadas de colaboradores neste estudo.

Com as imagens se busca representar alguma coisa, de alguma maneira fazer presente algo que está em outro espaço ou tempo. Vilém Flusser (1985) as define como resultado de um

---

<sup>4</sup> O conceito de representação aqui utilizado se baseia em Roger Chartier (2002, p. 20), segundo o qual, “a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. 2ª ed. Lisboa: Difel. 2002

esforço em abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais existentes, conservando apenas as do plano. Para o pesquisador, elas

Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação. No entanto, a imaginação tem dois aspectos: se de um lado, permite abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro permite reconstruir as duas dimensões abstraídas na imagem. Em outros termos: imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens (FLUSSER, 1985, p.7).

A ideia de que as imagens eternizam momentos ainda é muito difundida, mas Vilém Flusser ressalta que elas substituem eventos por cenas. O pesquisador também destaca que o observador olha para as imagens técnicas como se elas fossem janelas, e não imagens, devido ao caráter aparentemente objetivo que elas possuem. A explicação deste autor ajuda a compreender as crenças na imagem fotográfica como espelho ou fruto de um momento cristalizado. “O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo” (FLUSSER, 1985, p. 28).

Tendo em mente que esta aparente objetividade das imagens técnicas é uma ilusão, iniciamos a análise da experiência estabelecida com as imagens por parte dos colaboradores da página **Recife de Antigamente**. Porém, antes de detalhar o modo como eles parecem interpretá-las, se faz importante pontuar a relação do espectador no ambiente virtual, que pressupõe uma postura mais ativa. Não que antes ele não refletisse sobre o que lhe era mostrado, mas o que muda, atualmente, é que, em muitos casos, a reação de cada espectador pode ser expressada com um alcance e uma permanência maiores. O consumo e a produção de conteúdo estão, cada vez, mais imbricados. O que transforma, também, o contato do espectador com os outros.

O pesquisador Stephen Shore nos lembra que as fotografias, enquanto objeto, podem ter usos diversos e ressalta que o próprio contexto no qual elas são vistas importa

Como objeto, uma fotografia tem vida própria no mundo. Pode ser conservada numa caixa de sapatos ou num museu. Pode ser reproduzida com fins informativos ou publicitários. Pode ser comprada ou vendida. Pode ser contemplada como objeto utilitário ou como obra de arte. O contexto em que uma foto é vista afeta os significados que o observador extrai dela (SHORE, 2014, p. 26).

Partindo dessa afirmação, chegamos ao fato de que, entre as possibilidades para o colecionismo fotográfico, nem todas se pautam por critérios como o valor histórico de uma

reprodução, a relevância do autor da imagem para a história da fotografia ou preço que pode ser alcançado no mercado de arte. Tais coisas podem ser levadas em consideração, ou serem descobertas mais tarde, mas, para algumas pessoas, colecionadores ou artistas, o interesse está na chamada fotografia vernacular por motivações diferentes dessas que foram elencadas no início deste parágrafo. Assim, com seu garimpo de imagens, Wilton Carvalho Filho coloca uma série de fotografias antigas do Recife em um novo contexto, o álbum virtual de uma página de *Facebook*. Isto permite que novos observadores lancem seus olhares sobre elas. A prática de recuperar fotografias perdidas ou descartadas, para preservá-las, voltar a exibi-las ou mesmo utilizá-las como matéria-prima em obras de arte é compartilhada por diversas pessoas ao redor do mundo. Tanto que ela recebeu um nome específico, Found Photography<sup>5</sup> (ou Fotografia Encontrada, como também é chamada) e exemplifica a relação multifacetada que os seres humanos estabelecem com a imagem fotográfica.

Ainda que tenham estratégias e resultados distintos, as ações dessas pessoas têm em comum uma relação com a preservação da memória e das próprias fotografias. Ao falar sobre o trabalho que o fotógrafo polonês Jerzy Lewczyński (1924-2014) desenvolvia a partir de intervenções feitas em imagens originalmente criadas por outras pessoas, às quais ele tinha acesso ao recolher negativos que haviam sido jogados no lixo ou estavam guardados em álbuns de família<sup>6</sup>, por exemplo, a jornalista Dorrit Harazim afirma

Lewczyński nos ensinou que a câmera na mão “é uma espécie de caneta da eternidade com que escrevemos nossas tensões mais íntimas para o futuro”. Seguindo esse receituário, desenvolveu urgência em retratar a história e preservar a memória humana através da fotografia (HARAZIM, 2016, p. 207).

A jornalista anteriormente citada, acredita que, ao fazer tais intervenções, Jerzy Lewczyński restituía a existência de tais fotografias e pontua que, dessa maneira, o fotógrafo polonês inaugurava “o conceito que mais tarde definiria como arqueologia da fotografia” (HARAZIM, 2016, p. 207). Para explicá-lo, ela recorreu às palavras do próprio artista sobre o qual escreve

Uso o termo para descrever o ato de devolver significado a coisas que foram rejeitadas, desconsideradas, condenadas ao esquecimento ou deixadas à mercê do acaso. Um trabalho de descoberta, pesquisa e comentário de algo que

---

<sup>5</sup> Pela definição disponível na Wikipedia: “Found photography is a genre of photography and/or visual art based on the recovery (and possible exhibition) of lost, unclaimed, or discarded photographs”.

<sup>6</sup> Algumas obras do fotógrafo Jerzy Lewczyński estão disponíveis no seguinte artigo de Dorrit Harazim publicado na revista Zum: <http://revistazum.com.br/colunistas/o-catador-de-imagens/>.

ocorreu no passado fotográfico (LEWCZYŃSKI citado por HARAZIM, 2016, p. 207).

Os fundadores e colaboradores de páginas como a **Recife de Antigamente** podem não recolher as imagens da cidade com o mesmo intuito de Jerzy Lewczyński, o de fazer intervenções artísticas, mas, a seu modo, também lidam com “as tensões mais íntimas” que foram escritas por outrem para o futuro – espaços e situações em determinado momento considerados como “fotografáveis”. E, além disso, eles também acabam fazendo algo que se relaciona com o que o fotógrafo polonês definiu como arqueologia da fotografia: ao recolocar essas imagens em circulação, na galeria das redes sociais contemporâneas, eles também desenvolvem um trabalho de descoberta, pesquisa e comentário sobre uma parcela do passado fotográfico.

Ao mesmo tempo, tais pessoas ajudam a evitar que essas imagens sejam condenadas ao esquecimento ou, ao menos, fiquem restritas a um pequeno grupo que porventura tenha acesso aos antigos livros, revistas e museus nos quais elas costumam ficar. Elas exercitam uma fluidez de tempos que é característica das relações que estabelecemos com as imagens fotográficas. “A história é tudo o que temos, a única coisa que faz sentido quando confrontada com o tempo. A fotografia me permite romper a barreira com o passado, conquistar o olvido”, acreditava Lewczyński (HARAZIM, 2016, p. 209).

Na vida nova desses objetos de memória que pertenciam a outra pessoa, alguém sobre o qual o novo dono da imagem pode muito bem não ter ideia de quem seja, as fotografias ficam submetidas a novas leituras, nas quais se misturam vestígios do que é particular e coletivo. Joan Fontcuberta (2013, p. 149) acredita que a principal questão “diante de uma fotografia encontrada “é determinar que dose de segredo ela encerra”. No caso da Found Photography, ao contrário do que ocorre com a apresentação feita por Roland Barthes no livro *A Câmara Clara* (1980) de uma fotografia feita da mãe dele quando criança, as pessoas têm acesso à imagem, mas não a uma descrição detalhada dos elementos que nela aparecem.

Muitas vezes não há pistas sobre as sensações que a fotografia poderia ter despertado naqueles que estão, de alguma maneira, envolvidos com sua existência. Ainda assim, diversas outras leituras continuam possíveis. Retomando as considerações de Fontcuberta (2013, p. 148), “a fotografia pode nos lançar na busca dessa verdade perdida, mas também nos fazer achar uma verdade adormecida, à espera de um acaso que a recupere da letargia”.

Por compartilharem o hábito de colecionar imagens antigas, as pessoas por vezes criam grupos mais ou menos organizados, nos quais podem conversar sobre essas verdades

adormecidas. Na internet há diversos sites nos quais as pessoas compartilham suas coleções ou acessam por terem a curiosidade despertada por este tipo de material, a partir do qual podem analisar mudanças ocorridas com o passar do tempo, como Wilton Carvalho Filho já nos indicou no depoimento reproduzido anteriormente neste capítulo.

Como exemplos de páginas criadas na internet com o intuito de reunir este tipo de material podem ser citadas a página do grupo hospedado no The Museum of Found Photographs<sup>7</sup>, que contava com 2.697 membros quando esta dissertação estava sendo escrita, e também da página Negativos Encontrados, curtida por 3.937 pessoas quando consultada no mesmo período. Esta última foi tema de um curta-metragem documental homônimo (2014)<sup>8</sup>, dirigido por Vivian García Hermosi, com entrevistas de seus integrantes. Nele, há três depoimentos que exemplificam os diferentes motivos pelos quais as pessoas decidem guardar essas fotografias. Uma das administradoras da página argentina, Gaby Parborell, afirma: “Não vejo como recordações e eu também me vejo refletida, porque todos nós temos fotos de aniversários, de casamento, de férias<sup>9</sup>” (tradução da autora). Uma participante do grupo, Natalia Cuello, revela outro tipo de relação no mesmo documentário: “Na minha casa não havia muitas fotos, nem recordações familiares, porque não tínhamos câmera. Nós não tínhamos dinheiro para fazer fotos. Então, é como... Eu me apropriei dos outros, da câmera dos outros<sup>10</sup>” (tradução da autora). E outra integrante, Jimena María, acrescenta um elemento para a observação desta experiência coletiva que envolve o compartilhamento de imagens (digitalizadas ou não, já que há ações presenciais), mas também relatos de vivências e sensações entre indivíduos que não se conhecem pessoalmente.

Sinto que, graças a mim, esta recordação se salvou. Ou seja, alguém vai se lembrar desta pessoa. Assim que o ‘Gravatinha’ [como é identificado um homem que aparece em um álbum encontrado], não sei se ele está vivo ou não, alguém se lembra dele, ainda que não saiba o nome. Alguém se lembra deste momento, desta situação e se diverte por vê-lo<sup>11</sup>” (tradução da autora).

Os depoimentos destas três mulheres convergem pelo fato de se referirem a tipos de experiências de identificação que podem ser vividas ao se observar estas imagens. Gaby

<sup>7</sup> Disponível no endereço eletrônico: [www.flickr.com/groups/47255139@N00](http://www.flickr.com/groups/47255139@N00). Data de acesso: 01/08/2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=adtRALyIv90>. Data de acesso: 01/08/2017.

<sup>9</sup> No original: “No veo como recuerdos y yo me veo reflejada porque también todos tenemos fotos de cumpleaños y de casamientos y de vacaciones”.

<sup>10</sup> No original: “En mi casa no había muchas fotos, ni recuerdos familiares, porque no teníamos cámara. Nosotros no teníamos plata para hacer fotos. Entonces, es como que... Me apropié de los otros, de la de los otros”.

<sup>11</sup> No original: “Siento que, gracias a mí, esto recuerdo se salvó. O sea, alguien a esa persona la va a recordar. Alguien lo va a recordar. Así que lo corbatita, no sé si está vivo o no, alguien se acuerda de él, aunque no sepa el nombre. Alguien se acuerda de este momento, de esta situación y si divierte por verlo”.

Parborell afirma que todos têm fotografias de momentos como casamentos e aniversários. Já o relato de Natalia Cuello recoloca a questão lançada pela outra entrevistada: As pessoas passam por ritos sociais como esses e eles ficam gravados na memória.

Então, ainda que não se trate de um registro fotográfico dos ritos pelos quais a pessoa passou, pode se estabelecer uma experiência de reconhecimento em relação ao que as fotos dos ritos dos outros representam. Mesmo nos casos nos quais não se conhece absolutamente nada sobre a origem delas. Há, nestas imagens, uma semente à espera de um observador que possua determinadas intenções, capazes de fazer com que ela germine.

O que Gaby Parborell, Natalia Cuello e Jimena Maria falam ecoa algo percebido pela pesquisadora Miriam Moreira Leite (2001, p.159) em seu estudo sobre retratos de família, imagens fotográficas que ela define como sendo “produzidas através de um ritual ou de condensações de rituais”. Continuando nessa tópica, a pesquisadora acredita que

Os retratos de família estão fundamentalmente ligados aos ritos de passagem – aqueles que marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social. Os retratos passaram rapidamente a fazer parte desses rituais mais amplos, que marcam a passagem de criança a adulto, de solteiro a casado, de vivo a morto. São registros de momentos sacralizados pela alteração do tempo normal e repetitivo. Marcam um intervalo de indefinição social, da transição em que se atravessam fronteiras e limiares, o que lhes confere um caráter ambíguo e uma aura sagrada (LEITE, 2001, p. 159).

No caso específico da página **Recife de Antigamente**, não há um predomínio dos retratos ou fotografias que fazem referências explícitas a eventos sociais como casamentos e aniversários. Porém, entre as imagens reunidas no grupo há muitas que representam locais pelos quais muitos habitantes passam em suas atividades cotidianas, como a região central, ou as quais frequentam em momentos de lazer, como os quase extintos cinemas de rua.

Ora, se os primeiros locais estão mais ligados à rotina, nos segundos também se podem viver momentos “sacralizados pela alteração do tempo normal e repetitivo”. Ambos são parte da experiência de habitar uma cidade.

Junto com a possibilidade de interseccionar o individual e o coletivo pela memória, no caso da Found Photography, o distanciamento que há entre o observador e a época na qual as imagens foram feitas, e o contexto no qual elas estavam inseridas a princípio, pode acabar sendo um ponto a favor no campo criativo, para a construção de narrativas plurais. Pelo menos é assim que

As fotos devem se desprender dos laços que poderiam ligá-las a um espectador, soltar-se de todo reconhecimento para que possam funcionar como telas perfeitas, que acolham nossos fantasmas e questionem essa

compilação do ordinário e do anódino. A imagem então transcende o registro do visível para, através de um ‘fora de campo’ ativo, penetrar nas reservas do invisível (FONTCUBERTA, 2013, p.149).

Diante de telas perfeitas para questionar a compilação do ordinário e anódino, se configura um convite às conversas. Ao comentar a obra do filósofo Georg Simmel, o pesquisador Heitor Frúgoli Júnior coloca a conversação como uma modalidade básica da sociabilidade.

(...) a conversação (principalmente a despida de fins práticos), cujo conteúdo não é o propósito (embora a conversa não deva ser desinteressante), mas o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma (independente, portanto, das mudanças fáceis e rápidas de assunto). Assim, através das trocas de palavras, os participantes zelam pela relação em curso, por meio de regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades (FRÚGOLI JUNIOR, 2007, p. 10).

Ainda citando Georg Simmel, Frúgoli Junior, (2007, p. 10) defende que “(...) a sociedade não é composta apenas por indivíduos, e sim por indivíduos em interação”. Ora, a experiência da comunicação, pela internet, oferece diversas possibilidades, entre elas a da conversação básica. Considerando que, para muitas pessoas, a relação com a cidade no presente pressupõe alguma instância atravessada pelo virtual, nosso comportamento nas redes sociais pode ter um pouco do que havia no antigo hábito, ainda cultivado por alguns, de colocar cadeiras na calçada para conversar. E, ainda que hoje em dia, nas grandes cidades, as cadeiras nas calçadas estejam mais escassas, em alguns casos porque seus possíveis ocupantes se assustaram com a violência e outros se desdobram em rotinas atribuladas, entre outras possibilidades, a conversação despida de fins práticos citada anteriormente ainda encontra seu lugar na sociedade, mesmo que, por vezes, seja o virtual. Os assuntos vão se encadeando com o passar do tempo, fala-se sobre algo que se viveu, comenta-se uma notícia, resgata-se uma história do passado, cumprimenta-se alguém que passa. No final das contas, o que baseia esse tipo de conversa é a importância do encontro para a criação de laços. Neste caso, as pessoas ainda se mostram dispostas a observar e comentar o que se passa diante delas, ainda que, no posicionamento das “cadeiras”, haja uma peculiar relação de proximidade e distanciamento. Da calçada, de dentro de casa ou no ônibus a caminho do trabalho, as pessoas podem interagir para compartilhar suas impressões sobre o que veem através de suas telas.

Em trecho da apresentação da série *Incertezas Críticas*, exibida pela TV Brasil, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirma

Você pode ser quem quiser e ter um mundo imaginário, on-line, que não aparece na realidade, off-line. Pode ter várias identidades diferentes, fingir ser algo que não é e realizar todos os seus sonhos. É uma maneira de fugir das duras exigências e asperezas do mundo off-line (BAUMAN, 2016).

Por sua vez, a pesquisadora holandesa José van Dijck afirma que “a presença generalizada de plataformas conduz as pessoas a mover muitas de suas atividades sociais, culturais e profissionais para esses ambientes online<sup>12</sup>” (DIJCK, 2013, p. 11). A observação dela pode ser colocada em diálogo com a da pesquisadora brasileira Raquel Recuero (2009, p. 12) para quem as tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças pelas quais as pessoas têm passado em todos os aspectos da vida social, conforme se lê a seguir

Por um lado, todas as tecnologias de que dispomos, as de comunicação digital inclusive, são produtos de nossas próprias intenções e propósitos. Por outro, os modos como nos apropriamos delas, os usos que fazemos, reinventam constantemente suas características. Conforme algumas possibilidades são exploradas e outras caem no esquecimento, recriam-se os limites e potenciais da comunicação mediada por computador. Assim, não é suficiente falar em ‘redes sociais na internet’ levando em conta apenas os fatores estritamente tecnológicos da questão, ou seja, esquecendo as pessoas que interagem umas com as outras para concentrar-se sobre a mediação tecnológica. Do mesmo modo, entretanto, recusar-se a levar em conta as especificidades do suporte tecnológico é jogar fora a criança com a água do banho (RECUERO, 2009, p. 12-13).

Portanto, sendo o objeto do presente estudo uma experiência de sociabilidade baseada em um site de rede social, a discussão será levada adiante considerando aspectos humanos e tecnológicos envolvidas na relação estabelecida pelas pessoas que contribuem com a página **Recife de Antigamente**. Além disso, foi mantido o cuidado de não cair em determinismos tecnológicos. Isso posto é necessário esclarecer que, nesta dissertação, as tecnologias digitais foram vistas como artefatos culturais.

A possibilidade de ver-se refletido na fotografia de outras pessoas, além de socializar e expressar-se com o uso de ferramentas de comunicação mediada pelo computador é, para Raquel Recuero, uma das mudanças fundamentais trazidas para a sociedade, com o advento da internet. Para ela

Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a

---

<sup>12</sup> No original: “In fact, the widespread presence of platforms drives people to move many of their social, cultural, and professional activities to these online environments”.

visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. É, neste âmbito, que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social (RECUERO, 2009, p. 24).

Ao tomar a rede como uma metáfora, com o intuito de observar padrões de conexão de um grupo social, nota-se há uma ênfase de que a abordagem da rede tem foco na estrutura social, sem o isolamento dos atores sociais ou das conexões estabelecidas por eles<sup>13</sup> isto é, “Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 25). Para ela, as interações são parte das percepções que os atores têm do universo que os rodeia, ou seja, os atores criam os laços que constituem as conexões de uma rede social e, ao mesmo tempo são “influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores” (RECUERO, 2009, p.31).

#### 2.4.1 Os vários espelhos de Alice

As ferramentas disponíveis, para que os usuários interajam, vejam a si e aos outros, mudam de um site para outro, mas podem ser observadas semelhanças no comportamento deles. Ou seja, vários podem ser os espelhos de Alice. Um desses é o *Facebook*. Criado pelo norte-americano Mark Zuckerberg, e lançado em 2004, o *Facebook* é atualmente um dos sites de redes sociais mais populares do mundo. Além de manter contato com outras pessoas adicionando-as como amigas, permite que as pessoas organizem grupos ou criem páginas sobre conteúdos diversos. As pessoas e as coisas se exibem ou são exibidas e são vistas por milhares de leitores.

Pela *timeline* de cada usuário do *Facebook* pode passar um número enorme de publicações, de modo que ela pode ser tornar até mesmo cansativa para alguns. Uma *selfie*, um relato sobre algo prosaico, uma propaganda, a foto da refeição, da maquiagem. Em uma velocidade na qual podem ser facilmente esquecidas, substituídas no comentário do momento sobre. Mas, em meio a esse caldeirão de coisas, há aquelas que permanecem. E, às vezes, mais do que olhar essas publicações, ou usar as ferramentas de curtir e compartilhar, algumas pessoas

---

<sup>13</sup> Como possíveis atores, Raquel Recuero considera pessoas, instituições ou grupos e, como as conexões estabelecidas por eles, as interações ou laços sociais (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). A pesquisadora esclarece que, nas redes sociais na Internet, devido ao distanciamento entre os envolvidos na interação, trabalha-se com “representações dos atores sociais” ou “construções identitárias do ciberespaço”. Desta maneira, para ela, um ator pode ser representado por um blog e, ainda assim, a ferramenta apresentar representar um único nó (no caso de um blog coletivo).

se sentem instigadas a comentar algo sobre suas próprias experiências com outras, que elas podem nem conhecer.

Assim como a página do site **Recife de Antigamente**, permanecem ativas no *Facebook* várias outras páginas com um perfil semelhante, ainda que possuam focos distintos. Elas podem ser vistas como integrantes de um conjunto do qual também fazem parte outras propostas que podem suscitar reflexões sobre o espaço urbano. Desse modo, é factível pensar que

As mudanças da sociedade contemporânea têm um forte impacto na maneira em como se vive, pensa e constrói as cidades. Processos complexos como a chamada globalização, o hibridismo, a crescente dissolução de fronteiras culturais, a interseção entre mundos (mundo civilizado, mundo primitivo, primeiro mundo, terceiro mundo), vão afetar profundamente o conceito de urbanidade. Há muitos matizes nas relações entre urbanidade e mídia, que envolvem fatores como classe social, etnia, gênero, tecnologia, meio ambiente e cultura, entre outros. Há também muitos modos de representar o urbano, modos estes que vão gerando padrões de representar o urbano, modos estes que vão gerando padrões estéticos, que vão imaginando, desenhando e construindo outras cidades, outras formas de traduzir as cidades (PRYSTHON, 2006, p. 8).

Com tantos matizes em jogo, há muitas possibilidades de se estabelecer conversas sobre as cidades construídas e desejadas. No meio virtual, é possível encontrar diversas páginas, fóruns e publicações ligados à questão urbana. Também são múltiplos o modo de representar urbano. Há páginas dedicadas a uma região, a uma cidade específica, a uma época, estilos arquitetônicos, lugares abandonados ou ruínas, etc. Restringindo-se ao âmbito pernambucano, há exemplos como as páginas Antigos Bondes do Recife<sup>14</sup>, Pernambuco Arcaico<sup>15</sup> (imagem 10), Olinda de Antigamente<sup>16</sup> e a intitulada Agreste Antigo<sup>17</sup>. Saindo do âmbito dos sites de redes sociais, também são encontradas experiências deste tipo em outras páginas da internet, tais como o site Minha Rua Tem Memória<sup>18</sup>, que reúne material ligado à cidade de Surubim, município do Agreste pernambucano.

#### 2.4.1.1 Pernambuco Arcaico

A página Pernambuco Arcaico foi criada pelo bibliotecário Antônio de Oliveira, em 2012. “Esse é o Pernambuco Arcaico, é o Pernambuco da literatura, o Pernambuco que respira

<sup>14</sup> [www.facebook.com/Antigos-Bondes-do-Recife](http://www.facebook.com/Antigos-Bondes-do-Recife)

<sup>15</sup> [www.facebook.com/PernambucoArcaico/](http://www.facebook.com/PernambucoArcaico/)

<sup>16</sup> [www.facebook.com/Olinda-de-antigamente/](http://www.facebook.com/Olinda-de-antigamente/)

<sup>17</sup> [www.facebook.com/Agreste-Antigo/](http://www.facebook.com/Agreste-Antigo/)

<sup>18</sup> <http://minharuatemmemoria.ning.com/>

poesia e nostalgia, rei brasileiro da cultura, fortaleza que a eternidade vivencia! Contribua para o nosso acervo de imagens, enviem-nos fotos antigas de sua cidade”, afirma-se na seção dedicada à apresentação do conteúdo da página<sup>19</sup>, ao mesmo tempo em que já solicita colaborações aos visitantes para alimentar a coleção de imagens.

O criador da página acredita que, com ela, está sendo prestado um serviço de utilidade pública. Como muitos que comentam em sua página, Antônio expressa uma afinidade com discussões relacionadas ao patrimônio histórico: “Estamos tomando o rumo contrário à Europa, e a cada dia perdemos mais patrimônio, em vez de preservar nossas riquezas” (OLIVEIRA citado por MESQUITA, 2015).

No *Facebook*, a página Pernambuco Arcaico (Figura 10) já foi curtida por mais de 67 mil usuários<sup>20</sup>. Além da publicação de fotografias no próprio site também são compartilhados vídeos e textos originários de outros sites, não apenas com assuntos relacionados ao estado em questão. Arelada à página há um perfil homônimo criado no Instagram<sup>21</sup>, na qual foram publicadas mais de 2 mil imagens e que conta com mais de 14 mil seguidores<sup>22</sup>.

Figura 10 – Aspecto geral da página Pernambuco Arcaico no *Facebook*



<sup>19</sup> Não foi possível identificar a data na qual o texto da seção Sobre foi publicado.

<sup>20</sup> No dia 02 de agosto de 2017, 67.215 curtidas era o número exato.

<sup>21</sup> [https://www.instagram.com/pernambuco\\_arcaico/](https://www.instagram.com/pernambuco_arcaico/)

<sup>22</sup> O Instagram registrava 2.986 publicações e 14,9 mil seguidores no dia 02 de agosto de 2017.

Ainda quanto ao conteúdo, na referida página foi organizada uma série de estudos com o antes e o depois de alguns espaços que fazem parte da paisagem recifense. “Ao mostrar os equívocos de gestões passadas, como as dos prefeitos Manoel Borba, Pelópidas da Silveira e Augusto Lucena, comprovamos que nosso legado vem sendo destruído ao longo dos anos” (OLIVEIRA citado por MESQUITA, 2015).

Tais estudos comparativos dispõem, para o observador, as mudanças no plano físico da cidade, facilitando a análise delas. Mas também, ao combinar imagem e texto, conectam tempos diferentes. Passado e presente da cidade são, simbolicamente, colocados em conjunto, para que se reflita sobre o presente e o futuro. É possível ver mudanças e permanências.

Essa ênfase na relação entre o espaço, no qual se habita, e a passagem do tempo também é expressa pelos colaboradores por meio de seus comentários. Algumas dessas pessoas descrevem a sensação de que o tempo passa muito depressa. Outras relatam que gostariam de ter vivido na época em que as fotografias publicadas nessas comunidades foram feitas. Há, ainda, aqueles que se referem àquilo que identificam na imagem produzida em outra época (em alguns casos, antes do nascimento de quem as observa) como parte da relação que a pessoa estabeleceu com a cidade, de seu repertório de memórias afetivas.

#### 2.4.1.2 Antes que Suma

Também criada no *Facebook*, pelo jornalista Josué Nogueira Filho, a página Antes que Suma<sup>23</sup> (Figura 11), com mais de 15 mil curtidas<sup>24</sup>, é alimentada com publicações ligadas ao tema do espaço urbano e suas transformações. No entanto, possui uma perspectiva distinta das outras que foram citadas anteriormente, pois, em vez de fotografias antigas, nela são publicadas imagens atuais de construções antigas, que representam alguns vestígios do passado da cidade.

No caso da página Antes que Suma, a proposta, segundo consta na própria descrição, é denunciar situações em que haja descaso com o patrimônio arquitetônico do Recife e, ao mesmo tempo, destacar imóveis que tem sua arquitetura preservada e representam parcelas da história da cidade

A ideia da página é registrar, com fotos, num primeiro momento, imóveis de valor arquitetônico e (certamente) histórico que resistem ao descaso de proprietários, à desatenção do poder público e à gana das construtoras no Recife. Também serão “flagrados” aqueles que estão mantidos em bom estado

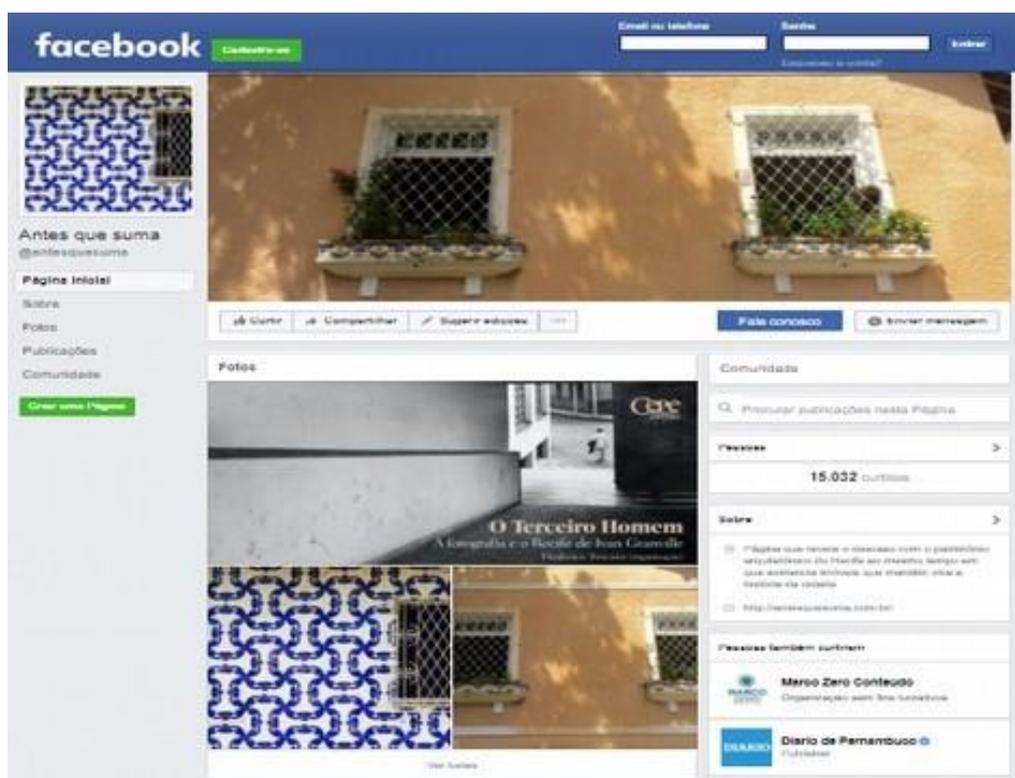
---

<sup>23</sup> [www.facebook.com/antesquesuma/](http://www.facebook.com/antesquesuma/)

<sup>24</sup> O *Facebook* registrava 15.032 curtidas no dia 02/08/2017.

e perfeitamente funcionais, como forma de provar que o passar dos anos não é sinônimo de inutilidade. Sei nada de arquitetura, mas costumo me impressionar (muito) com a beleza de certas construções. Informações sobre o estilo e a história de cada uma das casas/prédios podem, por favor, ser postas nos comentários – prometo também acrescentar logo que consegui-las. Aceito colaborações de fotos (com endereço)<sup>25</sup>.

Figura 11 – Aparência geral da página Antes que Suma, no *Facebook*



A proposta se traduz em conjuntos de imagens que representam o aspecto geral e detalhes das construções. O material é disponibilizado na página junto com informações sobre a localização da edificação, época em que foram erigidas, características do estilo arquitetônico adotado, entre outras questões.

Com o passar do tempo, Josué Nogueira Filho criou um site para o Antes que Suma<sup>26</sup> e segue desenvolvendo seu projeto, publicando notícias e informações sobre a legislação e sobre como podem ser feitas denúncias relativas a agressões ao patrimônio histórico.

Morador do Bairro da Boa Vista, o criador da página Antes que Suma afirma ter ficado surpreso com a aceitação dela página e acredita na superação de uma função de registro para ser uma tribuna de agradecimentos e denúncias (MESQUITA, 2015).

<sup>25</sup> Não foi possível identificar a data na qual o texto foi publicado.

<sup>26</sup> <http://antesquesuma.com.br/>

Todo mundo tem sua história, suas referências. Muita gente que mora no exterior acompanha de forma assídua. E acredito que o movimento do Ocupe Estelita, que promoveu uma grande discussão sobre o espaço urbano, foi também um grande propulsor da comunidade (FILHO citado por MESQUITA, 2015).

O teor das conversas que se estabelecem nas caixas de comentários de páginas como a Antes que Suma, a Pernambuco Arcaico e a **Recife de Antigamente** comprovam o interesse dessas pessoas pelo assunto que mobilizou seus criadores. Atestam também algo identificado por Josué Nogueira Filho especificamente na dinâmica da página dele, mas que pode ser estendido para as demais. A função de registro que faz parte da proposta inicial da página é enriquecida pela tribuna, para utilizar a palavra escolhida pelo criador da Antes que Suma, que se forma em torno do conteúdo. E cada um contribui, de acordo com suas histórias e referências, ao elencar os diferentes lugares que considera importantes.

#### 2.4.2 Juntos para ver as fotografias do álbum e comentar sobre elas

A comunicação, no ciberespaço, tem peculiaridades como a possibilidade de que, em um mesmo site, os envolvidos possam estabelecer interações síncronas (como nos bate-papos) ou assíncronas (a exemplo do que ocorre nos fóruns). Além disso, é possível que rastros de ambas fiquem registrados e acessíveis a outras pessoas com certa facilidade. Quanto à página **Recife de Antigamente**, podemos considerar a troca de mensagens na caixa de comentários atreladas às fotografias um caso de comunicação assíncrona.

Em parte, tal característica estabeleceu um desafio a ser vencido na dissertação: a qualquer momento, novos comentários poderiam ser feitos acerca das fotografias, apresentando mais aspectos sobre elas ou engajando as pessoas em uma nova discussão. Como tais escritos foram considerados desde o início como parte importante deste estudo, tornou-se necessário revisar os comentários ao final do período de coleta das informações relativas às publicações. Isso por se ter cogitado que tais mensagens, possivelmente, carregariam elementos úteis na busca pela resposta às perguntas que instigaram a pesquisa.

O teor dos comentários será apresentado com mais detalhes no terceiro capítulo. Por enquanto, a atenção está no potencial agregador dessa partilha de relatos. Em uma página como a **Recife de Antigamente**, com frequência, se estabelece um tipo de interação mediada por computador similar à que Alex Primo (2003) citado por Recuero (2009, p. 33) classificou como interação mútua, ou seja “aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação,

afetando-se mutuamente”. Em tais situações, nota-se como as pessoas afetam e são afetadas pela experiência de compartilhar conteúdos e tecer comentários sobre as publicações feitas pelos demais. A construção inventiva e cooperada fica expressa, mais claramente, nos comentários, mas também é possível enxergá-las pelo próprio ato de curtir uma imagem.

Por meio de uma série de interações assíncronas efetuadas ao longo do tempo no qual a página permaneceu disponível, foi possível perceber que alguns interagentes começaram a desenvolver laços mais fortes com os demais. Para que esse tipo de ligação exista, podemos considerar a combinação de dois fatores relacionados ao que foi discutido anteriormente neste capítulo. Um deles é a intensidade da conexão emocional que se estabelece nos indivíduos em relação ao conteúdo representado pelas imagens publicadas na **Recife de Antigamente**. O outro é a formação de um grupo de pessoas com interesses semelhantes, que podem criar laços. Apesar de haver alguma dificuldade na observação desses entrelaçamentos, pois

Os laços sociais são difíceis de ser percebidos, por si, na Internet. No entanto, a partir da observação sistemática das interações, é possível perceber elementos como o grau de intimidade entre os interagentes, a natureza do capital social trocado e outras informações que auxiliam na percepção da força do laço que une cada par (RECUERO, 2009, p. 44).

E, esses laços sociais formam o capital social, apontado por Raquel Recuero (2009, p.94)

Essas redes são mantidas pelo interesse dos atores em fazer amigos e dividir suporte social, confiança e reciprocidade. Esse capital é o principal investimento desses atores, embora posteriormente, outros tipos de capital possam também surgir.

Este capital social só é possível de se formar porque, ao se cadastrar em um site como o Facebook, o usuário é estimulado a enviar solicitações de amizade com base em sua lista de contatos. Depois, ele também pode fazer buscas e começa a receber sugestões. Mas, além da perspectiva de interação entre indivíduos representados por perfis, a adesão a páginas que representem seus gostos e interesses também acaba sendo um recurso para que os atores sociais façam novos amigos e dividam suporte social neste site. Afinal, elas favorecem a aproximação de pessoas a partir de suas afinidades.

Desse modo foi que, a observação sistemática das interações na página **Recife de Antigamente**, revelou que algumas pessoas participam com mais frequência e, em alguns casos, se estabelece uma relação de cooperação entre os atores sociais. Isto nos leva a entender que “A cooperação pode ser gerada pelos interesses individuais, pelo capital social envolvido e pelas finalidades do grupo. Entretanto, é essencial para a compreensão das ações coletivas dos atores que compõem a rede social” (RECUERO, 2009, p. 41).

Tendo a finalidade do grupo sido expressada no próprio nome e na descrição da página, notou-se, a partir de uma leitura dos comentários, que a **Recife de Antigamente** atraiu pessoas

com interesses semelhantes aos de seu fundador, Wilton de Souza, como o de conhecer melhor a cidade onde moram, e também aquelas que gostam de ver fotografias antigas.

A partilha da coleção do criador da página, e posteriormente de outras pessoas que tinham acesso a ela, corresponderam à finalidade para qual a **Recife de Antigamente** foi criada e ao motivo pelo qual ela se mantém ativa. Notou-se uma mescla de interesses individuais nesta cooperação. As pessoas se apoderaram das ferramentas oferecidas pelo Facebook como parte das relações estabelecidas. A utilização das ferramentas do site, pelos usuários, gerou um tipo de rede social<sup>27</sup> que corresponde à definição de redes emergentes<sup>28</sup>.

As redes sociais do tipo emergente são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. Dizemos que é uma rede emergente porque ela é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais (RECUERO, 2009, p. 94).

Como exemplos deste tipo de rede, foram citados os grupos construídos pela interação através de comentários em *weblogs* e *fotologs*, que funcionam de maneira semelhante à do objeto deste estudo, uma página de *Facebook*.

Ou seja, a existência dessas redes depende da disponibilidade daqueles que criam e mantêm as páginas nas quais ocorrem as interações e também dos atores sociais em permanecer colaborando com a existência dela a partir de suas interações. Por se tratar de uma página temática, a **Recife de Antigamente** possui um diferencial nesta questão, já que os interesses semelhantes favorecem a sensação de empatia entre os interagentes.

O Facebook também é um exemplo de um site de rede social propriamente dito, isto é, “São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes<sup>29</sup>” (RECUERO, 2009, p. 105).

---

<sup>27</sup> Atualmente, é comum se referir a sites como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* simplesmente como “redes sociais”. Raquel Recuero, no entanto, opta por “sites de redes sociais” para ser mais específica. “Sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009, p. 103). A pesquisadora recorre a Danah Boyd e Nicole Ellison para descrevê-los como “sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (BOYD & ELLISON, 2007, citado por RECUERO, 2009, p. 103).

<sup>28</sup> A autora explica que as e as redes de filiação, ou de associação, podem coexistir em uma rede. “Os dois tipos podem estar presentes em uma mesma rede analisada. No entanto, dependendo da forma que escolhemos observar a rede, perceberemos aspectos diferentes dessa rede, que também se apresentará com características diferenciadas” (RECUERO, 2009, p. 94).

<sup>29</sup> Os sites de redes sociais apropriados são aqueles sistemas que não eram, originalmente, voltados para mostrar redes sociais, mas que são apropriados pelos atores com este fim. É o caso do Fotolog, dos weblogs, do Twitter, etc. São sistemas onde não há espaços específicos para perfil e para a publicização das conexões. Esses perfis são construídos através de espaços pessoais ou perfis pela apropriação dos atores.

Para entrar nesses sites, cria-se um perfil com algumas informações básicas e a partir daí há uma interação com outras pessoas. Ou seja, ao fazer uso desses sites, os atores sociais constituem as redes das quais fazem parte.

A transformação das noções de localidade geográfica nos últimos anos é algo bastante lembrado quando se fala em comunicação na era da internet, ainda mais com a popularização dos smartphones. No entanto, o processo de desterritorialização dos laços sociais não é algo recente. O desenvolvimento dos meios de comunicação e transportes foi, paulatinamente, influenciando essas mudanças.

As comunidades continuaram a se formar, ainda que de outra maneira, diferente dos grupos menores e mais centrados em termos geográficos. Entre os diversos estudiosos do tema, Mark Smith (1999) citado por Recuero (2009, p.137) afirma que “o ciberespaço está mudando a física social da vida humana, ampliando os tamanhos e poderes da interação social<sup>30</sup>”. Desse modo, pode-se pensar que, sendo a virtualidade algo tão presente na vida de um grupo cada vez maior de pessoas, não faz sentido desconectar as interações mediadas pelo computador das experiências no espaço concreto. Afinal,

A comunicação mediada por computador corresponde a uma forma prática e muito utilizada para estabelecer laços sociais, mas isso não quer dizer necessariamente que tais laços sejam unicamente mantidos no ciberespaço...O que constitui e mantém o grupo são as interações, e não o ‘território’. É através delas que os laços são formados e adensados no interior da rede social. Os espaços de interação podem variar de acordo com a conversação (RECUERO, 2009, p. 145-152).

Para José van Dijck (2013, p.12) as mídias sociais formam uma nova camada online através da qual as pessoas organizam suas vidas<sup>31</sup>. Segundo suas palavras “Hoje, essa camada de plataformas influencia a interação humana em um nível individual e comunitário, bem como em um nível societal maior, enquanto os mundos de online e offline estão cada vez mais interpenetrando<sup>32</sup>”. Uma prova dessa interpenetração entre o mundo online e offline está na própria dinâmica da **Recife de Antigamente**, com o facilitador que representa o fato de que parte dos atores sociais envolvidos moram na mesma cidade. No caso da rede formada com a

---

<sup>30</sup> No original: “cyberspace is changing the social physics of human life broadening the size and power of group interaction”.

<sup>31</sup> No original: “Social media, roughly defined as “a group of Internet-based applications that build on the ideological and technological foundations of Web 2.0, and that allow the creation and exchange of user-generated content” (Kaplan and Haenlein 2010: 60), form a new online layer through which people organize their lives” (DIJCK, 2013, p. 12).

<sup>32</sup> No original: “Today, this layer of platforms influences human interaction on an individual and community level, as well as on a larger societal level, while the worlds of online and offline are increasingly interpenetrating”.

existência da página, a força dos laços criados pelos agentes sociais faz com que a relação deles ultrapasse o virtual. “Já fizemos diversos encontros presenciais, com palestras, caminhadas, passeios de catamarã e visita a museus. É uma experiência excelente, com trocas de informações e fotos e novas amizades” (CARVALHO FILHO, 2017). Continuando na mesma tópica ele relatou “Conhecemos duas senhoras de mais de 80 anos, que eram amigas há cinco décadas, e fizeram questão de comparecer e partilhar suas histórias, contar que andavam de bonde, que o fogão de casa funcionava a querosene” (CARVALHO citado por MESQUITA, 2015).

Pontuar esta relação entre a convivência virtual e a presença física se faz importante para situar estes grupos no todo da sociedade. Para comunidades nas quais a internet está se popularizando, faz cada vez menos sentido dissociar o real e o virtual, pois a junção das duas coisas, muitas vezes, está presente nas experiências dos cidadãos. Deste modo,

A antiga visão da rede como um espaço separado, um ciberespaço desvinculado do mundo real, foi um acaso da história. Na época em que a população on-line era pequena, a maioria das pessoas que você conhecia na vida diária não fazia parte dela. Agora que computadores e telefones cada vez mais computadorizados foram amplamente adotados, toda a noção de ciberespaço está começando a desaparecer. Nossas ferramentas de mídia social não são uma alternativa para a vida real, são parte dela (SHIRKY, 2011, p.37).

Considerando este contexto social, ao produzir conjuntos formados por reproduções de antigas fotografias e textos que circulam em um ambiente virtual, além de refletir sobre o que identificam neles, os integrantes de comunidades como a **Recife de Antigamente** estabelecem um modo de se relacionar com a urbe contemporânea. Criam uma espécie de pausa na qual é possível mesclar, simbolicamente, o passado e o presente de uma cidade e refletir sobre o futuro da mesma.

As ferramentas de mídia social são parte da vida real também podem ser utilizadas para refletir sobre o que experimentamos no mundo físico ou coordenar ações práticas. O Movimento Ocupe Estelita, que se opõe à concretização do projeto do Consórcio Novo Recife para o terreno no Cais José Estelita e defende outro modelo de ocupação urbana, é um exemplo disto.

### 3 A COMUNIDADE E A CIDADE PELOS ELEMENTOS ICONOGRÁFICOS

Nosso belo dever é imaginar que há um labirinto e um fio (Jorge Luis Borges, “O Fio da Fábula”)

Ao considerar a cidade como uma soma de experiências, uma descrição, por mais completa que seja, não será o bastante para compreendê-la. Em um trecho da narrativa elaborada por Italo Calvino (2003), a versão fictícia do mercador veneziano Marco Polo afirma para a do imperador dos tártaros Kublai Khan que poderia falar-lhe sobre as ruas em forma de escada da cidade de Zaíra. E mais, afirma que teria como fazê-lo com um nível de detalhamento que inclui relatar a quantidade de degraus que as compõem ou algo como a circunferência dos arcos que fazem parte dos pórticos desse lugar, mas que isso seria uma tarefa inútil. Vejamos um trecho da narrativa de Marco Polo, nas palavras de Calvino

A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que ecoa a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoneira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe (CALVINO, 2003, p. 7).

Nas relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado citadas por Italo Calvino, algo mensurável como a distância do lampião para a balaustrada guarda uma relação significativa com acontecimentos que provavelmente ganharão um registro na História oficial, como uma cerimônia que envolva uma rainha, ou com cenas mais discretas, como a fuga de alguém em plena madrugada.

E tais passagens da vida na cidade ganham novas interpretações a cada uma das milhares de vezes em que são relatadas por aqueles que incorporarem o papel de contadores de histórias, a exemplo dos três homens que remendam as redes sentados no molhe na criação ficcional citada anteriormente.

Pela voz de seu personagem, Italo Calvino também afirma que a cidade se dilata, como uma esponja, ao se embeber na onda que reflui das recordações

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2003, p. 7).

E, sendo assim, “Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra” (CALVINO, 2003, p. 7), do mesmo modo que uma descrição do Recife contemporâneo deveria conter todo o passado do Recife.

Partindo dessa premissa, o passado do Recife não estaria em lugares específicos, mas em seus lugares vividos, digamos assim. Ao observar os ângulos das ruas, por exemplo, não se tem apenas um indício de como a cidade de em determinado período ou das direções nas quais se deu a sua expansão.

Do mesmo modo, o traçado de uma cidade também guarda um pouco dos fluxos populacionais de uma época, que podem fazer com que esta ou aquela área se torne mais valorizada, e também dos fluxos diários, que fazem com que as pessoas se desloquem para determinadas regiões de acordo com atividades comerciais, de lazer, etc. No caso do Recife, um bom exemplo disso são as pontes (Figura 12).

Figura 12 – Fotografia da Ponte da Boa Vista publicada na página **Recife de Antigamente**



Elas, que conectam as ilhas na região da cidade, não guardam o passado por serem construções feitas em determinadas épocas, elas também são esse passado, por todos os acontecimentos dos quais foram testemunha. Seu significado está “nas relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”, retomando a citação de Italo Calvino.

A Ponte da Boa Vista está localizada na região central da cidade, ligando a Rua Nova, no bairro de Santo Antônio, à Rua da Imperatriz, na Boa Vista. Ela tem uma aparência marcante, com treliças de ferro nas laterais, e sua história está ligada ao período de colonização holandesa. A fotografia reproduzida na página anterior foi uma das mais populares entre as publicações de 2015: recebeu 957 curtidas, 624 compartilhamentos e 51 comentários<sup>33</sup>.

Para compreender esses números, junto com as peculiaridades citadas no início deste parágrafo, é preciso considerar a importância que as pontes têm para uma cidade com a configuração geográfica do Recife. Especialmente neste caso, pois se trata de uma ponte construída na região central, ainda hoje uma área de muita circulação de pessoas.

A presença marcante das pontes entre as fotografias mais populares da página **Recife de Antigamente** será retomada na última seção deste capítulo. Mas, a princípio, para ser usado como exemplo do que será explanado a seguir, pontuou-se, já nessa parte da dissertação, como algo usado para atender a uma necessidade corriqueira, como o deslocamento dos habitantes, pode adquirir um grande significado simbólico.

Uma capital como o Recife é cheia de símbolos reconhecíveis por moradores e habitantes. Há, por exemplo, os que são colocados nas placas de trânsito e nos indicativos de suas atrações turísticas, mas dela também fazem parte símbolos de outra ordem. Letreiros de que ainda aparecem sobre os telhados nos prédios do centro, ainda que os estabelecimentos tenham fechado ou mudado de lugar, podem remeter a uma experiência do passado para pessoas de uma geração ou tornar-se ponto de referência para outras.

As coisas da cidade, nos lembra Italo Calvino, são símbolos de outras coisas “A pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável - árvores e pedras são apenas aquilo que são” (CALVINO, 2003, p. 8). Sendo que aquilo que é considerado mudo e intercambiável pode passar a indicar ou anunciar algo quando grupos ou indivíduos lhe atribuem sentido.

As marcas nas calçadas da cidade indicam a passagem de gerações, algumas construções e mesmo ruínas são lembranças de outros tempos. Alguns lugares nem precisam de insígnias para que se associe, a eles, algum uso determinado. Como lembra Italo Calvino (2003, p. 9), a

---

<sup>33</sup> Valores referentes ao dia 07/02/2017.

forma deles e a posição que ocupam na organização de uma cidade bastam para que seja indicada a função dos mesmos. Exemplos deste tipo de construção são os hospitais, os palácios, as prisões, etc.

Somados a esses indicativos físicos há outros mais efêmeros. O aroma exalado por uma planta específica ou o chão coberto pelas flores do jambeiro são associados a determinadas épocas do ano, assim como são expressivas as marés, o ciclo dos ventos e o regime de chuvas. Não são apenas os monumentos que funcionam como marcos de uma cidade.

Enquanto fala sobre suas cidades invisíveis, Italo Calvino comenta como

[...] O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 2003, p. 9).

O autor ainda diz em outro momento que “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente” e que “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 2003, p. 11), mas há que se levar em conta as pequenas mudanças ocorridas a cada repetição dos símbolos. Uma cidade pode ser um pouco como Tamara, oferecendo algo para que se reflita sobre ela, sendo que, a cada leitor que se debruça sobre suas páginas, ocorrem variações. Para Italo Calvino (2003, p.8) ao se chegar a este ponto, “Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tiradentes; o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda”.

O que Celia Romea Castro fala sobre a diversidade das perspectivas de janelas e miradores, ao se observar a cidade (considerando que é possível conjugar as pesquisas de historiadores, arquitetos e cineastas, entre outros) é algo que se pode exemplificar com a realidade do próprio Recife. Por vezes, as reflexões sobre o espaço urbano são instigadas pela perspectiva poética, como nos casos em que elas estão presentes, de maneira mais ou menos explícita, em obras de arte. Nos últimos anos, elementos ligados à vida urbana têm aparecido em diversos filmes, instalações, exposições e espetáculos, entre outras expressões artísticas, criados no Recife. Isso fica mais claro nessa citação, longa, mas necessária

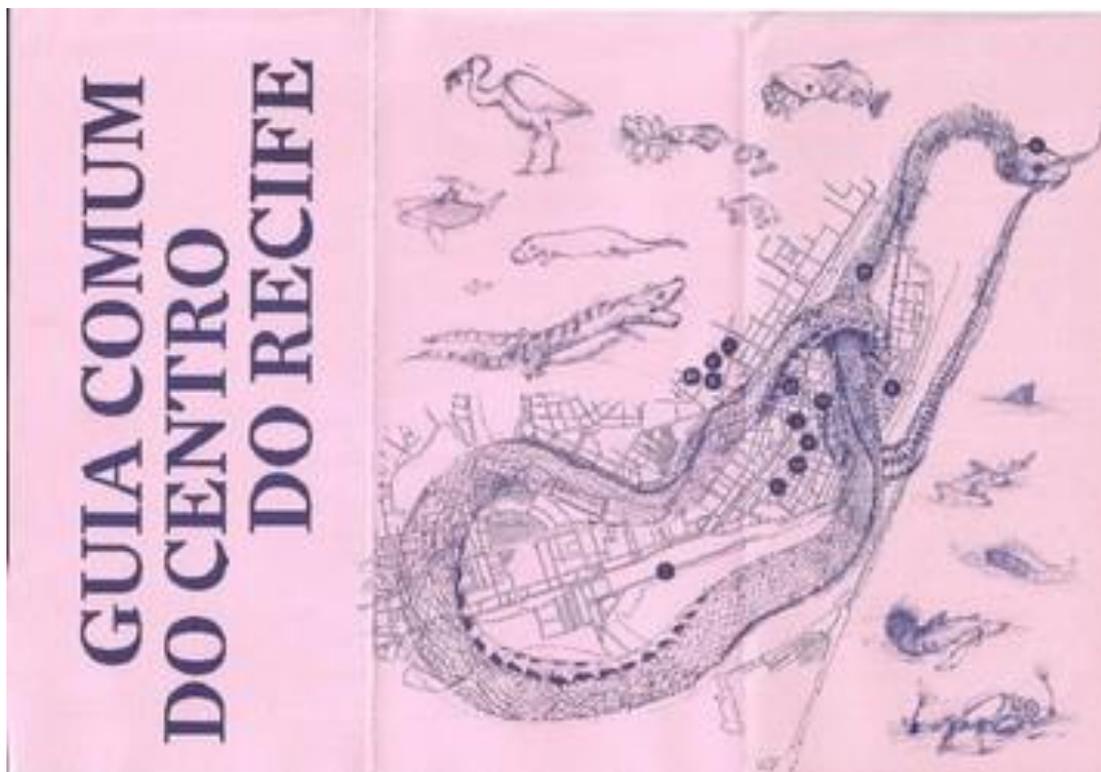
A cidade é aquela dos percursos e espaços cotidianos, das perspectivas das janelas e dos miradores, de ambientes de dias de trabalho ou feriados; é diversidade de atividades e de pessoas, lugar de símbolos múltiplos que traduz a história profunda de uma região e suas diferentes etapas no processo de civilização. A cidade aparece como uma unidade econômica e social multidimensional que exige um trabalho que conjugue pesquisas tão diversas como as do sociólogo, do historiador, do economista, do antropólogo, do

político, do psicólogo, do arquiteto, como também a do literato, do fotógrafo, do cineasta, do pintor... Esses olhares nos permitem aproximar, ler e interpretar o espaço urbano na perspectiva de um novo humanismo moderno (ROMEIA CASTRO, citada por PRYSTHON, 2006, p. 18).

Eles se fazem presentes, por exemplo, em uma publicação como o **Guia Comum do Centro do Recife** (2015) (Figura 13), idealizado pela artista Bruna Rafaella Ferrer, que forma a equipe de criação junto com os designers Frederico Floeter, Tatiana Mões e Vitor César. Juntaram-se a eles colaboradores<sup>34</sup> que produziram textos, fotografias, ilustrações, pinturas e uma partitura ou que participaram da pesquisa, reportagem, edição de texto e projeto gráfico.

Os mais de 40 itens do Guia são organizados em categorias como “Lugares para levantar o olhar” e “Lugares que não existem”, apresentados ao público em um livro com um mapa encartado essa organização, mais pautada pelas experiências que por determinações cartográficas foi uma das inspirações para a organização das imagens dos lugares identificados na comunidade **Recife de Antigamente**.

Figura 13 – Mapa que integra o **Guia Comum do Centro do Recife**. Reprodução feita pela autora



<sup>34</sup> Pesquisa de campo: Bruna Rafaella Ferrer, Tatiana Mões e Chico Ludermir. Edição de texto e reportagem: Chico Ludermir e Schneider Carpeggiani. Projeto gráfico: Frederico Floeter e Vitor Cesar. Colaboradores: Textos – Cristiano Borba, Oriana Duarte, Kate Saraiva, Aslan Cabral e Roberto Beltrão; Ilustrações – Feliciano do Prazeres, Heitor Dutra, Nathalia Queiroz, Pedro Bezerra e Tatiana Mões; Pintura – Roberto Ploeg; Fotografias – Chico Ludermir, Danilo Galvão, Leila Figueiredo e Tatiana Mões; Música/Partitura – Ângela Maria e Marcelo Campelo.

O audiovisual tem se debruçado sobre questões relacionadas ao espaço urbano recifense com certa frequência. Filmes como **Menino Aranha** (2008), de Mariana Lacerda; **[PROJETOTORRESGEMEAS]** (2011), feito com a colaboração de diversos realizadores<sup>35</sup>; **Velho Recife Novo** (2012), de Luís Henrique Leal, Caio Zatti, Cristiano Borba e Livia Nóbrega; **A Seita** (2015), de André Antonio, do Coletivo Surto & Deslumbramento; ou **Som ao Redor** (2013) e **Aquarius** (2016) (Figura 14), ambos de Kleber Mendonça Filho, lidam com o assunto sob diversas perspectivas e com propostas distintas.

Figura 14 – Reprodução de cena do filme Aquarius, da Cinemascope Produções. Na sequência, a personagem Clara, interpretada pela atriz Sonia Braga, rasga uma proposta de compra do apartamento dela feita pela construtora



---

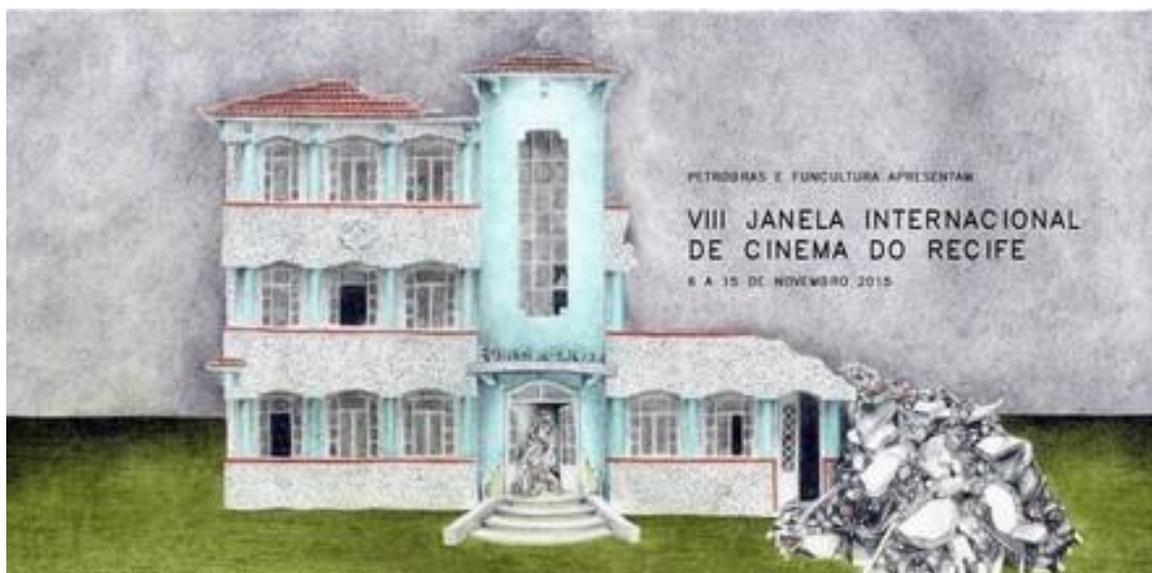
<sup>35</sup> O filme resulta da montagem das contribuições de: Ana Lira, André Antônio, André George Medeiros, Auxiliadora Martins, Caio Zatti, Camilo Soares, Chico Lacerda, Chico Mulatinho, Cristina Gouvêa, Eduarda Ribeiro, Eli Maria, Felipe Peres Calheiros, Fernando Chiapetta, Geraldo Filho, Grilo, Guga S. Rocha, Iomana Rocha, Isabela Stampanoni, João Maria, João Vigo, Jonathas de Andrade, Larissa Brainer, Leo Falcão, Leo Leite, Leonardo Lacca, Lúcia Veras, Luciana Rabelo, Luís Fernando Moura, Luís Henrique Leal, Luiz Joaquim, Marcele Lima, Marcelo Lordello, Marcelo Pedroso, Mariana Porto, Matheus Veras Batista, Mayra Meira, Milene Migliano, Nara Normande, Nara Oliveira, Nicolau Rodrigues, Pedro Ernesto Barreira, Paulo Sano, Priscilla Andrade, Rafael Cabral, Rafael Travassos, Rodrigo Almeida, Rebeca Mello, Tamires Cruz, Tomaz Alves Souza, Tião, Wilson Freire.

Há também os filmes relacionados ao Movimento #OcupeEstelita<sup>36</sup>, que atua na defesa de um modelo de desenvolvimento urbano e combate a execução do projeto Novo Recife no Cais José Estelita, localizado entre os bairros do Cabanga e de São José. Entre eles, estão as curtas-metragens Recife, **Cidade Roubada** (2014) e **Novo Apocalipse Recife** (2015).

No contexto dessa articulação social específica também foram elaborados alguns textos, que podem ser utilizados para exemplificar como muito conteúdo sobre temas afins tem sido produzido e compartilhado pela internet – seja ele criado com o intuito mais definido de informar à população, como é o caso de publicações do Movimento #OcupeEstelita, ou mais como um ato de compartilhamento de memórias afetivas.

Também parte do interesse por esses temas, a organização do festival Janela Internacional de Cinema do Recife promoveu, em 2016, discussões sobre os cinemas de rua e, como parte desta proposta, realizou um passeio guiado pelas antigas salas de projeção do centro do Recife. Além disso, para elaborar a identidade visual do evento naquele mesmo ano de 2015, foi utilizado um desenho da artista Clara Moreira, no qual o Edifício Caiçara, construído na Avenida Boa Viagem, é representado parcialmente destruído, como ele ficou após a primeira tentativa de demolição feita pela Construtora Rio Ave (Figura 15).

Figura 15 – Uma das peças de divulgação do festival Janela Internacional de Cinema do Recife, elaborada com um desenho do Edifício Caiçara, feito pela artista Clara Moreira



Todas essas representações são expressões de diferentes olhares sobre a cidade e elas podem mesclar-se a diversas outras. Elas foram incluídas na presente dissertação como

<sup>36</sup> <https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita/>

exemplos da diversidade de produções relacionadas a reflexões sobre o espaço urbano, que fazem parte de um mosaico no qual a ação da comunidade **Recife de Antigamente** está inserida. Todas, a seu modo, são resultados de olhares que, por sua vez, estão suscetíveis a novas interpretações. Em seu artigo sobre a recriação comunicativa dos espaços urbanos e o que nomeia cidades literárias, Celia Romea Castro defende que

Se nas sociedades orais os provérbios tiveram uma importância capital para transmitir informação, crônicas e lendas de espaços urbanizados, nas sociedades alfabetizadas, a função dos textos escritos foi e ainda é indubitável (ROMEIA CASTRO, citada por PRYSTHON, 2006, p. 18).

A partir da afirmação da pesquisadora, pode-se acrescentar que, nas sociedades conectadas, junto com os textos, as imagens e vídeos também são muito importantes para a transmissão de informações sobre os espaços urbanizados – e aqui também se considera crônicas e lendas como parte significativa disso por serem parte de uma identidade cultural<sup>37</sup>.

Dado o que já foi dito no capítulo anterior acerca da figura do espectador emancipado, como definida por Jacques Rancière (2012), no que tange à citação de Italo Calvino dos parágrafos anteriores a ideia é focar na sentença inicial, sobre o olhar que percorre as ruas como se fossem páginas escritas, e não na repetição de um discurso. Isso porque os habitantes vão construindo em conjunto as leituras dos símbolos.

O pesquisador Armando Silva (2001) atentou para a possibilidade de ser dizer que uma cidade não é reconhecida apenas pela sua conformação físico-natural, mas também por suas construções. Há diversos casos de regiões, edifícios ou monumentos que passam a ser considerados símbolos de uma cidade e são utilizados em cartões-postais, aparecem em produções jornalísticas sobre o lugar ou em materiais de divulgação elaborados pelas secretarias de turismo, por exemplo.

Os elementos da paisagem urbana, sejam eles naturais ou construídos, também podem ser apropriados como tal por sua população de uma maneira menos planejada. Assim, uma construção, além de atender a uma necessidade, de moradia ou para atividades comerciais, por exemplo, com o tempo pode passar a ser vista como um espaço de identificação entre os habitantes. Tal conexão pode ser exemplificada pela existência de uma mobilização social para

---

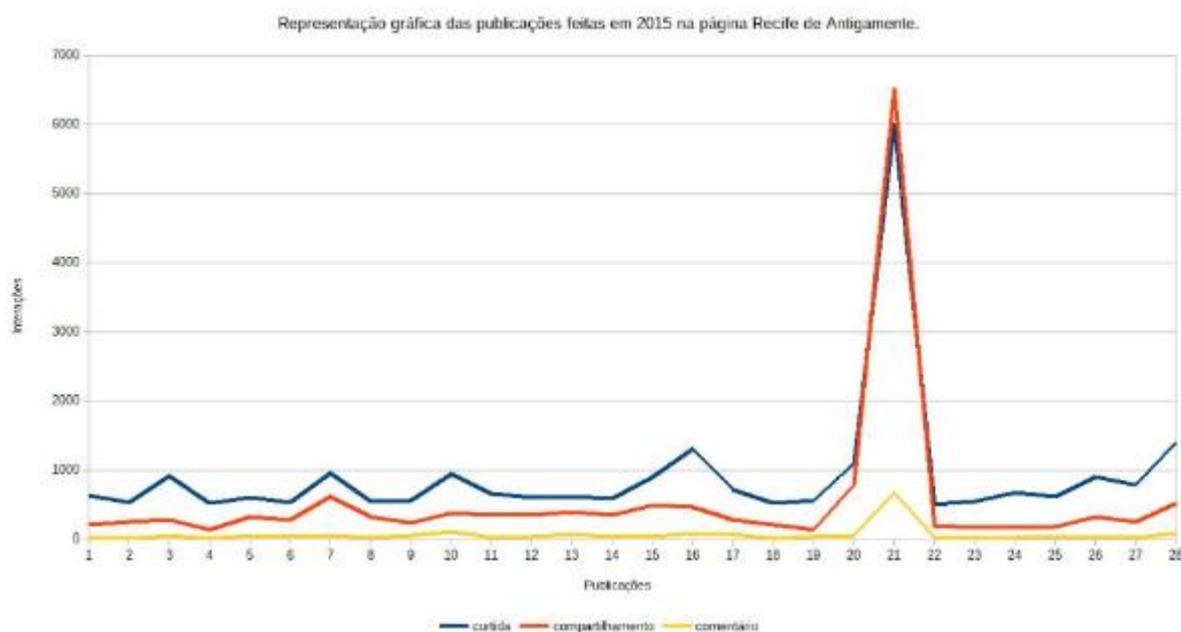
<sup>37</sup> Celia Romea Castro define identidade cultural como “a consciência que observa as diferenças entre sua cultura e as outras. Os bens culturais são manifestações materiais e imateriais de uma cultura determinada que conformam a sua identidade: seu patrimônio cultural. A Unesco introduziu pelo menos dois novos conceitos de patrimônio: espaços mistos (com componentes de bens culturais e naturais) e paisagens culturais (que combinam o trabalho humano e o da natureza)” (ROMEIA CASTRO, citada por PRYSTHON, 2006, p. 19).

a preservação do Edifício Caiçara, pela relação ficcional da personagem Clara com o Edifício Aquarius ou pela popularidade de certas imagens publicadas na página **Recife de Antigamente**.

É assim que o urbano da cidade se constrói. Cada cidade tem seu próprio estilo. Se aceitamos que a relação entre coisa física, a cidade, sua vida social, seu uso e representação, suas escrituras, formam um conjunto de trocas constantes, então vamos concluir que em uma cidade o físico produz efeitos no simbólico: suas escrituras e representações. E que as representações que se façam da urbe, do mesmo modo afetam e conduzem seu uso social e modificam a concepção do espaço (SILVA, 2001, p. XXIV).

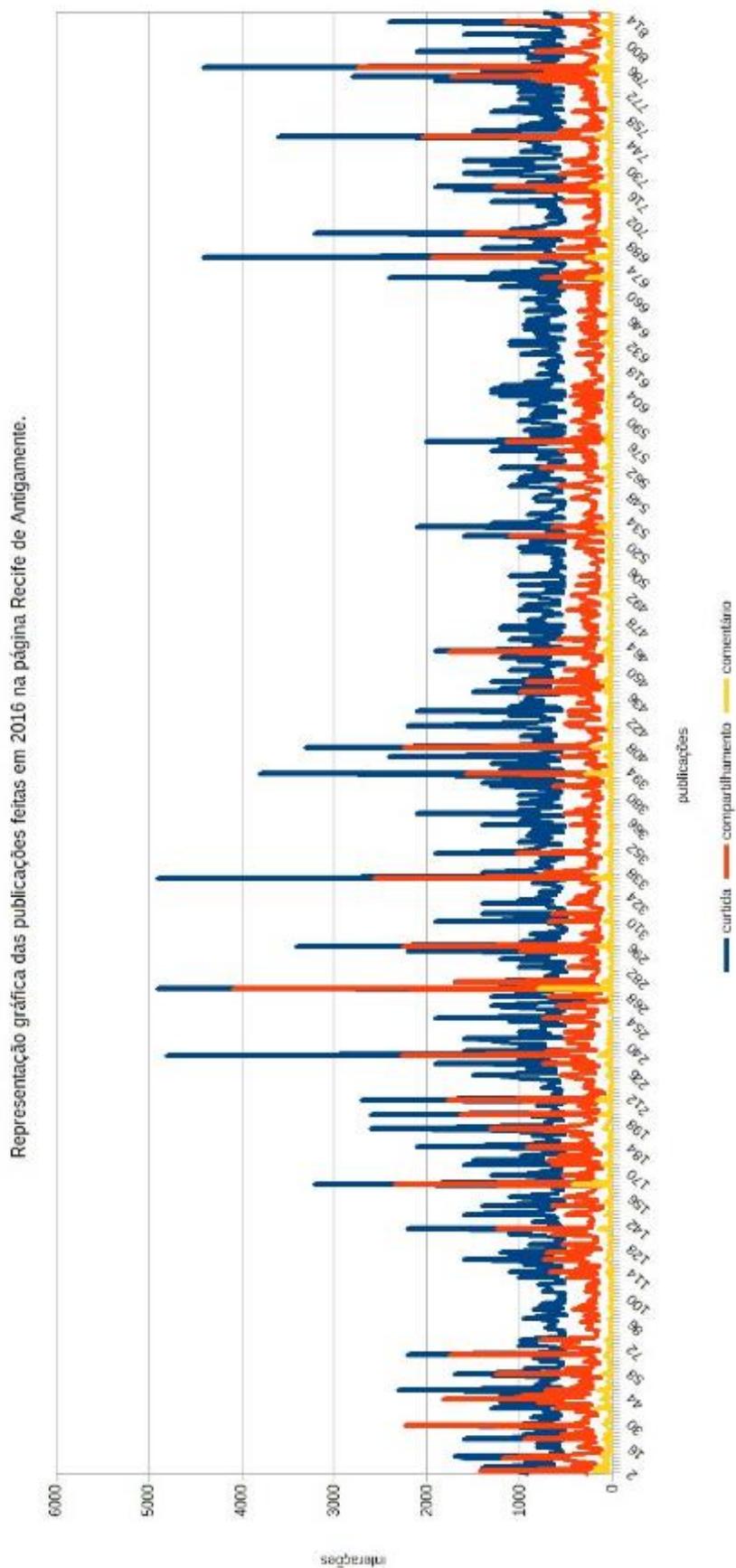
E qual seria o estilo do Recife, ou melhor, seus estilos, já que estamos tratando as cidades como mosaicos? Mesmo dentro de uma experiência de troca específica, a comunidade **Recife de Antigamente**, é possível observar que há “subconjuntos” nas representações construídas por seus colaboradores. E eles têm apresentado cada vez mais engajamento com as imagens, que foram sendo publicadas com, cada vez mais, frequência. Em 2015, entre as 225 imagens publicadas, as mais populares ultrapassavam a marca de 500 curtidas (Figura 16).

Figura 16 – Representação gráfica das publicações feitas em 2015 na página **Recife de Antigamente**



Em 2016, houve um salto no número de publicações (figura 17). Foram disponibilizadas 2092 imagens nesse período e as mais populares alcançaram, com mais frequência, a marca de 1000 curtidas – nos dois anos, foram observadas poucas repetições do mesmo arquivo.

Figura 17– Representação gráfica das publicações feitas em 2016 na página **Recife de Antigamente**



Com acessos periódicos à página **Recife de Antigamente**, as publicações feitas pelo administrador da página e seus colaboradores ao longo desses dois anos foram registradas e numeradas em uma planilha<sup>38</sup>. Os *links* relativos a elas foram compilados junto com a data de publicação e os números relativos às curtidas, compartilhamentos e comentários que cada uma delas recebeu. A primeira publicação identificada data de 15 de fevereiro de 2015 e, a última, de 30 de dezembro de 2016.

Para a leitura preliminar, a última consulta à página ocorreu no dia 7 de janeiro de 2017. Na ocasião foi constatado que os números de curtidas, compartilhamentos e comentários de algumas publicações, feitas no final de dezembro de 2016, haviam mudado de maneira considerável – visto que, com o passar do tempo, mais pessoas tiveram acesso a elas. Por isto, teve início uma revisão dos dados relativos às publicações que, no acompanhamento inicial, haviam atingido ou ultrapassado a marca de 500 curtidas - tal restrição foi uma medida tomada para adequar a pesquisa à exiguidade de uma dissertação de mestrado. Essa atualização de dados foi realizada de 07 de fevereiro de 2017 até 17 de fevereiro de 2017.

Além disso, é preciso fazer outro esclarecimento relacionado à metodologia adotada nesta pesquisa. Durante o período no qual o estudo foi desenvolvido, o Facebook promoveu uma mudança no botão curtir. A partir de fevereiro de 2016, os usuários brasileiros do site passaram a ter à sua disposição as chamadas reações, nome dado pela empresa aos *emojis* intitulados Amei, Haha, Uau, Triste e Grr<sup>39</sup>. Com essas ferramentas, as pessoas poderiam ser mais específicas ao expressar suas reações ao conteúdo publicado pelos usuários da rede social – amar, rir, mostrar-se surpreso, triste ou com raiva.

No entanto, como para as publicações de 2015 esta possibilidade não estava disponível, optou-se por continuar considerando o número de curtidas como critério, sem as especificações representadas pela ferramenta lançada posteriormente. O intuito era o de buscar mais uniformidade na observação das publicações feitas em 2015 e 2016.

Outro fator preponderante a ser considerado é que dentre as publicações, nem todas são fotografias isoladas, feitas no Recife e há muitos anos. Entre elas existem convites para eventos, anúncios publicitários, desenhos, gravuras, fotos de fichas telefônicas ou vales de transporte, etc. Mesmo que minha atenção inicial tenha sido capturada pelas fotografias, a importância desses elementos iconográficos, como veremos na próxima seção e no capítulo 3 é inegável.

---

<sup>38</sup> Criada através do software Libre Office Calc®. Por ser muito extensa, não fará parte do corpo dessa dissertação. Nos prendemos à análise das imagens mais curtidas no período estipulado para o estudo.

<sup>39</sup> <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>/ Data de acesso: 02/08/2017

Tais publicações foram mantidas na contagem geral por também revelarem aspectos da relação das pessoas com o passado da cidade onde moram. Uma dessas imagens, como analisaremos na segunda parte deste capítulo, alcançou um número de curtidas muito expressivo.

A escolha pela utilização da palavra “imagens” no parágrafo anterior, em vez de “fotografias”, tem um motivo: os administradores da página **Recife de Antigamente** não publicam apenas fotos. Entre o material disponibilizado para os seguidores há, também, itens como recortes de jornais, reproduções de mapas ou imagens obtidas com a ferramenta Google Maps. E, mesmo entre as fotos, uma parcela do conjunto nem é composta por representações do espaço urbano e nisso há um fato curioso, que será detalhado na seção a seguir. O número de imagens e fotografias escolhidas no estudo estão organizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Elementos iconográficos publicados na página **Recife de Antigamente**, segundo a quantidade e o ano de publicação

Elementos iconográficos	Anos de publicação		Total
	2015	2016	
<b>Imagens</b>	225	2092	2317
<b>Fotografias</b>	197	1967	2164
<b>TOTAL</b>	422	4059	4071

Devido ao salto quantitativo de publicações ocorrido entre 2015 e 2016, pensou-se em dirigir o foco da pesquisa para as imagens que alcançaram ou ultrapassaram a marca de 1.000 curtidas, ainda com a intenção de adequar-se a uma dissertação de mestrado. Com este segundo recorte orientado pelo número de curtidas obteve-se um conjunto de 166 imagens (Tabela 2).

Tabela 2 – Números de curtidas segundo os elementos iconográficos e ano

Número de curtidas	Elementos iconográficos/ANO	
	2015	2016
1000 – 1999	3	133
2000 – 2999	-	18
3000 – 3999	-	6
4000 – 4999	-	5
5000 – 5999	-	-
6000 – 6499	1	-
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>166</b>

Como mais de uma centena de imagens ainda configura um grupo numeroso para que se faça um estudo individualizado, tendo em vista as configurações de uma dissertação de mestrado, optou-se pela criação de categorias para sistematizar as observações. A partir desta proposta de abordagem, observou-se o conjunto de imagens em busca de semelhanças.

O exercício de contemplação teve início pela identificação de regiões ou elementos da paisagem urbana que fossem mais recorrentes entre as 166 imagens, tais como pontes ou edificações, e também de experiências sociais como celebrações e atividades de lazer. A opção por analisar o material pela perspectiva temática e não pela cronológica foi feita porque havia imagens de diferentes épocas e, em alguns casos, não foi possível identificar a data exata na qual elas foram criadas. Deste modo, seria impreciso estabelecer um período mais marcante para os colaboradores da comunidade.

Mesmo assim, registra-se: Entre as publicações de 2015 que alcançaram a marca de 1000 curtidas, foram contabilizadas 4 feitas com imagens relacionadas ao século XX. No caso das publicações de 2016, registraram-se 3 com reproduções de imagens do século XIX e 155 do século XX.

Os grupos formados com tal exercício de contemplação são apresentados em quadros entre os anexos da dissertação e é preciso dizer que entre eles existem algumas intersecções e também subconjuntos. Ou seja, algumas imagens poderiam pertencer a mais de um quadro e, em duas categorias, foi possível destacar alguns elementos devido a recorrências – caso do conjunto de imagens nas quais se destacam edificações da cidade e as que expressão a presença marcante dos rios na configuração do Recife.

A ordem de apresentação dos quadros busca estabelecer um diálogo a partir destas observações e, para que houvesse uma maior profundidade na abordagem de certas questões, elegeu-se, dentro de cada quadro, a imagem que recebeu o maior número de curtidas (como critério de desempate, seria utilizado o número de compartilhamentos e o de comentários). O estudo de tais imagens será apresentado nas páginas a seguir.

Aqui abre-se parênteses para lembrar que a representatividade de certas áreas ou vivências na coleção de Wilton Carvalho Filho e, conseqüentemente, nos subconjuntos formados pelos colaboradores da página **Recife de Antigamente**, estão relacionadas a recortes feitos anteriormente. É preciso considerar o custo do registro fotográfico no passado, o perímetro da cidade nas diferentes épocas, o fato de que certas áreas ou temas são considerados mais ou menos interessantes para pessoas distintas.

Há territórios da cidade que não foram tão representados quanto outras regiões em fotografias, ou antes por desenhos, gravuras e pinturas. Em resumo, a construção do álbum feita

por Wilton Carvalho Filho e seus colaboradores se deu a partir de uma espécie de herança deixada por gerações anteriores. De maneira simbólica, eles podem acrescentar uma fina camada sobre algo já existente, borrá-lo, recortá-lo, fazer uma observação, tentar enxergar o que se esgueira pelas bordas das fotografias.

Também podem identificar algo que gostariam de ver representado, ou ao menos aparecendo com mais frequência na coleção. Um exemplo deste comportamento foi identificado em uma publicação feita no dia 14 de junho de 2016 (Figura 18). Trata-se de um dos comparativos disponíveis na **Recife de Antigamente**, uma colagem que permite observar as modificações feitas no Edifício Reina, erguido na Avenida Conde da Boa Vista. A imagem mais antiga foi enviada para a página pela neta do fotógrafo Ivan Granville, Danniele Granville, que fez outras colaborações. A outra imagem é uma reprodução do Google Maps.

Entre os comentários sobre a publicação, um colaborador fez uma sugestão: “Bom registro, mas essa página facebook poderia ir aos bairros do Recife para pôr aqui registros não tão elitizados, contudo, importantes no mosaico da história da cidade. Por exemplo, poderia trazer registros sobre vilas operárias que existem ou existiram em Recife. Poderia começar pela vila dos ferroviários - estação ipiranga. seu surgimento, apogeu, etc”.

Figura 18 – Reprodução de publicação feita na página **Recife de Antigamente** com dois comentários em destaque



Colocações como a que foi feita pelo usuário citado anteriormente são claras demonstrações de como uma lista de espaços significativos de uma cidade pode ser preenchida de maneiras diversas por diferentes moradores. Habitantes e visitantes podem ter experiências completamente distintas ao se referir a uma mesma região.

Ao escrever sobre pesquisas relacionadas à percepção ambiental, o geógrafo Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999) pontua que

Os intelectuais interessados nos lugares e nas paisagens valorizados não pretendem produzir apenas uma simples divagação poética sobre eles. O que está em questão são os sentimentos de indiferença, de afeição ou de aversão do homem pelos lugares com os quais têm alguma forma de contato. Sentimentos e valores que, seguramente, têm um papel importante (em muitos casos, decisivo), na formação de juízos de valor, de atitudes e, em última análise, de ações sobre esses lugares e paisagens (AMORIM FILHO, 1999, p. 141).

Por concordar com a relevância de sentimentos como os de indiferença, afeição e aversão para a valorização das paisagens por indivíduos ou grupos. Os comentários feitos pelos colaboradores da página **Recife de Antigamente** foram observados com atenção para palavras que pudessem ser lidas como expressões destes sentimentos.

Em seu estudo sobre percepção ambiental na escala do Estado de Minas Gerais, Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999) recorre aos conceitos de topofilia e topofobia lançados por outro geógrafo, Yi-Fu Tuan, e também considera ações como topocídios e topo-reabilitações.

O conceito de topofobia pressupõe a importância capital da noção de lugar, em comparação com a de espaço, para a afetividade humana. Admite-se que o reino por excelência do exercício do sentimento topofílico são os lugares valorizados. É claro que o mesmo é válido para o sentimento contrário à topofilia, ou seja, o que pode ser definido como topofobia e conduz à noção de “paisagem do medo” (TUAN, 1979, citado por AMORIM FILHO, 1999, p. 141-142).

A própria popularidade das imagens de certos lugares, acompanhadas por elogios à beleza de um espaço ou frases com as quais se expressa uma relação de proximidade com o que é mostrado na imagem, ou seja, pelas quais se mostra que a ele é conferido um caráter de lugar, foram encarados nesta dissertação como indícios de topofilia.

Mais comuns do que a identificação de paisagens do medo (como espaços físicos) no conjunto de imagens foram os comentários sobre o atual estado da capital pernambucana, muitas vezes associado à sujeira, à violência, à destruição de certos locais, se comparado a um

passado vivido ou idealizado. Por falar em destruição, o conceito de topocídio, proposto pelo geógrafo britânico Porteus “evidentemente inspirado no de topofilia de Tuan, significa a aniquilação deliberada de lugares” (1988, citado por AMORIM FILHO, p. 142). Ao longo da história do Recife, não apenas construções, como regiões inteiras, foram destruídas por motivos diversos.

Ao falar sobre o caráter da cidade do Recife, Gilberto Freyre constrói a imagem de uma cidade que se mostra pouco ao turista. Em um exercício de aproximar a obra do pernambucano com a de Italo Calvino, um Marco Polo que chegasse por mar ou trem seria recebido por uma cidade de “recato quase mourisco”, acanhada, escondida por trás de coqueiros, angulosa, sem uma linha do horizonte com relevos dramáticos.

O viajante que chega ao Recife por mar, ou trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de cor. Nenhum porto de mar do Brasil se oferece menos ao turista. Quem vem do Rio ou da Bahia, cidades francas, cenográficas, fotogênicas, um ar sempre de dia de festa, as igrejas mais gordas que as recifenses, casas trepadas umas por cima das outras como grupos de gente se espremendo pra sair num retrato de revista, uma hospitalidade fácil – derramada – talvez fique a princípio desapontado com o Recife. [...] Cidade sem saliências nem relevos que dêem na vista, toda ela num plano só, achatando-se por entre as touças de bananeiras que saem dos quintais dos sobrados burgueses; por entre as mangueiras, os sapotizeiros, as jaqueiras das casas mais afastadas.

Outra opção, bem mais alegre, é a do viajante que chega de avião e a quem o Recife só oferece um pouco mais. Só as grandes manchas de água verde e azul dão para alegrar a vista.

A nenhum, porém, a cidade se entrega imediatamente: seu melhor encanto consiste mesmo em deixar-se conquistar aos poucos. É uma cidade que prefere namorados sentimentais e admiradores imediatos. De muito oferecido ou saliente, ela só tem o farol. Ou as torres das igrejas como a do Espírito Santo, outrora célebre pelas cores vivas que anunciavam aos recifenses navios à vista, vapores a chegar: da Europa, do Sul, das Áfricas, de outras Américas (FREYRE, 2007, p. 23)

Pelo que afirma o autor na longa citação acima, talvez o viajante ficasse desapontado. Algo mais provável para um viajante experiente, o Marco Polo como construído por conseguiria apontar especificidades da nova cidade imaginária onde aportava. O próprio sociólogo pernambucano afirma que “muitos saem do Recife com a impressão única, monótona, das ruas claras, batidas de sol, das pontes modernas, da gente quase toda morena” (FREYRE, 2007, p. 23-24). Mas lembra que há “um outro Recife, que guarda os vestígios – em suas construções ou narrativas – da colonização portuguesa, holandesa, ingleses e as ferrovias, revoluções, dos

judeus, das coisas que foram ‘as primeiras’ ou ‘as maiores’, das cheias, das assombrações” (FREYRE, 2007, p. 24).

O autor fala de um Recife romântico, dramático, mal-assombrado – sendo este último, especificamente, o tema de outra obra<sup>40</sup>, com a qual ele pretendia acrescentar

Uma ou outra chega à história íntima da cidade do Recife, cujo ambiente está tão impregnado de assombração quanto o de Salvador de feitiço ou o do Rio de Janeiro de buena dicha [...]. É que o Rio recorre ao sobrenatural principalmente para ver o futuro; enquanto no Recife o sobrenatural é sobretudo uma perseguição do presente pelo passado (FREYRE, 1987<sup>41</sup>).

Não pelo sobrenatural, mas por algo também intangível é guiada a construção desta dissertação. Como um passeio virtual por um Recife que se insinua pelos vestígios de construções ou que se perpetua pelas narrativas da gente que por ela passou e associa passagens de sua vida a certos lugares, celebrações públicas, certos rituais cotidianos. Para chegar a isso é preciso mais do que ver, sentir a cidade, algo que o professor Mário Sette associa à experiência de arruar.

Arruar... Ver as ruas e penetrar-lhes a história. A história cronológica e a história social. A história pitoresca também. Não somente a trilha inicial, a origem do arruado, o imperativo do cordeador, as exigências das posturas, mas, igualmente, os costumes, o vozear, as expansões, os vícios, as festas, os maus dias, os amôres de seus habitantes...

Arruar é abrir êsse livro de história, folhear-lhe vagarosa e saborosamente os capítulos, contemplar-lhe as ilustrações, comparar-lhe aspectos e episódios, compreender-lhe o sentido através das épocas e das gentes. (SETTE, 1948, p.11)

Ainda naquela época, o professor acreditava que as pessoas corriam pelas ruas, já não sabiam como arruar. “E, no entanto, que lição e que entendimento proporciona o estudo e o conhecimento da nossa cidade! O seu rosto, o seu cheiro, as suas cores, os seus sons!... Há nela um sentido que transcende de mero núcleo civilizado para atingir as raias de um templo de nós mesmos” (SETTE, 1948, p. 12).

O próprio interesse pela página **Recife de Antigamente**, e o teor de alguns dos comentários feitos na página, indicam que esta prática de estudo e conhecimento da cidade ainda persiste. Com características distintas, por certo, mas ainda se as formas, cores e sons das

<sup>40</sup> Assombrações do Recife Velho.

<sup>41</sup> O texto foi extraído do prefácio, não há indicação de página.

idades ainda mexem com essas pessoas. E demonstram como, em contato com estes elementos do espaço urbano, elas são capazes de fazer com que este núcleo populacional seja também uma parte do que elas são, ou um templo de nós mesmos, como defende o autor.

O impulso para que esta conexão tenha início pode ser o desejo de conhecer mais sobre o local onde se passou a morar, como relatou ou próprio Wilton Carvalho Filho, ou a associação de experiências da própria vida a determinados espaços. É comum ouvir alguém falar com saudade da rua onde morava na infância, lembrar dos espaços que frequentava na adolescência, entre outras associações feitas entre vivências particulares e espaços físicos (que podem nem existir mais). Outra possibilidade para que haja uma manifestação deste interesse é a sensação de partilhar aquela cidade com os antepassados.

Assim como possível arruar imaginando quem terá passado por aquelas mesmas paragens anos ou até séculos antes, é possível observar fotografias, mapas e outros elementos iconográficos com esta mesma intenção. Isto terá influência no que se enxerga nestes materiais, como já dito nas explanações sobre a figura do espectador emancipado.

Levando em consideração questões técnicas e também relações estéticas, o fotógrafo e pesquisador Stephen Shore desenvolveu uma metodologia de apreciação da fotografia que compreende três níveis – o físico, o descritivo e o mental. Para o pesquisador, todas as fotografias possuem atributos em comum. “Esses atributos determinam como o mundo diante da câmera se transforma numa fotografia, e também constroem a gramática visual que esclarece o significado de uma fotografia” (SHORE, 2014, p. 8).

Em sua análise, consideram-se desde as fotografias autorais às que são colocadas no campo do documental, sejam elas clicadas por fotojornalistas ou amadores. Este último grupo corresponde ao tipo de imagem fotográfica mais recorrente na página **Recife de Antigamente**. Então, vejamos como ele introduz a metodologia

Uma fotografia pode ser vista e vários níveis. Para começar, ela é um objeto físico, uma cópia impressa. Nessa impressão há uma imagem, a ilusão de uma janela aberta para o mundo. É nesse nível que em geral vemos uma imagem e descobrimos seu conteúdo: a recordação de um lugar exótico, o rosto de uma pessoa amada, uma pedra molhada, uma paisagem noturna. A esse nível incorpora-se outro, que contém sinais dirigidos a nosso aparelho perceptivo mental. É esse nível então que confere sentido ao que a imagem mostra e ao modo como ela se organiza (SHORE, 2014, p. 10).

No caso das publicações na página **Recife de Antigamente**, as imagens são digitalizações, mas não deixam de constituir essa ilusão de uma “janela aberta para o mundo”.

Observando a relação dos colaboradores com as imagens, e demais conteúdos iconográficos, nota-se como essa janela está aberta para quem quiser enxergar algo do passado, presente e futuro. Quanto ao nível físico, Stephen Shore (2014, p.15) nos lembra que uma fotografia “é bidimensional, tem bordas e é estática; ela não se move. Embora seja bidimensional, ela não é, rigorosamente, plana. A fotografia tem uma dimensão física”. Sobre os atributos físicos e químicos das fotografias, o pesquisador continua

Os aspectos físicos da cópia fotográfica determinam certos aspectos visuais da imagem. A bidimensionalidade do papel fotográfico estabelece o plano da fotografia. Suas bordas fixam os limites da imagem. A imobilidade da imagem determina a sensação de tempo na fotografia. Até a imagem de uma fotografia na tela de um computador é plana, estática e delimitada. O tipo de emulsão em preto e branco define o matiz e a gama tonal da cópia impressa, e o tipo de base determina sua textura (SHORE, 2014, p. 16).

E foi o referencial teórico desse mesmo estudioso que deu base para a análise dos conteúdos iconográficos, posto que se lida com digitalizações, tomando em consideração que ele pontua sobre as bordas como fixadoras de limites para imagens, a imobilidade como determinante da sensação de tempo e a gama tonal das cópias. Primeiro, se falará sobre as cores neste capítulo.

Há um grande volume de fotografias em preto e branco ou sépia entre as publicações feitas em 2015 e 2016, o que corriqueiramente associa-se a reproduções mais antigas, ainda que seja possível produzir imagens com essas cores na atualidade. As imagens em preto e branco ou sépia também estão presentes no subgrupo das 166 publicações que receberam mais curtidas, como se pode observar nos quadros dispostos nas páginas seguintes.

Dentro do subgrupo analisado, porém, a proporção de imagens coloridas em relação ao todo é significativa. No conjunto de 166 publicações, contabiliza-se 93 de imagens em preto e branco ou sépia (sendo uma delas uma montagem de quatro fotos), duas fotografias colorizadas, 68 imagens coloridas (sendo uma delas uma montagem com seis fotos) e 5 montagens comparativos entre o passado e o tempo mais recente, tipo de publicação sobre a qual nos debruçaremos mais adiante.

Uma das possíveis explicações para esse resultado expressivo pode estar no fato de que, por serem mais recentes, essas imagens se referem a uma realidade mais próxima dos colaboradores da página **Recife de Antigamente**. Mas é interessante pensar também sobre as implicações das cores na fotografia por uma perspectiva mais ampla que esse.

A cor amplia a paleta de uma fotografia e acrescenta à imagem um novo nível de transparência e de informação descritiva. Uma foto colorida é mais transparente porque quem a contempla se detém menos na superfície – estamos acostumados a ver o mundo em cores. Ela tem um nível descritivo adicional porque, além disso, passa a mostrar a cor da luz e os tons de uma cultura ou de uma época (SHORE, 2014, p. 18)

Considerando que, ao observar as fotografias coloridas da página, o público da **Recife de Antigamente** teria acesso a um nível descritivo adicional, é possível começar pontuando que as cores de muitas dessas imagens remetem aos tons das impressões fotográficas dos anos 1970. Em muitas delas nota-se que o azul do céu e o verde das águas ou das árvores se destacam, em contraste com os tons esmaecidos de boa parte das construções das localidades representadas, como é o caso de diversas imagens da praia, uma região que obteve.

### 3.1 O RECIFE NAS IMAGENS: QUERER ADIVINHAR OS QUE JÁ PISARAM

Passatempo e análise, conhecer e recordar são duas duplas de palavras que o professor Mário Sette (1948) associa ao ato de arruar. Fica bem claro que o autor está falando sobre a caminhada atenta pelas ruas da cidade, mas conhecer e recordar são coisas que se misturam também na página **Recife de Antigamente**. Assim como é possível que seus visitantes enxerguem a observação das imagens um passatempo ou exercício de análise. Nos dois casos, arruar é (...) “Pisar e querer adivinhar os que já pisaram. Ser ao mesmo tempo a geração de agora e as gerações de outrora” (SETTE, 1948, p. 11).

Além do binômio conhecer e recordar, pode-se trabalhar com a dupla olhar e pensar ao observar a dinâmica da página **Recife de Antigamente**. Buscando respostas para a pergunta “de que forma as imagens podem ser instrumentos para pensar, ao mesmo tempo que são objetos do olhar?” (GOMES, 2013, p. 9), o geógrafo Paulo Cesar da Costa Gomes ressaltava o atributo da visibilidade como um sendo central na vida social moderna.

De acordo com o geógrafo, a visibilidade é ativada e exercida devido à existência de diferentes espaços públicos. “Dessa maneira, as dinâmicas que afetam a visibilidade, aquilo que se exhibe, o público que observa, tudo isso deve ser reunido na compreensão da vida social” (GOMES, 2013, p. 23).

Dessa forma, a visibilidade, como foi dito, é sempre desigual, e a atenção é capturada por algo que desperta o interesse. Esse interesse é a contrapartida para o desinteresse sobre as outras coisas potencialmente “visíveis”, mas que, naquelas circunstâncias, segundo aquele ponto de vista, não são vistas. O olhar

pode ser amplo e geral, mas visibilidade é sempre dirigida e parcial (GOMES, 2013, p. 32).

Diante das numerosas “páginas” oferecidas por uma cidade que existe há séculos, como é Recife, o olhar dessas pessoas repousa sobre determinados elementos. O primeiro recorte, no caso da comunidade **Recife de Antigamente**, se dá pelo próprio foco da página – a predileção por fotografias antigas, muitas feitas em uma época na qual o custo da técnica fazia com que não fossem produzidas tantas imagens quanto hoje, por si só já sugere (mas não limita) um tipo de apreciação. Entre as mais antigas há que se considerar primordialmente o traçado da cidade na época, que era bem menor do que é hoje, fazendo com que muitas imagens correspondam à região do Recife Antigo e outras áreas centrais.

No entanto, mergulhando mais um pouco na dinâmica da comunidade que se cria em torno da página, é possível notar que para as mesmas fotografias disponíveis podem surgir novos recortes. De acordo com suas vivências, ou mesmo interesses momentâneos, as pessoas podem ter sua atenção atraída para um ou outro elemento dentre as diversas coisas visíveis.

Para refletir sobre essa questão, relacionando imagens aos lugares, Paulo Cesar da Costa Gomes trabalha com posições relativas a espaços de referência, que “podem ser tanto aqueles em que essas imagens são apreciadas, aqueles espaços nos quais elas são produzidas, quanto os espaços em que elas figuram” (GOMES, 2013, p.27). O geógrafo também propõe a existência de “regimes de visibilidade”, defendendo suas ideias a partir de uma analogia estabelecida com a expressão cunhada pelo filósofo francês Michel Foucault

A ideia principal nessa expressão é a de que existe uma espécie de protocolo, de cartilha de procedimentos regulares, que estabelecem socialmente aquilo que deve ser visto, as condições e os valores que devem ser julgados. A proposta de regimes de visibilidade é uma analogia com a expressão dos “regimes de verdade”, cunhada por Michel Foucault. Dizia ele que esses regimes nos informam sobre quem está autorizado a falar, o tipo de discurso que é aceito como verdadeiro e os mecanismos que permitem distinguir o falso do verdadeiro.

Paralelamente, podemos dizer que regimes de visibilidade nos informam sobre o que deve ser visível, como aquilo que é visto deve ser entendido e, simultaneamente, o que não merece ser visto. De certa forma, os regimes de visibilidade têm como meta nos informar sobre o que pode ser considerado importante e o porquê dessa avaliação. Eles nos informarão também sobre as condições necessárias para a interpretação daquilo que está sendo exposto, sua legitimidade. É nesse sentido que os regimes de visibilidade ditam mais do que somente o que é visto e o que é mantido à sombra. Eles ditam também o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, suas continuidades e rupturas. Como diria Foucault, esses regimes criam práticas, criam seus

próprios critérios e regras de avaliação e de legitimidade (GOMES, 2013, p. 51-52).

Considerando que a espacialidade modula os regimes de visibilidade, Paulo Cesar da Costa Gomes associa o “o que ver” e o “como ver” ao “onde ver”. Com isso, afirma a existência de uma geografia do olhar. “Essa geografia nos informa sobre o que deve ou não ser visto naquele lugar. Ela nos informa sobre o estatuto e a compreensão possível para as coisas que aí se apresentam, sua importância e seu sentido” (GOMES, 2013, p.53).

Na vida cotidiana, dada à profusão de pessoas e objetos que convivem no espaço urbano, os habitantes de uma cidade podem acabar se habituando a enxergar ou não certos detalhes de construções, certas atividades e até mesmo situações sociais ou lugares inteiros. Uma intervenção artística ou uma manifestação política podem iluminar esses personagens ou experiências invisibilizados, ainda que de maneira temporária, justamente por provocarem uma ruptura. Quando elas são promovidas, surge algo diferente no fluxo de acontecimentos corriqueiramente associados a determinado local.

Quando entramos em uma sala de um museu ou de uma galeria de arte, sabemos previamente que os objetos que ali estão expostos são considerados detentores de um valor, seja ele artístico, cultural ou histórico. Muitas vezes, pouco sabemos sobre o que está exposto. De fato, pouco importa o que veremos, eles já estão classificados pela posição que ocupam nessa rede de posições espaciais como elementos de valor. É sua situação especial que nos informa. Cabe ao olhar observá-los e identificar o que, naqueles objetos, existe de interessante e de valor. A posição dos objetos os torna visíveis. Eles estão em situação de exposição. Esse é um exemplo bastante simples do que está sendo aqui chamado de cartografia do olhar (GOMES, 2013, p.53).

Uma relação semelhante à que o geógrafo estabelece ao falar sobre a visibilidade e os espaços físicos, citando como exemplo as obras de arte em um museu, pode ser construída para situar as fotografias da página **Recife de Antigamente** dentro do universo que é a internet, organizadas na galeria virtual representada pelos álbuns do Facebook. E tal relação ajuda a explicar a atenção que imagens como essas recebem dos usuários dessa rede social.

As fotografias antigas da página **Recife de Antigamente** possuem algumas características que as diferenciam de uma grande parte do material publicado pelos usuários do Facebook. Para o observador contemporâneo, elas dizem respeito a um passado mais distante que o “ontem” ou a “semana passada”. Então pode-se pensar que elas se tornam atraentes pelo fator curiosidade, estimulado pela possibilidade de se ver como outras pessoas viviam, além de permitirem a identificação de alguns dos lugares por onde o espectador leva sua própria vida

ou por onde ele passou. Mas as possibilidades de leitura não se limitam a isso, o próprio distanciamento temporal entre o período em que as fotografias foram produzidas e a época em que elas estão sendo vistas indica outras coisas.

Para aquelas fotografias estarem ali no meio de tantas outras feitas contemporaneamente, foi preciso que alguém dedicasse mais tempo do que o que é necessário para fazer um registro apressado com uma câmera de celular – alguém as pesquisou em arquivos disponibilizados pela internet ou escolheu fazer as próprias digitalizações. Em meio ao tão falado bombardeio de imagens a que as pessoas são expostas nas redes sociais, o grupo formado pelas fotografias antigas acaba se destacando.

Alguém lhes atribuiu um valor, ao dedicar seu tempo para colocá-las em circulação na grande roda. Isso não quer dizer que tais imagens sejam mais ou menos importantes para a fotografia do que uma *selfie* ou uma foto do pôr do sol. É cada espectador, a cada ocasião, que vai conceder a cada uma delas um significado de acordo com suas intenções. Mas o posicionamento dessas fotografias em meio ao conjunto de imagens contemporâneas, acaba tornando-as visíveis, destacando-as pela diferenciação. Ou seja, elas estão em situação de exposição.

E, a partir do que já foi dito sobre a questão do ponto de vista, sabe-se que há um recorte da paisagem, e do que nela está contido, mesmo antes do ato de compor uma fotografia – que dirá da seleção representada por disponibilizar algumas delas. Lembrando que nós aprisionamos a paisagem pelo olhar, representando-a em diversos lugares e suportes que vão desde quadros e fotografias aos descansos de tela, Paulo Cesar da Costa Gomes afirma

Além desse sensível aprisionamento pelo olhar, a estética das paisagens nos oferece outra importantíssima possibilidade: o distanciamento. Os temas, às vezes bastante ordinários, tratados na paisagem, os lugares que conhecemos, pelos quais passamos, tudo isso ganha uma dimensão nova quando os vemos sobre um suporte imagético. Assim, é comum que a representação no cinema, ou em um quadro de uma área que conheçamos nos instigue, excite. O mesmo ocorre quando subimos a um ponto de vista e contemplamos à distância e sobre outro ângulo lugares por nós, às vezes, muito conhecidos.

De fato, uma consequência direta da representação de paisagens negligenciada é esse distanciamento. Ao ser figurada, fixada sobre um suporte, aquela imagem se oferece como elemento de contemplação. Em outros termos, essa apreciação denota que aqueles elementos merecem atenção – eles ganham visibilidade. Ainda que sejam, muitas vezes, coisas associadas à vida comum e cotidiana, esses fatos e eventos, quando são assim figurados, esteticamente expostos à nossa atenção, ganham uma nova dimensão, ganham relevância – o ordinário se transforma em extraordinário (GOMES, 2013, p. 115-116).

Historicamente, representações de paisagens não foram feitas apenas para deleite estético, muitas vezes havia o intuito de informar, como no caso das pinturas feitas na época das grandes navegações, que ofereciam aos europeus um vislumbre das terras conquistadas. Hoje, bem mais acessíveis, as representações mantêm esse caráter. Mesmo fazendo referência a lugares próximos ao observador, e colocadas em meio a muitas outras imagens, de alguma maneira está preservada a dimensão em que elas ganham relevância, na qual o ordinário se transforma em extraordinário.

É preciso considerar que, como nos lembra Paulo Cesar da Costa Gomes, as condições de visibilidade das imagens estão em transformação no mundo contemporâneo. Os níveis de atenção e concentração dos espectadores podem não ser os mesmos que antigamente, mas ainda há situações de exposição. “As novas formas da produção de imagens e seus novos contextos de produção e de exposição delimitam novos modelos de imitação da vida, com diferentes potenciais, a partir de outros instrumentos, configurações e comportamentos que prometem novas sensações” (GOMES, 2013, p. 156).

Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 39), “‘Espaço’ é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias”. O geógrafo chinês considera que pessoas de culturas diferentes têm maneiras distintas de dividir o mundo, assim como de medir e atribuir valores a essas partes.

Contudo existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais (TUAN 1983, p. 39).

O autor faz uma distinção entre as palavras corpo e humano e espaço e mundo, que aproximamos dos estudos sobre visibilidade desenvolvidos por Paulo Cesar da Costa Gomes. Corpo, para Yi-Fu Tuan (1983), remete antes a um objeto do que a um ser vivo e espiritual. O corpo seria, então, uma coisa que está no ou ocupa um espaço. “Ao contrário, quando usamos os termos “homem” e “mundo”, não pensamos apenas no homem como um objeto no mundo, ocupando uma pequena parte do seu espaço, mas também no homem como habitando o mundo, dirigindo-o e criando-o” (TUAN, 1983, p. 39). E, também para o geógrafo chinês, o espaço torna-se lugar quando ao adquirir definição e significado.

Serão adotadas nesta dissertação as palavras lugar, mundo e pessoas ou seres humanos. O geógrafo chinês afirma que, simplesmente com sua presença, os seres humanos impõem um

esquema no espaço, embora não estejam conscientes disto na maioria das vezes. A pessoa “Marca sua presença nas ocasiões rituais que elevam a vida acima do cotidiano e forçam-no a uma consciência dos valores da vida, incluindo aquelas manifestadas no espaço” (TUAN, 1983, p. 42).

Exemplos destas ocasiões rituais são as manifestações religiosas, mas também podemos pensar que um ato político ou expressão cultural que se dão em espaço público são ocasiões em que se eleva a vida acima do cotidiano, o espaço é transmutado em lugar. No Recife, o Morro da Conceição é um exemplo dessa transmutação, quando a Festa de Nossa Senhora da Conceição acrescenta ao espaço que para muitos é lugar de moradia, uma camada de significado, a de destino de uma celebração que reúne pessoas de diversas áreas da cidade, capaz de ser compartilhada mesmo por aqueles que não são católicos praticantes.

Yi-Fu Tuan acredita que “o espaço, uma necessidade biológica de todos animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual” (TUAN, 1983, p. 66).

Em nosso cotidiano, estamos conscientes do espaço e do tempo de acordo com as experiências e atividades que optamos ou somos levados a desenvolver. Observar uma obra de arte ou fotografia estrutura essa relação de alguma maneira. Para Yi-Fu Tuan, “Qualquer um com uma simples câmara pode agora produzir uma imagem que transforma o tempo em ritmo” (TUAN, 1983, p. 137).

Sob a influência das imagens da paisagem, pintadas ou captadas pela máquina fotográfica, aprendemos a organizar os elementos visuais em uma dramática estrutura espaço-temporal. Quando olhamos uma cena campestre, quase automaticamente arranjamos os seus elementos de modo que fiquem colocados ao longo do caminho que desaparece no horizonte distante. Outra vez, quase automaticamente nos vemos andando por esse caminho; suas bordas convergentes são como uma flecha apontando para o horizonte, que é nosso destino e futuro. O horizonte é uma imagem comum do futuro (...) (TUAN, 1983, p. 138).

A ideia de lugar estabelecida pelos colaboradores da página **Recife de Antigamente** estaria associada à de uma pausa no movimento, não apenas dos corpos no espaço, mas também no tempo. Uma pausa que pode ser curta no fluxo de informações da *timeline* do *Facebook*, mas que vimos torna-se o suficiente para que muitas pessoas expressem sua relação de lugar com aqueles espaços representados em reproduções de antigas fotografias e outros elementos iconográficos.

Pensando nos locais e nas experiências vividas pelas gerações de outrora, e também no que foi citado anteriormente sobre lugar e visibilidade, os quadros foram organizados em dois blocos maiores. O primeiro deles é mais pautado pela fisicalidade. Ele reúne imagens referentes à geografia da cidade, sua relação com as águas, os espaços construídos e mesmo algo mais específico como as construções. O segundo conjunto é mais pautado pelas experiências vividas na cidade. Como se nota, mais uma vez, há intersecções entre eles e as explicações para isso estão na maneira como nos relacionamos com os espaços.

### 3.1.1 Na tarde de um domingo azul<sup>42</sup>

Imagens da região litorânea do Recife formaram o Quadro 1 (página 165 dos Anexos) maior conjunto de imagens entre as que receberam mais curtidas na página **Recife de Antigamente**: são 30. Mas isso é válido caso seja considerado exclusivamente o critério de localização geográfica, isso porque, como já foi dito, algumas características são comuns aos grupos construídos nesta dissertação.

Para batizar esta seção foi escolhido um verso da música **La Belle De Jour**, de Alceu Valença, por sua referência a lembranças atreladas a uma tarde na Praia de Boa Viagem, mas uma imagem da Praia do Pina também integra o conjunto. Há várias imagens da própria Avenida Boa Viagem, de diferentes ângulos, poucas que destacam elementos específicos do mobiliário urbano como um posto de salva-vidas (Figura 6 do Quadro 1) e o quiosque de um vendedor de coco (Figura 29 do Quadro 1). Mas a antiga Avenida Beira Mar, que remete a uma fase anterior da ocupação populacional da região também aparece.

Em 1889, com o modismo dos banhos de mar, era inaugurada a linha de bondes a burro. Por volta de 1906, o bairro não possuía mais de 60 casas. Foi, porém, com a inauguração da então Avenida Beira-Mar, em 1924, no Governo de Sérgio Loreto, que a localidade começou, realmente, a se desenvolver, embora de forma modesta. Praticamente, nessa mesma ocasião se inaugurou o serviço de bondes elétricos para aquela área. Os bondes transitavam em mão dupla e a avenida costeira era então asfaltada, e não de concreto, como hoje.

Até os anos cinquenta, no entanto, Boa Viagem permaneceu como local de veraneio e de colônia de pescadores. A Avenida Beira-Mar tinha em toda sua extensão apenas cerca de 200 casas. De lá para cá, muita coisa mudou (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2010. p. 138).

---

<sup>42</sup> O nome da seção é inspirado em verso da música **La Belle De Jour**, do cantor Alceu Valença.

Mudou mesmo, a então colônia de pescadores passou a atrair cada vez mais banhistas. Viu surgirem edifícios altos como o Califórnia, o Acayaca e o Hollyday. A praia tornou-se ponto turístico, o bairro passou por um boom imobiliário. Assim como as fotografias feitas do alto, a presença de prédios e de grupos de banhistas entre as imagens mais populares na página **Recife de Antigamente** são um demonstrativo desta transformação e um reflexo da mesma pode ser visto, também, na figura 19. A sombra dos prédios altos, bem próximos uns dos outros, sobre a areia da praia ao entardecer são marcantes.

Figura 19 – Sombra dos prédios sobre a orla de Boa Viagem, em fotografia de Adelaide Ivánova<sup>43</sup>



Mais uma vez exemplificando como os elementos identificados na comunidade estudada nesta dissertação ecoa na produção cultural contemporânea da cidade, pode-se abrir parênteses para citar a realização do **Museu do Tubarão**<sup>44</sup>, que é um projeto cultural, idealizado pelos artistas do coletivo Casa Navio, e não um espaço físico, como o nome da iniciativa faz parecer (há um local com este nome em Fernando de Noronha). Por causa do **Museu do Tubarão** foram promovidas, em novembro 2015, diversas ações em diferentes locais do bairro de Boa Viagem. As areias da praia também foram a escolha do fotógrafo pernambucano Xirumba para realizar o lançamento do livro *Deu Praia*, em outubro de 2014. As 140 fotografias

<sup>43</sup> Foto cedida à autora da dissertação pela fotógrafa.

<sup>44</sup> <https://www.facebook.com/events/1498190590476198/>

reunidas na publicação foram feitas por Xirumba durante caminhadas pela Praia de Boa Viagem<sup>45</sup>.

O ato de caminhar pela orla, sendo que na década de 1960, é justamente o que se destaca na imagem (Figura 20) mais popular do Quadro 1: A Figura 12 (4800 curtidas, 2267 compartilhamentos e 133 comentários).

Figura 20 – Figura 12 do Quadro 1, orla de Boa Viagem



Considerando que, “As relações criadas pelas bordas são tanto visuais quanto de conteúdo” (SHORE, 2014, p. 56). A linha de carros, coqueiros e prédios também apresenta elementos dessa paisagem ao observador, mas há um grupo de pessoas destacado em primeiro plano. Entre elas, quatro pessoas formam um conjunto que caminha no que mais tarde seria transformado no “calçadão”. Ao lado delas, no ambiente da praia e à direita da composição, um vendedor de coco e seus potenciais clientes formam um segundo conjunto.

Além de estarem mais próximas do fotógrafo, essas 13 pessoas estão com seus corpos (e às vezes rostos) voltados para a câmera, o que faz com que elas se destaquem em relação aos demais banhistas, que praticamente compõem um desenho pontilhado ao fundo da imagem,

<sup>45</sup> <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2014/10/18/xirumba-lanca-livro-de-fotografia-na-praia-de-boa-viagem-151381.php/> Data de acesso: 02/08/2017

após um pequeno intervalo formado pela faixa de areia. Com a duração da exposição escolhida pelo fotógrafo “congelando” a cena, o foco, quarto fator a ser considerado no nível descritivo da imagem. Isto significa dizer que quando

Uma pessoa que diz “xis” ao ser fotografada está inconscientemente reconhecendo a forma como o tempo é transformado numa fotografia. Uma fotografia é uma imagem estática, mas a vida flui no tempo. Quando a fotografia interrompe esse fluxo, delinea-se um novo significado, um significado fotográfico. A realidade é uma pessoa dizendo “xis”. A câmera, testemunha silenciosa, mostra uma pessoa sorrindo – talvez um sorriso superficial e sem vida, como numa foto no álbum da turma do colégio ou na cerimônia de inauguração de alguma coisa, mas mesmo assim um sorriso (SHORE, 2014, p.70).

As pessoas representadas no primeiro plano dessa fotografia estão, de uma maneira ou de outra, “reconhecendo a forma como o tempo é transformado numa fotografia”. As quatro mulheres que caminham pela calçada parecem até mais conscientes disso, pela maneira como três delas olham para a câmera, talvez instruídas por quem captou a imagem. Já o vendedor de cocos parece até um pouco tímido com a situação, quase escondido atrás da pilha de frutos.

As pessoas ao lado dele se apresentam em uma variedade de maior de poses (a mulher de maiô azul até cobre o rosto da menina com seu braço ao olhar para o outro lado), também de reações à presença do fotógrafo naquele ambiente em que lazer e trabalho se misturam. Essa concepção da praia como um local para diferentes atividades surge de outro nível da relação do observador com a imagem, com algo definido como nível mental.

As imagens existem num nível mental, que pode coincidir com o nível descritivo – aquilo que a imagem mostra – mas não o espelham. O nível mental elabora, refina e embeleza nossas percepções do nível descritivo. O nível mental de uma fotografia proporciona uma estrutura para a imagem mental que construímos a partir da fotografia (e para ela) (SHORE, 2014, p. 70).

Ou seja, ao olhar para uma imagem, assim como para a página de um livro ou jornal, “é nossa mente que muda o foco, na imagem mental da fotografia” (SHORE, 2014, p. 97). O mesmo podemos dizer do que ocorre ao se olhar para uma imagem na página **Recife de Antigamente**, a exemplo dos comentários que se destaca entre os que foram feitos na Figura 12 do Quadro 1.

Eles apresentaram perspectivas diferentes das características observadas pela autora dessa dissertação. Há apontamentos sobre a presença de tubarões no mar (Figura 21) e sobre outras características do lugar em diferentes épocas (Figuras 22 e 23).

Figura 21 – Reprodução de comentário feito na publicação referente à Figura 12 do Quadro 1



Figura 22 – Reprodução de comentário feito na publicação referente à Figura 12 do Quadro 1

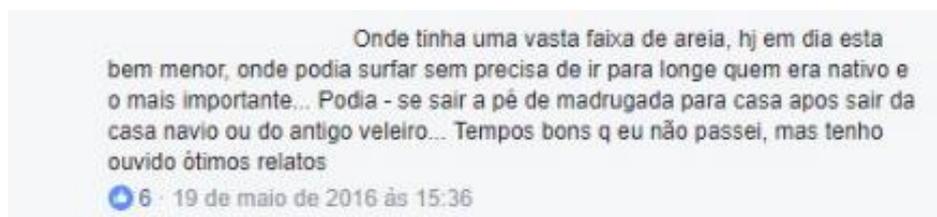
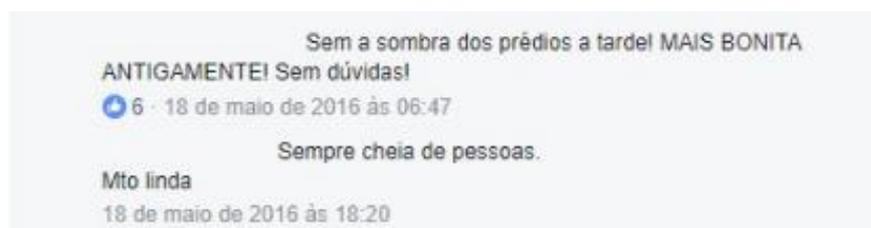


Figura 23 – Reprodução de comentário feito na publicação referente à Figura 12 do Quadro 1



### 3.1.2 Encontrar interesse vivo numa fachada de azulejos<sup>46</sup>

O enquadramento, segundo atributo do chamado nível descritivo das imagens, demarca áreas que aparecem ou não na fotografia. Ou ainda, faz com que alguns elementos sejam mostrados mais claramente ao observador ou tenham que ser imaginados por ele. Foi o que

<sup>46</sup> Trecho do livro Arruar, de Mário Sette.

orientou a criação deste segundo quadro de imagens, dedicado às edificações, que tem recortes dedicados aos cinemas e ao aeroporto.

O Quadro 2 (página 172 dos Anexos) é composto por 26 imagens, que exemplificam uma variedade de construções que fazem parte da paisagem de uma cidade com as características do Recife – quanto ao uso, localização e antiguidade. Algumas delas foram demolidas, como a Casa Navio (Figura 5 do Quadro 2) e a uma igreja anglicana que era conhecida como a igrejinha dos ingleses (Figura 11 do Quadro 2). Esta última existia na época em que a Avenida Conde da Boa Vista ainda era a Rua Formosa e deu lugar ao Edifício Duarte Coelho, que abriga, no térreo, o Cinema São Luiz. Outras são consideradas patrimônios históricos da cidade, como a Igreja do Carmo (Figura 7 do Quadro 2) e o Mercado de São José (Figura 18 do Quadro 2).

Há ainda o exemplo curioso de uma edificação representada pela placa que indicava a construção da mesma, o Shopping Recife (Figura 3 do Quadro 2). O autor da publicação expressou a expectativa que havia em torno da inauguração do centro de compras “que mudaria a rotina de uma cidade”, como ele também indica na legenda: “o que importa é que vivi cada etapa desse shopping que fez parte da minha infância e adolescência<sup>47</sup>”.

Assim como o Shopping Recife e o Mercado de São José, outros espaços de uso público ligados a atividades comerciais foram inseridos no Quadro 2. É o caso da antiga loja Mesbla, que aparece duas vezes com a mesma foto no conjunto de 166 imagens mais curtidas (Figuras 1 e 15 do Quadro 2), e ocupava o espaço onde depois passou a funcionar a Riachuelo.

Há também edifício residencial localizado em uma área de grande visibilidade como o Edifício Acaiaca (Figura 9 do Quadro 2). Retomando as ideias de Calvino: As coisas da cidade são símbolos de outras coisas e certos lugares são associados a uso determinados. O Edifício Acaiaca, em Boa Viagem, é uma referência espacial na praia, e o Edifício JK, localizado na Avenida Dantas Barreto, continua sendo citado por algumas pessoas com uma referência ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

A instituição já deixou de atender aos cidadãos no local e, mais recentemente, o enorme símbolo na lateral do edifício, que chamava a atenção na paisagem, foi parcialmente apagado com tinta branca. Mas, para muitos, o “prédio do INSS” ainda é utilizado como um ponto de referência na região central da cidade. E uma cidade, nos lembra Armando Silva, também se faz por suas expressões

---

<sup>47</sup> A publicação foi feita no dia 02/03/2016, mas não há assinatura.

A cidade é também a construção de uma mentalidade urbana. A vida moderna vai pondo tudo em um tempo, um ritmo, umas imagens, em uma tecnologia, em um espaço que é não só real (como se diz daquele lugar onde cabem e se colocam as coisas) mas também simulado, para indicar o lugar da ficção que nos atravessa diariamente: os outdoors, a publicidade, os grafites, as placas de sinalização, os publik, os pictogramas, os cartazes de cinema e tantas outras fantasmagorias (SILVA, 2001, p. XXV).

Um exemplo corriqueiro como esse do edifício JK e o que Armando Silva nos fala sobre “o lugar da ficção que nos atravessa diariamente” corroboram para a ideia de que assim, como a paisagem, as relações simbólicas estabelecidas com ela estão em constante transformação. “A territorialidade urbana se estabelece através da construção, da desconstrução e da reconstrução de identidades ao longo da história. São percepções e apreensões organizadas pelos registros de memórias, compostos de símbolos e de representações” (MACIEL, DORNAS, ENGLER, 2016, p. 2).

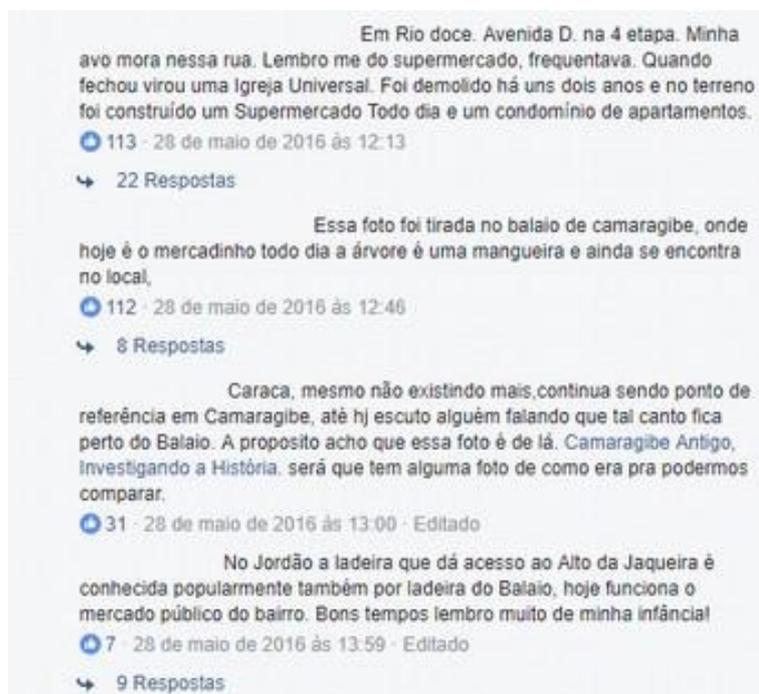
A publicação mais curtida, no entanto, é a de uma fotografia do mercado Balaio, Figura 12 (4900 curtidas, 4084 compartilhamentos e 798 comentários). O autor recordava do slogan marcante criado pelo estabelecimento: “Quer moleza? Vai no Balaio!”, mas não tinha certeza quando à localização daquela unidade específica que aparece na imagem (Figura 24).

Ao fazer a pergunta, recebeu respostas divergentes – tais como Jordão, Camaragibe e Rio Doce (Figura 25). Mas é interessante notar como, mesmo respondendo a uma pergunta específica, os colaboradores muitas vezes extrapolam uma observação primária e tecem comentários como “Continua sendo ponto de referência” ou “lembro muito de minha infância”.

Figura 24 – Figura 12 do Quadro 2



Figura 25 – Reprodução de alguns comentários feitos na Figura 12 do Quadro 2



### 3.1.2.1 Cinema é a maior diversão<sup>48</sup>

O enquadramento, segundo atributo do chamado nível descritivo das imagens segundo Stephen Shore, demarca áreas que aparecem ou não na fotografia. Ou ainda, faz com que alguns elementos sejam mostrados mais claramente ao observador ou tenham que ser imaginados por ele. Esta questão é importante para pensarmos reações como as que tiveram os observadores da foto do supermercado Balaio, mas é aplicável a várias outras imagens.

A decisão de mostrar um pouco da margem do rio na fotografia do Cinema São Luiz (Figura 26) que se tornou a mais popular do Quadro 3 (página 179 dos Anexos), a Figura 3 (3400 curtidas, 2253 compartilhamentos e 151 comentários), não apenas localiza o espaço cultural para o observador contemporâneo. Ela também permite com que indícios de uma vida cultural atravessem o tempo – antes do esquema em que diversas salas de projeção são construídas dentro de um espaço isolado das calçadas, o interior do shopping center, a ida ao cinema envolvia mais frequentemente essa proximidade com a rua, com o movimento cotidiano de uma região central.

Oferecia a possibilidade de contemplar o movimento das pessoas a partir da outra calçada, perto do rio. Sentado na mureta ou de passagem pela ponte, observava-se os filmes que

<sup>48</sup> O slogan ainda pode ser visto em placas no Cinema São Luiz, por isso batiza esta seção.

estavam em cartaz. Sobrevivente entre os cinemas de rua, o São Luiz ainda permite esse tipo de experiência social, o que também colabora para o estabelecimento desse tipo de considerações acerca da vida cultural de uma cidade a partir da observação de uma fotografia.

Figura 26 – Cinema São Luiz, década de 1970



Os cinemas ganharam um recorte dentro da seção dedicada às edificações tendo em vista que a recepção do cinema por parte do público recifense foi marcante desde as primeiras décadas do século XX, como a pesquisadora Kate Saraiva. A atração das pessoas pelas imagens projetadas estava ligada a um novo acontecimento social.

Essa aceitação do cinema resultou na multiplicação de casas de exibições na cidade. Passaram a existir cineteatros, cinemas populares (os “poeiras”), cinemas de bairro, cinemas em bases militares e cinemas de luxo. Ao lado do processo de modernização da cidade estavam os novos prédios de cinema, também como elementos simbólicos dessa fase.

O maior número de projetos e construção de edifícios de cinema se dá até os anos 70. Nas décadas posteriores, de 80 e 90, a quantidade de espaços para exibição cinematográfica diminuiu consideravelmente (SARAIVA, 2013, p. 12).

O conjunto apresentado no Quadro 3 exemplifica esta diminuição. Ele é formado por três fotografias do Cinema São Luiz, uma do Cinema Moderno e outra do cinema Recife 123, que na época funcionava em uma construção anexa ao Shopping Recife. Dos três cinemas representados neste grupo de imagens, apenas o primeiro ainda funciona no mesmo prédio, já que o Moderno parou de funcionar na década de 1990 e o centro de compras passou a ter dez salas de exibição do UCI Kinoplex Recife dentro de sua estrutura principal.

Quase toda a estrutura “montada” para a exibição cinematográfica na cidade, ao longo do século XX, não existe mais. Nos anos 90, o centro da cidade perdeu praticamente todas as salas de rua que ainda sobreviviam. O Trianon e o Art-Palácio fecharam em 1992, e o Moderno em 1997. Estes reinaram imponentes desde os anos 30 e 40.

Edifícios-cinema, implantados em lotes urbanos, não foram construídos desde a década de 80 do século passado. Foi praticamente o fim das salas de projeção nas ruas, modelo que dominou por boa parte do século XX. Os cinema-palácios foram substituídos por dezenas de salas, menores e padronizadas, e o que predomina atualmente são os cinemas em centros de compras (shoppings), não só aqui, mas em todo o país, seguindo também um movimento mundial. Em Recife, eles chegaram em 1998 (SARAIVA, 2013, p. 13).

O Cinema São Luiz, inaugurado em 1952, é um dos poucos cinemas de rua que restaram em atividade no Recife, junto a dois cineteatros: o Teatro Apolo, no Bairro do Recife, e o Teatro do Parque, na Boa Vista. A fotografia destacada pelo número de curtidas recebeu comentários que destacam essa questão (Figura 27), relatam experiências pessoais (Figura 28) ou fazem comentários sobre o estado do prédio (Figura 29), por exemplo.

Figura 27 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 3 do Quadro 3

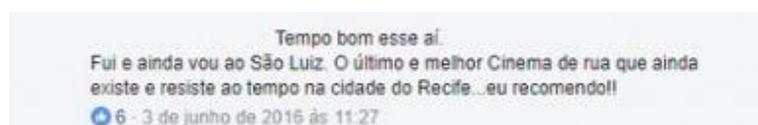


Figura 28 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 3 do Quadro 3

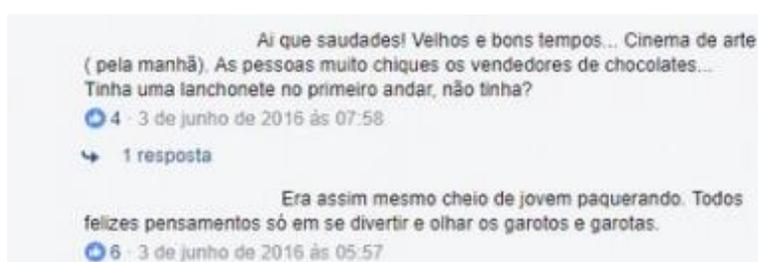


Figura 29 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 3 do Quadro 3



### 3.1.2.2 Outra opção, bem mais alegre, é a do viajante que chega de avião<sup>49</sup>

Outro espaço construído que se revela significativo para os participantes da página **Recife de Antigamente** é o aeroporto, presente em sete imagens entre as mais populares. As fotografias foram feitas antes da reforma que transformou bastante a construção. Em algumas imagens, nota-se o público bem perto da pista, e uma delas, datada de 1980, segundo o autor da publicação, foi a que conquistou mais curtidas neste grupo (Figura 30).

Gilberto Freyre (2007) afirma que o Recife não se escancara para o viajante que chega por mar ou trem e avalia que uma opção “bem mais alegre” é chegar de avião, mesmo alertando que, por este meio de transporte, a cidade oferece apenas um pouco mais a quem chega: “Só as grandes manchas de água verde e azul dão para alegrar a vista” (FREYRE, 2017, p.23).

Os colaboradores da página **Recife de Antigamente**, porém, mostram que o próprio aeroporto tem seus atrativos para moradores da cidade. Mais do que exclusivamente um espaço utilitário, destinado a quem ia viajar ou chegava à capital pernambucana, o aeroporto foi para muitos um espaço de lazer, no qual parte da diversão era observar os pousos e decolagens. Uma parte da entrada, o restaurante que havia no primeiro andar e a pista repleta de aviões aparecem em algumas imagens, mas o público observando os pousos e decolagens é o tema mais recorrente.

Figura 30 – Foto do Aeroporto dos Guararapes na década de 1980, publicada na página **Recife de Antigamente** e creditada a Tulio Couceiro



<sup>49</sup> Trecho da obra Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife (2007), de Gilberto Freyre.

Este é o tipo de relato, que demonstra como a ida ao aeroporto era uma atividade de lazer, é recorrente na imagem mais popular do Quadro 4 (página 181 dos Anexos), identificada no conjunto como Figura 5 (1900 curtidas, 1031 compartilhamentos e 79 comentários). Há diversos comentários sobre passeios em família, da impressão de que as pessoas ficavam mais próximas nas partidas e retornos, de quando viajar de avião era “um evento” (Figuras 31, 32, 33 e 34).

Figura 31 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4

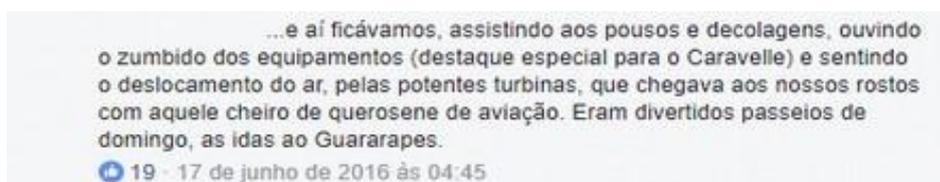


Figura 32 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4



Figura 33 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4

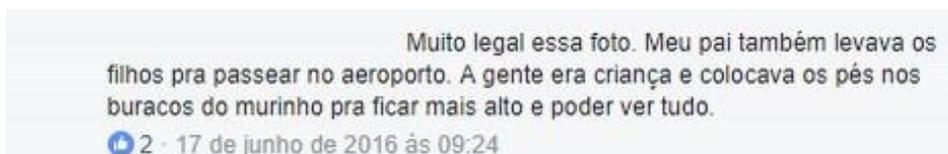
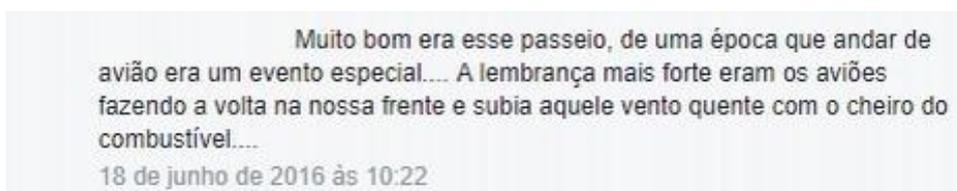


Figura 34 – Reprodução de comentário na publicação da Figura 5 do Quadro 4



### 3.1.3 Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância<sup>50</sup>

A escritora Margarida Cantarelli afirma que “As ruas são tão importantes para uma cidade que, com muita propriedade, são frequentemente chamadas de artérias, numa correlação com a vida humana” (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2010, p. 9). E ressalta como os

<sup>50</sup> Verso do poema Evocação do Recife, de Manuel Bandeira.

cidadinos estabelecem vínculos afetivos com as vias ao dizer que “ao evocarmos o nome de uma rua há toda uma bagagem de recordações que vêm a nossa mente, muitas vezes transpassa o nosso coração de alegria, de tristeza, ou simplesmente do passado” (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2010, p. 9). Os exemplos elencados por Margarida são importantes porque nos fazem entender por afeto, não apenas a acepção mais corriqueira da palavra, de algo como sentir carinho por, mas também sentimentos que não sejam tão exaltados como positivos, a exemplo da própria tristeza.

Pensando nessa bagagem de recordações, e também nas configurações de uma cidade, foi elaborado o Quadro 5 (página 183 dos Anexos), específico para as ruas e avenidas. Entre as 166 publicações mais curtidas, foram identificadas fotos de vias mais antigas da cidade. Entre elas, a Rua Nova, em um registro de 1930 (Figura 2 do Quadro 5), via que já foi um dos pontos de encontro para os recifenses, onde havia as confeitarias Bijou e Cristal, os cinemas Pathé, Royal, Vitória e Crisântemo. Há também a Rua do Bom Jesus em uma imagem datada de 1914 (Figura 6 do Quadro 5), e a Rua do Imperador em uma foto feita em 1934 (Figura 13 do Quadro 5). Das três, a Rua do Bom Jesus ainda tem a peculiaridade de estar localizada em um centro histórico-turístico da cidade, o Bairro do Recife.

Sendo a mais importante do bairro, desde os tempos dos flamengos, ou mesmo, antes deles, tudo indica que, em virtude de seu traçado natural de velha estrada, que levava a viandante, vindo de Olinda para a ermida de Santelmo, seja ela a primeira da povoação. Com a denominação de Rua do Bode (Bechestraet) é conhecida nos seus primórdios. Preferida pelos israelitas durante a ocupação holandesa, passa a se chamar também de Rua dos Judeus (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2019, p. 39).

Depois que os israelitas saíram de Pernambuco, a mesma via ainda passou a ser chamada de Rua da Cruz antes de receber a nomenclatura atual. Tantos nomes simbolizam os períodos pelos quais passou, os diferentes usos que teve, os modos como era vista como parte da cidade. Mais numerosas que os nomes são as histórias se passaram em ruas como essas, algumas já extintas do mapa.

A professora Lúcia Leitão afirma que, certamente, o fato de ser uma via de circulação é a função menor de uma rua. “Assim, se do ponto de vista estritamente urbanístico, a cidade se organiza a partir de suas ruas [...] do ponto de vista psicossocial, a rua também se mostra

imprescindível, quer na constituição da subjetividade, quer na organização da sociedade<sup>51</sup>” (RODRIGUES, 2014).

Observar as ruas do Recife, através destas imagens, pelo recorte da página **Recife de Antigamente**, permite identificar elementos subjetivos organização dessa sociedade.

Em números absolutos, a Avenida Guararapes é a que aparece mais vezes no conjunto de imagens. Ela é um ponto de referência para moradores do Recife, sendo uma via localizada num ponto de convergência populacional, o centro da cidade. Este é um ponto muito importante ao se considerar tal recorrência.

Queremos lembrar que não apenas tudo o que existe no Recife, simbólica e concretamente, converge para o centro. Também tudo segue resistindo no centro. Por este centro, além dos moradores fixos, há uma população flutuante que trabalha, compra “usa” e come, mas muitas vezes não se dá conta do universo ao seu redor. É o centro como um invisível diário, um cartão-postal a ser descoberto (GUIA, 2015).

Esses moradores e a população flutuante identificados pelos organizadores do **Guia Comum do Centro do Recife** convivem com os vestígios deixados pelos outros que por ali passaram, o que inclui as atividades desenvolvidas em determinadas épocas e, não menos importante, a vida cultural. Na Avenida Guararapes funcionava o Bar Savoy, sobre o qual o poeta recifense Carlos Pena Filho fala nos versos de **Chopp**, já mencionando as transformações pelas quais o Bairro de Santo Antônio passava na época.

“Na Avenida Guararapes,  
o Recife vai marchando.  
O Bairro de Santo Antônio,  
tanto se foi transformando  
que, agora, às cinco da tarde,  
mais se assemelha a um festim,  
nas mesas do Bar Savoy,  
o refrão tem sido assim:  
São trinta copos de chopp,  
são trinta homens sentados,  
trezentos desejos presos,  
trinta mil sonhos frustrados.  
(...)

Quanto à questão da convergência, nota-se como outras vias dos Bairros de Santo Antônio e da Boa Vista, às quais a Guararapes está conectada também receberam muitas

---

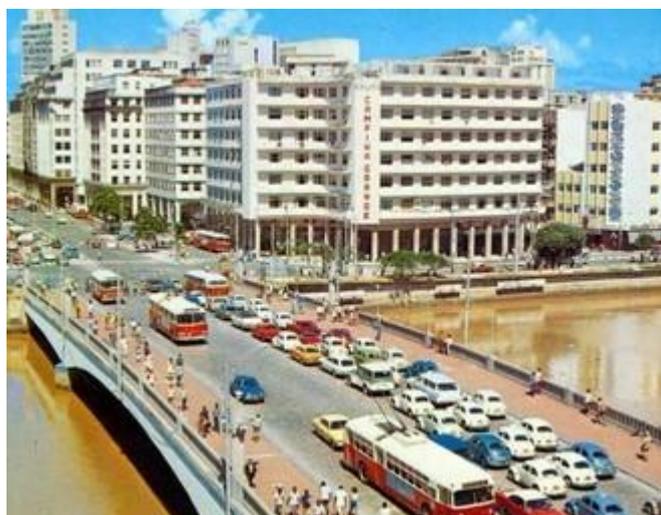
<sup>51</sup> O texto da professora e arquiteta Lúcia Leitão foi publicado em um livro que reúne uma série de postais, não há indicação de páginas.

curtidas. Como Avenida Conde Da Boa Vista, Avenida Dantas Barreto, Rua da Aurora e Rua do Sol – em alguns casos, o ângulo da fotografia destaca o encontro das mesmas. Gilberto Freyre comenta o processo de ocupação dessa região.

A tendência da edificação urbana do Recife, em bairros como o de São Pedro, Santo Antônio e mesmo São José, é, pelas próprias condições ecológicas da parte mais antiga da cidade, para a verticalidade. Tendência para a qual evidentemente concorreu a influência de europeus do Norte, senhores do Recife talássico durante anos, no século XVII. Com o maior número de pontes e os veículos modernos, porém, a área propriamente urbana do Recife, outrora confinada a ilhas ou quase-ilhas, vem se estendendo pelo continente: Boa Vista (FREYRE, 2007, 31).

Tendo em vista o período em que Gilberto Freyre escreveu o parágrafo acima, é interessante pontuar que o que ele falava sobre verticalidade tinha uma configuração diferente do que se vê na atualidade. Mas essa movimentação populacional das ilhas ou quase-ilhas em direção ao continente é algo importante para a observação do Quadro 5. Foi justamente uma fotografia desta região (Figura 35) que recebeu o maior número de curtidas, a Figura 10 (4900 curtidas, 2558 compartilhamentos e 206 comentários).

Figura 35 – Figura 10 do Quadro 5



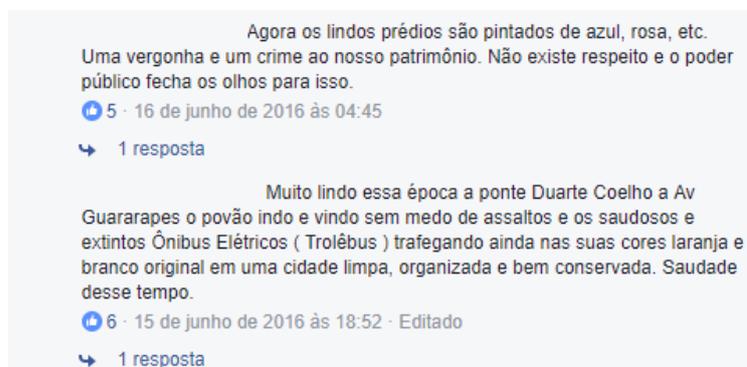
Não há indicação de data na legenda da publicação. A composição lança o olhar do espectador na direção da Avenida Guararapes (algo similar aparece em outras imagens do Quadro 5) e a fotografia despertou comentários de teor variado. Entre eles, lembranças da vida pessoa, (Figura 36), na qual o comentarista associa lembranças e sensações.

Figura 36 – Reprodução de comentário na Figura 10 do Quadro 5



Além dos comentários sobre lembranças, alguns com a palavra saudade, também foram feitas muitas comparações pela perspectiva do que encontram atualmente na cidade (Figura 37).

Figura 37 – Reprodução de comentários na Figura 10 do Quadro 5



A existência da Avenida Guararapes, e de outras avenidas com a configuração atual na região, também refletem o desaparecimento de diversas construções naquela região.

Como a sua transversal, a Dantas Barreto, ou seguindo o mesmo exemplo da Avenida Rio Branco, o surgimento da moderna Avenida Guararapes motivou a derrubada de todo o aglomerado de casas, que formava pequenas ruas, “becos estreitos chegados a espinhos” e tristes vielas construindo o maciço central de Santo Antônio feito depois dos aterros de “Novo Mundo”, nome profético como se vê (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2010, p. 73-74).

Uma transformação deste porte não seria vista com os mesmos olhos por todos, nem em todas as épocas. Em uma mesma geração, há quem lamente as demolições e aterros e quem veja nisso algo necessário ou símbolo do futuro, entre outros posicionamentos possíveis.

Há publicações na página **Recife de Antigamente** que podem exemplificar isso e, mesmo que elas não tenham entrado no conjunto de 166 imagens, serão lembradas aqui por trazerem aspectos interessantes para a compreensão dos conjuntos. Uma delas mostra como a Avenida Guararapes já foi vista como bela ou interessante o suficiente para ser escolhida como tema para produção de cartões-postais para as festas de fim de ano (Figura 38).

Figura 38 – Reprodução de cartão-postal publicado na página **Recife de Antigamente** (sem identificação do ano)



Talvez a transformação pela qual esta área passou não seja tão imediatamente visível nas fotografias, mas é representada na página **Recife de Antigamente** por outros elementos iconográficos. Entre eles, recortes de publicações (Figura 39), destaque para a frase “A Renovação do Recife” no topo do díptico, ou material publicitário (Figura 40).

Figura 39 – Reprodução de imagem publicada na página **Recife de Antigamente**, feita no dia 05/10/2016, identificada como recorte de página da Revista Careta de 11 de fevereiro de 1911



Figura 40 – Reprodução de imagem publicada na página **Recife de Antigamente**, no dia 28 de outubro de 2016, com a legenda “Propaganda da abertura da Av. Dantas Barreto.

Diário da Manhã. 30/09/1973”



Além de ter acesso a materiais como esses, como já comentado anteriormente, uma parte considerável das fotografias que aparecem no grupo analisado apresenta ao observador visões do Recife “de cima”, como uma espécie de mirante fotográfico, às vezes com o aproveitamento dos efeitos da composição em perspectiva, como nos casos em que se mostra a extensão do litoral ou de uma avenida que corta a cidade. Assim, nelas é ressaltado o traçado da cidade construída em diálogo (ou contraste) com o desenho da geografia natural da região onde se deu a ocupação.

São exemplos desse efeito da composição imagens como a da duplicação da Avenida Caxangá (Figura 4 do Quadro 5); duas da Avenida Agamenon Magalhães (Figuras 5 e 7 do Quadro 5); uma da Avenida Mascarenhas de Moraes na qual aparece o Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, apelidado de Geraldão (Figura 20 do Quadro 5); e uma foto da Avenida Dantas Barreto (Figura 22 do Quadro 5).

Stephen Shore define a fotografia como uma arte que é analítica em sua essência. O pesquisador acredita que o fotógrafo “impõe uma ordem à cena – simplifica a desorganização ao lhe dar uma estrutura. Ele impõe essa ordem escolhendo o ponto de observação, o enquadramento, o momento da exposição e selecionando um plano focal” (SHORE, 2014, p. 37).

Então, parte do que foi falado nos parágrafos anteriores corresponde ao nível descritivo das imagens fotográficas, para o qual Stephen Shore determina quatro atributos como sendo fundamentais para “transformar o mundo diante da câmera numa fotografia” (SHORE, 2014, p. 38). Tais elementos são a bidimensionalidade, o enquadramento, o tempo e o foco. Esses quatro itens, defende o pesquisador, “constituem a base de uma gramática visual fotográfica”.

São eles os responsáveis pelos “erros” de um iniciante: fazer uma foto desfocada ou tremida, cortar cabeças, capturar um momento infeliz. Também são os meios pelos quais os fotógrafos exprimem sua visão do mundo, organizam suas percepções e articulam suas intenções (SHORE, 2014, p. 38).

Mesmo que as intenções dos fotógrafos não sejam o foco dessa dissertação, consideraremos os quatro atributos como parte da análise pois seus efeitos são parte da mensagem que chega aos espectadores quando esses interpretam as imagens.

A projeção de um mundo tridimensional em um objeto plano, por exemplo, torna possível a aproximação de elementos que estavam ao fundo da cena com os que estavam em primeiro plano. A mudança no ponto de observação está relacionada a diversas relações visuais, algum elemento pode ficar mais ou menos aparente, a aproximação ou distanciamento de certos objetos podem sugerir algumas leituras.

Algumas fotografias podem ser o que Stephen Shore define como opacas – o observador tende a ficar detido em um plano. Nos outros casos, que o pesquisador classifica como fotografias transparentes, “O observador é arrastado, através de sua superfície, para dentro da ilusão da imagem” (SHORE, 2014, p. 46). Essas últimas são abundantes no álbum constituído pela **Recife de Antigamente**.

Nas já citadas imagens em perspectiva, por exemplo, que muitas vezes fazem parte do grupo das fotografias captadas de cima, oferecendo planos mais abertos da cidade, o olhar do espectador passeia pelos caminhos mostrados, ora focando nas pessoas, ora focando nas paisagens.

### **3.1.4 As modificações da cidade com o passar do tempo**

O crescimento populacional, que em determinado período expandiu o perímetro da capital pernambucana, também esteve atrelado a um crescimento vertical. Construções foram derrubadas e grandes obras foram feitas para construir vias, caso da já citada Avenida Guararapes. Com o passar do tempo, essas intervenções podem ser vistas com outros olhos.

As imagens escolhidas para formar o Quadro 6 (página 190 dos Anexos) exemplificam a diversidade de maneiras com as quais as transformações da cidade são apresentadas na página **Recife de Antigamente**. Às vezes, a própria pessoa que publica a imagem destaca essa questão entre o que escreve na legenda, como ao pontuar que aquela era a aparência de um lugar antes de alguma intervenção, caso da Figura 1 do Quadro 6.

Em outros casos, faz montagens no estilo “antes e depois”, com imagens mais antigas e atuais, para demonstrar com mais clareza o que mudou e o que permanece em diferentes lugares da cidade, desde algo mais amplo como no caso das construções da Avenida Boa Vista (Figura 7 do Quadro 6) até um ponto específico como as placas de ferro no Marco Zero (Figura 8 do Quadro 6).

No entanto, a imagem que alcançou a maior popularidade entre as deste conjunto foi uma imagem colorizada da Rua do Sol (Figura 41), datada de 1925, segundo o autor da publicação, identificada como a Figura 3 do Quadro 6 (2000 curtidas, 1239 compartilhamentos e 132 comentários). Esta praça na Rua do Sol, que não existe mais nesta forma, apareceu duas vezes entre as publicações mais populares da **Recife de Antigamente**.

Figura 41 – Rio Capibaribe e Rua do Sol representados na Figura 3 do Quadro 6



Com esta e outras fotografias que figuram entre as mais populares da página, o olhar de um observador contemporâneo pode fazer saltar do plano essa questão da transformação urbana. A beleza e a limpeza do lugar, muitas vezes em comparação com a situação atual, foram ressaltados na maior parte dos comentários, como os reproduzidos a seguir (Figuras 42 e 43).

Figura 42 – Reprodução de comentário na Figura 3 do Quadro 6

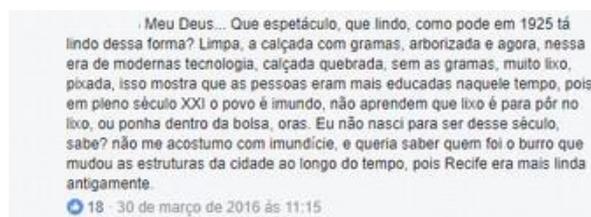
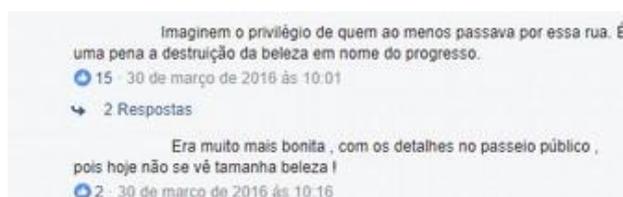


Figura 43 – Reprodução de comentário na Figura 3 do Quadro 6



### 3.1.5 O Recife das águas

Já se falou sobre os espaços construídos, mas a presença da natureza, ainda que comprimida no espaço urbano, também é identificável nas fotografias mais populares. Entre os elementos recorrentes em representações do Recife estão os rios e o mar. A tais elementos da paisagem natural, que possuem uma relação com o início do povoamento desta parte de Pernambuco, foram sendo atribuídos significados na medida em que se desenvolvia a ocupação dos territórios à sua volta – com suas transformações físicas, como aterros e construções sendo erguidas cada vez mais próximas umas das outras; mudanças nas atividades econômicas e também nas dinâmicas sociais. E, considerando tudo isso, além de serem cotidianamente lembrados pelos habitantes da cidade, os rios e o mar ganharam inúmeras representações poéticas.

A hidrografia do Recife é tão importante quanto sua história, não é a toa que ele é chamado de cidade das águas, pois, além de se encontrar praticamente no mar, é a foz de dois importantes rios: O Capibaribe e o Beberibe, além desses, segue-se o Tejipió, que chega às terras centrais da cidade, no bojo do Capibaribe (CAVALCANTI, 2010, p. 18).

É interessante notar que, apesar de presente ao longo dos séculos, essa conexão com o rio sofreu algumas modificações. Se, em ilustrações antigas, vê-se com certa frequência barcos navegando pelos rios a transportar pessoas, com o tempo eles parecem ter se tornado, mais raros se consideramos o aumento populacional. Caminhadas às margens do Rio Capibaribe já foram uma atividade popular, conhecida como footing à época. Regatas promovidas nas tardes de

domingo reuniam centenas de pessoas. Com o passar do tempo, a movimentação em torno do rio mudou. Parte do Recife, assim como ocorreu outras grandes cidades, “virou as costas” para eles, e atualmente nota-se indícios de um movimento contrário, como iniciativas voltadas para a preservação ambiental e aproveitamento das margens como opção de lazer ou descanso.

Não há o Recife sem o Rio Capibaribe. A abundância de água foi, e é, fundamental para a ocupação dos espaços. O rio é uma alegoria em movimento da nossa cidade. É imagem e semelhança do que fazemos e vivemos. Foram seus meandros que deram origem ao centro histórico e que propiciaram a construção de pontes e arcos. Do mesmo modo, é ele que reflete o pensamento inconsequente dos seus usuários. Numa cidade ensolarada como esta, está gritando o grande desperdício de um rio que não refresca, porque nele não se banha (COMUM, 2015).

Mas nesse rio, mesmo que não tanto quanto em outras capitais, ainda existe quem nas águas dele se banha, quem pesca e por ele trafega. Portanto, os Quadros 7 e 8 são dedicados a imagens que expressam a relação dos cidadãos com as margens, com as pontes e com as cheias.

### 3.1.5.1 Os rios abraçando a cidade, provocando as pontes<sup>52</sup>

Construídas devido à conformação geográfica da cidade, composta em parte por ilhas e mangues, as pontes não estão presentes apenas pela sua funcionalidade, elas também são entendidas como símbolo da cidade. Presentes em muitas fotografias, como se pode ver pelo Quadro 7 (página 193 dos Anexos), elas também são representadas em músicas e pinturas, por exemplo. Especialmente as mais antigas, que conectam os bairros da Boa Vista, São José, Santo Antônio e o Bairro do Recife, onde havia o porto.

As terras de várzea serviram muito bem para a cultura da cana de açúcar. Por outro lado, as fábricas que empregavam engenhos para moer a cana pontuaram os lugares mais secos. Entre as pequenas plantações, construiu-se uma teia de caminhos e, mais ainda, uma grande linha de parentescos. O transporte das caixas com açúcar se fazia por terra utilizado os caminhos abertos ou seguindo os rios que permitissem a navegação. Um dos obstáculos a ser vencido para que a produção chegasse mais rapidamente ao porto, localizado diante dos arrecifes, era a travessia dos rios, margem a margem. Também tal travessia era útil para a gente que circulava entre as propriedades e as povoações formadas nas suas proximidades. Assim, surgiram as pontes, no princípio, construídas em madeira. [...] As pontes ajudaram toda a gente na busca da

---

<sup>52</sup> Frase inicial de um texto de Hermilo Borba Filho, intitulado O Recife, publicado originalmente no Boletim da Cidade e do Porto do Recife (Jan-dez, 1946.1949, n 19-34). Foi consultada a transcrição do mesmo no livro Recife década de 1940: 30 cartões postais (2013).

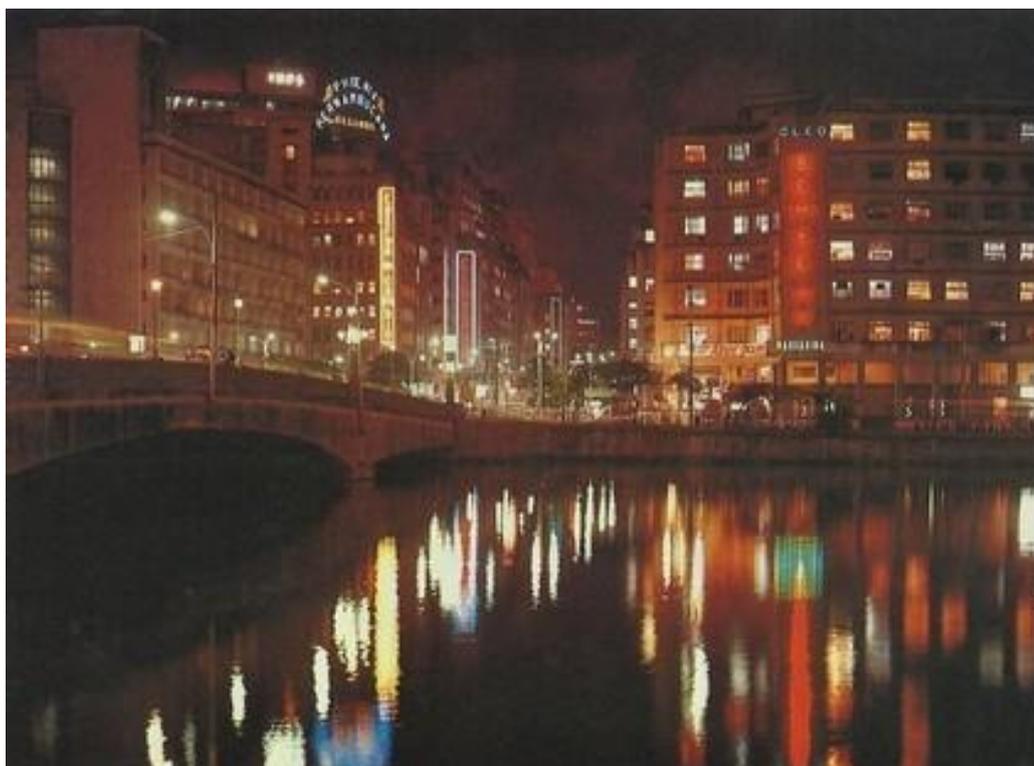
qualidade de vida necessária e, ainda mais em tempo de imobilidade, quanto o que se vive nesse nascer do século XXI (MENEZES, 2014, p. 9).

Vários anos depois, ainda bastante importantes para a mobilidade da cidade, e localizadas na região central da capital pernambucana, as Ponte da Boa Vista, Princesa Isabel e a Ponte Duarte Coelho, aparecem com frequência no conjunto de 166 imagens. É interessante notar como elas fazem parte de um núcleo urbano também representativo quando se foi falado sobre as ruas e avenidas – o eixo formado pelas ruas do Sol e da Aurora com as avenidas Guararapes e Boa Vista.

A imagem que alcançou a maior popularidade neste conjunto do Quadro 7, foi a Figura 13 (2200 curtidas, 460 compartilhamentos e 60 comentários), localizada justamente nesta região. Ela é, também uma das poucas fotografias coloridas de uma cena noturna da cidade (Figura 44). Respondendo ao questionamento de uma pessoa na página, Wilton Carvalho Filho explica que se trata de um cartão-postal da década de 1970.

Nesse caso específico, nota-se a intenção de aproveitar o efeito causado pela luz das janelas e dos letreiros em neon, bem como pelos reflexos dos mesmos nas águas do rio, como parte importante da composição, já que esses elementos ocupam 2/3 do quadro.

Figura 44 – Vista da Ponte Duarte Coelho, Rio Capibaribe e início da Avenida Guararapes na Figura 13 do Quadro 7

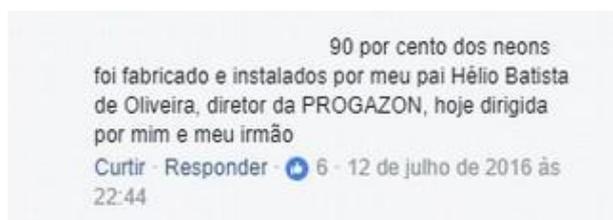


Os letreiros foram destacados por alguns colaboradores, incluindo um que se identifica como sendo da empresa familiar responsável pela produção dos mesmos (Figuras 45 e 46).

Figura 45 – Reprodução de comentários na Figura 13 do Quadro 7



Figura 46 – Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7



Outros, mais uma vez, se viram instigados a relatar experiências pessoais ou de seus familiares ao observar a imagem (Figuras 47 e 48). Dentre eles, destacamos o texto escrito por um dos colaboradores (Figura 49).

Figura 47 – Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7



Figura 48 – Reprodução de comentário na Figura 13 do Quadro 7

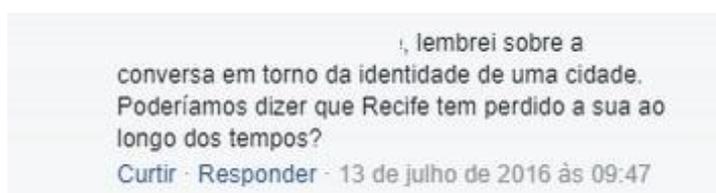


Figura 49 – Reprodução de outro comentário na Figura 13 do Quadro 7

Lembrei-me de um comentário meu há uns dias atrás em foto no mesmo ângulo:

"Da janela de meu quarto em Casa Forte, no 10. andar de nossa casa, eu via, quando criança, aquele letreiro lá em cima daquele prédio. Era verde e vermelho em neon brilhando no centro da cidade.

Sentia vontade de saber o que ali estava escrito.

Era uma época muito diferente. À noite era comum avistar no céu luzes de holofotes que se dizia estarem a orientar aviões perdidos entre as nuvens.

A rua Samuel de Farias era no barro batido e próxima a muitos quartéis. Era comum assistir aos soldados marchando naquela minha rua. Anos de chumbo.

De dia, mascates a vender utensílios domésticos, marrafas de cabelo em carrocinhas. Passava também o moço do cavaquinho, guloseima muito apreciada. "Telengo, telengo, telengo" fazia o triângulo, instrumento que ele usava pra fazer correr a meninada. "Doooce japonêêêês!", gritava o outro. O picolé Saci que eu mais gostava era o "saia e blusa".

As tardes de sábado eram reservadas ao cinema. Íamos a pé, eu, meus irmãos, às vezes com meu tio Adonias. Era perto. Ficava nas imediações da Praça de Casa Forte onde hoje existe uma galeria.

No caminho tínhamos que passar pela frente da velha casa que se dizia assombrada na avenida 17 de agosto. Na janela do sótão havia uma velhinha... Ou às vezes não havia. Ou nem havia velhinha.

O cinema Luan era assim nossa diversão mais frequente. Foi lá que conhecemos a fúria de Sansão a derrubar as colunas com sua força descomunal, os velhos filmes de faroeste.

Era mesmo uma época muito diferente. Depois cresci, fui à cidade e descobri que no letreiro estava escrito: "Phoenix Pernambucana".



Curtir · Responder · 5 · 13 de julho de 2016 às 08:14

### 3.1.5.2 Violentas, aqui, só as enchentes do Capibaribe<sup>53</sup>

Ao escrever sobre o clima da cidade do Recife, Gilberto Freyre (2017) fala sobre uma capital na qual é verão quase o ano inteiro e pontua como violentas, quanto ao clima, apenas enchentes do Capibaribe. Justamente o Rio das Capivaras, que, junto com o Beberibe e o Tejipió, delineiam o Recife.

Corta vários municípios do Agreste e da Mata Centro de Pernambuco até chegar ao Recife através do bairro da Várzea de onde sai margeando e é margeado pelos bairros de Caxangá, Apipucos, Monteiro, Casa Forte, Poço da Panela, Santana, Jaqueira, Torre, Graça, e Madalena, quando bifurca em dois braços, o do lado direito – que segue rumo ao sul e à direita, era chamado antigamente de Rio dos Afogados que vai confundir-se com o Rio Tejipió, lançando suas águas na bacia do Pina. O outro, primitivamente, denominado de Rio dos Cedros, corre banhando as localidades dos Coelhos e da Boa Vista, separando-as dos bairros de Santo Antonio e São José até encontrar-se com o Beberibe, na parte de trás do Palácio do Governo (CAVALCANTI, 2010, p. 18).

Quatro imagens de cheias do Recife foram selecionadas de acordo com o critério estabelecido para esta dissertação, referentes a cheias que ocorreram na década de 1990. O autor da publicação fica em dúvida quanto à data da figura 3, incerteza sinalizada com uma interrogação após o 1950, mas registra as demais como referentes 1966 e 1975.

Figura 50 – Avenida Caxangá durante a cheia de 1966. Fonte Jornal do Commercio



<sup>53</sup> Frase extraída do Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife: “Não há furacões nem tempestades. Uma brisa constante refresca o Recife. Os casos de insolação são raríssimos. Violentas, aqui, só as enchentes do Capibaribe” (FREYRE, 2010, p. 28).

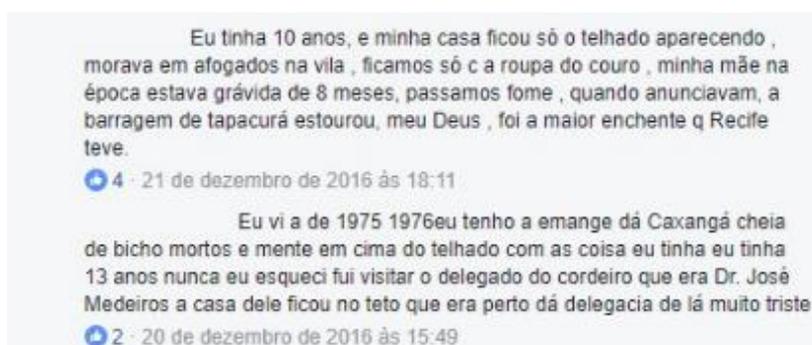
Deste pequeno grupo, a imagem que alcançou uma maior popularidade foi a que mostra a Avenida Caxangá e arredores tomados pelas águas (Figura 50), a Figura 4 do Quadro 8 (página 199 dos Anexos) recebeu mais do que o dobro de curtidas das demais (2.400).

A imagem também alcançou números bem maiores de compartilhamentos (1146) e comentários (107) Os comentários variam entre relatos de pessoas que ouviram histórias sobre as cheias contadas por familiares ou amigos (Figura 51) e daquelas que afirmam ter testemunhado os fatos (Figura 52).

Figura 51 – Reprodução de comentário recebido pela Figura 4 do Quadro 8



Figura 52 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 4 do Quadro 8



### 3.2 O RECIFE NAS IMAGENS: A GERAÇÃO DE AGORA E AS GERAÇÕES DE OUTRORA

Assim como as cheias, outros eventos cíclicos ou efêmeros podem marcar as vidas das pessoas para sempre. O lar, o trabalho e os espaços de lazer como os parques e praças, nos quais os indivíduos se divertem e estabelecem laços sociais. Retomando as ideias do geógrafo Paulo Cesar da Costa Gomes (2013), mesmo antes da comunicação digital fazer parte da vida de tantas pessoas, a própria vida urbana já configurava uma experiência na qual estávamos em permanente exposição, ao mesmo tempo em que vemos uma infinidade de cenas, que podem ser encaradas como banais ou novidades, extraordinárias. É como se, de vez em quando, pudéssemos pausar um filme projetado ininterruptamente, do qual participamos, para observar um frame específico.

A vida urbana se estrutura como cenas. As cidades se definem por aquilo que se faz mostrar, por aquilo que se faz visível, mas também por aquilo que se adivinha, ou se deduz existir sem necessariamente estar presente ou visível. É mais ou menos como quando vemos uma imagem e deduzimos, pelo que vemos, aquilo que não está sendo mostrado, mas que deveria fazer parte da cena se a abertura do olhar ou do enquadramento fosse maior. No cinema, diríamos o “fora de campo”, ou seja, tudo aquilo que, sem estar inteiramente visível na tela, participa da compreensão da cena como se estivesse ali por inteiro; em suma, o invisível não é inexistente (GOMES, 2013, p. 186).

Sendo assim, não é apenas pela questão da disponibilidade que fotografias de espaços públicos são publicadas com frequência em páginas como a **Recife de Antigamente**. Eles são os lugares em que vemos a cidade – inclusive o que está invisível na fotografia. Paulo Cesar da Costa Gomes trabalha com a ideia de que as cenas urbanas são fruto da articulação e interdependência das esferas física, comportamental e de significação

Em outras palavras, há uma morfologia diferenciada que orienta ou define tipos de comportamentos e atitudes. A leitura deles está diretamente relacionada ao lugar onde tudo isso se passa, isto é, as significações estão associadas ao lugar físico onde ocorrem. Esses lugares físicos são posições dentro de um sistema complexo e essas posições têm sentidos, atributos, qualidades. Tudo isso intervém na produção de significação. Por isso insistimos, lugares, práticas sociais e sentidos têm que ser pensados em conjunto (GOMES, 2013, p. 188).

Como parte dessa proposta de pensar os lugares, as práticas sociais e os sentidos em conjunto, o geógrafo utiliza a palavra cenário, no sentido de um conjunto de cenas, para designar um conjunto de ações, objetos e significados presentes simultaneamente em um espaço. “Queremos, a partir dessa denominação, ressaltar o caráter absolutamente interdependente dessas três dimensões – a física, a comportamental e a de significação – na construção da vida pública” (GOMES, 2013, p. 189).

Na análise dessas imagens tomadas como cenas urbanas, devemos ser sensíveis aos elementos que tecem um enredo, uma trama, figurada ou fixada nas imagens. Que lugares são frequentados? Que atividades são realizadas? Como as pessoas se apresentam? Qual o ritmo do lugar? Que discursos são comumente associados a esses lugares? Por que as pessoas justificam sua presença neles? Essa, entre outras questões, podem ajudar a compreender os elementos que compõem as imagens, suas composições (GOMES, 2013, p. 191).

Todas essas perguntas são fundamentais para a observação da cidade na compreensão que temos trabalhado aqui. Paulo Cesar da Costa Gomes considera a cena pública como uma

espécie de discurso, construído pelos comportamentos, pelas atividades que se desenvolvem nos lugares, pelo fato das pessoas se apresentarem em grupos ou sozinhos, por exemplo. “Espaços públicos são sempre espaços de exposição, mas há grandes diferenças entre eles, de natureza, de hierarquia, de alcance” (GOMES, 2013, p. 268).

É fácil perceber que certos logradouros concentram a atenção, repercutem os eventos, têm sempre olhos voltados para eles. Esses logradouros, por circunstâncias variadas, funcionam como uma espécie de cenário da vida urbana, um resumo das formas de sociabilidade, e constituem, assim, um ingrediente fundamental na definição dos traços que caracterizariam cada cidade.

Por esse motivo, alguns logradouros atraem cada vez mais público, um público variado, seduzido pela possibilidade de participar do espetáculo da vida pública. Simultaneamente, quanto mais variado for o público atraído, maior será a centralidade desses espaços (GOMES, 2013, p. 268-269).

“Há lugares que ampliam a visibilidade, há escalas diversas de visibilidade na cidade. (GOMES, 2013, p. 268)”, ressalta o geógrafo. Já falamos anteriormente sobre áreas centrais da cidade, por exemplo. Mas também podemos focar em um espaço como a praia urbana, também bastante presente nas representações da cidade, para especificar essas diferenciações ressaltadas pelo autor. Em uma mesma faixa de areia, pode haver divisões mais ou menos invisíveis para olhares menos familiarizados com as estruturas sociais e os hábitos locais. Elementos que sinalizem transformações físicas na cidade ou sinalizem tensões sociais.

No grupo de fotografias analisadas a seguir, o segundo grande bloco identificado na pesquisa, nota-se também a presença certos “cenários” relacionados ao lazer, acessíveis a boa parte da população.

### **3.2.1 Estas, sim, são de um flagrante que lembram os instantâneos de hoje<sup>54</sup>**

Fotografias de dois acidentes, um com avião e outro com um navio, e uma gravura que representava a passagem do cometa Halley para uma publicação jornalística formam o Quadro 9 (página 200 dos Anexos), composto por imagens relacionadas a acontecimentos que duraram pouco em termos cronológicos, mas deixaram marcas em uma parcela da cidade que se expressa na página **Recife de Antigamente**.

---

<sup>54</sup> Trecho do livro Arruar (1939), de Mario Sette.

A imagem mais popular do conjunto (Figura 53) foi uma fotografia que registra um acidente envolvendo um acidente no Aeroporto Internacional dos Guararapes (1100 curtidas, 488 compartilhamentos e 83 comentários). Nos comentários (Figura 54), há vários relatos de pessoas que dizem lembrar do caso.

Figura 53 – Figura 1 do Quadro 9, Aeroporto dos Guararapes, 1974



Figura 54 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 9

Eu lembro! Eu voltava da escola com mamãe e minha irmã. A cabeceira ficava do outro lado e a pista era mais curta. Ouvia muitos comentários do povo na rua. Eu morava na esquina.  
Curtir · Responder · 4 · 18 de maio de 2016 às 20:28

Gente eu vi de perto, até que o bombeiro me afastou pela cintura eu tinha 13 anos. O combustível criou uma nuvem gasosa em torno da aeronave e as pessoas descendo depressa. Foi horrível a tensão da explosão.  
Curtir · Responder · 6 · 18 de maio de 2016 às 13:16

Moro no Jordão e minha mãe sempre fala sobre esse acidente. Graças a Deus não houve vítimas, mas o susto foi enorme.  
Curtir · Responder · 7 · 18 de maio de 2016 às 14:03 · Editado

Eu e meu pai, ouvimos um ronco estranho no ar. Ao chegarmos ao jardim vimos o avião, pendendo de um lado para o outro, bem devagar roncando muito. e alcançou a pista, de barriga ; e o resultado foi este. Gracias não houve mortes!!  
Curtir · Responder · 15 de junho de 2016 às 22:10

### 3.2.2 Parece uma baleia se movendo no ar<sup>55</sup>

A passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Recife foi marcante à época (como detalhado no capítulo 3) e ainda atualmente é lembrada com curiosidade e até certo fascínio. Na página **Recife de Antigamente**, a popularidade alcançada por quatro imagens fez com que elas constituíssem o Quadro 10 (página 201 dos Anexos). A que obteve maior número de curtidas foi a Figura 2 (1300 curtidas, 755 compartilhamentos e 31 comentários). Na fotografia (Figura 55) é possível identificar o dirigível passando sobre As Galerias, no Bairro do Recife, com algumas pessoas passando pela rua naquele exato momento.

Figura 55 – Figura 2 do Quadro 10



Com facilidade, o observador pode deixar-se levar pelo exercício de imaginar o que passava pela mente daquelas pessoas. Pelos comentários atrelados à fotografia, os colaboradores da página compartilham impressões que demonstram a importância do momento,

---

<sup>55</sup> Trecho de um poema de Ascenso Ferreira sobre o Zeppelin.

em frases como “Essa foto é impressionante, além de histórica” ou “Papai até hoje fala nesse Zeppelin (Figura 56). Outros identificam detalhes e fazem questionamentos (Figura 57). Ainda há aqueles que estabelecem conexões com o tempo presente ou lembranças de seus familiares (Figura 58).

Figura 56 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 2 do Quadro 10



Figura 57 – Reprodução de comentário recebido pela Figura 2 do Quadro 10



Figura 58 – Reprodução de mais comentários recebidos pela Figura 2 do Quadro 10



### 3.2.3 Orgulho de ser nordestino<sup>56</sup>

A imagem de sacolas de papel do supermercado Bompreço (Figura 58), estampadas com um logo antigo, é a imagem que recebeu mais curtidas em 2015 (foram 5.500) entre as do Quadro 11 (página 202 dos Anexos), dedicado aos objetos de uso cotidiano.

No ano seguinte, entre as publicações mais populares estavam fotografias que mostravam fichas usadas nos orelhões e os antigos vales de papel usados pelos passageiros de

<sup>56</sup> Trecho da música de uma marcante campanha publicitária do supermercado Bompreço.

ônibus (Figura 7 do Quadro) - (elas receberam, respectivamente, 2.000 e 3.300 curtidas). O fato de que a imagem mais popular da página **Recife de Antigamente** no período mais pesquisado foi a de um objeto, e não de uma paisagem, é extremamente significativo. Ainda mais por se tratar de um item relacionado à vida doméstica e não de algo que poderia mais facilmente ser considerado como símbolo de uma cidade, tal como um marco zero, um monumento em praça pública ou ainda, no caso específico do Recife, algo como uma sombrinha de frevo. Temos uma sacola de papel.

Figura 59 – Figura 1 do Quadro 11, imagens das sacolas de papel que eram distribuídas para os clientes do mercado Bompreço



Outra questão que se revelou interessante para esta dissertação está no teor dos comentários. Eles corroboram para ideia de que não é o que está mais explicitamente representado nas fotografias publicadas na página **Recife de Antigamente** o que faz com que elas atraiam esses observadores. Observou-se uma variedade de temas associados ao objeto (Figuras 60 e 61): menções mais simples ao fato de lembrar-se que estas eram as sacolas, comparações com sacolas de plástico da atualidade, associações a diversas ocasiões em família e a lembrança de que o material era reaproveitado para encapar cadernos e livros.

Figura 60 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 11

A quem possa interessar... Esses sacos de papel eram produzidos na FABRICA DE PAPEL MONTANHA, que ficava no Jordão baixo, pertinho do aeroporto. A fábrica acabou fechando porque não produzia sacos de plástico, e, que, à época, eram vistos como de alta tecnologia. Hoje enxergamos que esses sacos de papel eram ambientalmente saudáveis. O neto do dono da fábrica pode dar mais informações, com a palavra

Curtir · Responder · 🇺🇦 56 · 25 de novembro de 2015 às 09:50 · Editado

Os primeiros endereços da Montanha foram Rua Passo da pátria e depois avenida Mascarenhas de Moraes (parte da atual Ferreira costa ). Família de empresários no setor de embalagens. Pena que todos encerraram suas atividades.

Curtir · Responder · 🇺🇦 2 · 1 de março de 2016 às 07:49

Lembro bem primo, ainda criança, no Bompreço da Madalena, no final da rua Castro Alves com a Real da Torre. O pão 🍞 vinha nessa embalagem também! De vez em quando é bom acender o que está apagado do nosso computador kkkkkkkk beijos querido Deus te Abençoe.

Curtir · Responder · 25 de novembro de 2015 às 17:18

E como lembro, kkkk  
Hj da pra rir, mas no dia foi muito chato de buzão rasgou foi feita pra todo lado. Nossa.

Curtir · Responder · 🇺🇦 2 · 24 de novembro de 2015 às 15:36

Sim eu lembro muito, as sacola hoje e melhor, aqueles saco do bompreço, rasgava muito, hoje estar melhor.

Curtir · Responder · 1 de março de 2016 às 16:25

Era uma diversão de família quando criança, ir ao bompreço de Casa Amarela com a nossa mãe.

Curtir · Responder · 🇺🇦 1 · 24 de novembro de 2015 às 18:11

Nos idos de 1967, as sacolas de papel do Bompreço também eram utilizadas para embalagens do lixo caseiro.

Curtir · Responder · 25 de novembro de 2015 às 17:43

Figura 61 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 11

Lembro, ia com a minha vó e tia Bompreço de Afogados, e vínhamos no taxi fusca laranga, com uma faixa quadriculada nas laterais. Era uma festa a brincadeira com os sacos de papel. Bons tempos.  
Curtir · Responder · 16 de outubro de 2016 às 12:06

Eu lembro. Morava em Olinda, perto do Bompreço de Casa Caiada (hoje já é outro mercado)  
Curtir · Responder · 4 · 24 de novembro de 2015 às 12:29

↳ 1 resposta

Como lembro! "Orgulho de ser nordestina"; "Orgulho de ser do tempo dos sacos de papel"  
Curtir · Responder · 6 · 24 de novembro de 2015 às 14:12

O pão também era embalado com saco de papel, que nós aproveitávamos para encapar cadernos. Bons tempos.  
Curtir · Responder · 6 · 24 de novembro de 2015 às 13:42

↳ 2 Respostas

Esses sacos eram muito melhores que as sacolinhas de hoje. colocando 10 pra levar 1 lata de leite e todos se abrem no fundo. 😊  
Curtir · Responder · 4 · 24 de novembro de 2015 às 14:28

.... Nena..  
mostra pra ... Vc recentemente falou do Bompreço como 1º local de trabalho dela... certamente ela vai gostar da nostalgia da imanem Riin

Ainda tenho uma guardada aqui. ...  
Papelão do bom! ♡



Curtir · Responder · 1 · 30 de novembro de 2016 às 16:25

### 3.2.4 Pelas ruas costurava a cidade nas paralelas bordadas pelo chão<sup>57</sup>

A diversidade dos meios de transporte são uma questão fundamental para a qualidade da vida urbana. No caso do Recife, vez por outra os habitantes comentam sobre a extinção dos bondes (em alguns casos, com certo saudosismo) ou sobre a qualidade do transporte público atual. Esta última questão inspira desde debates a projetos artísticos como o **Projeto PE-15**<sup>58</sup>.

Criado pelo artista pernambucano Izidorio Cavalcanti, é mais um exemplo de propostas que estão relacionadas ao espaço urbano e, ao mesmo tempo, convidam o público a apreciar a arte em locais diferentes dos convencionais museus e galerias (não que ela esteja restrita a estes lugares, mas, na correria do cotidiano de uma cidade, às vezes pode não ser percebida quando apresentada em outros espaços).

Izidorio Cavalcanti reuniu-se com outros artistas para fazer intervenções no itinerário do Terminal de Integração PE-15. Um desses artistas era o pernambucano Daniel Santiago, que apresentou a performance **Augusto dos Anjos Para Telefone** declamando os versos dentro do ônibus. Para apresentar a performance **Colarinho Branco**, o artista Bruno Vieira, conterrâneo de Daniel Santiago, posicionava-se em locais de passagem nas estações, colocando-se no meio do caminho daqueles que andavam ou corriam ao sair dos veículos. O corpo parado do artista, ao promover uma quebra no fluxo das pessoas, acabava chamando a atenção para esses agrupamentos humanos e o desenho formado pelos passageiros que se deslocam pelas estações.

Também ligado aos trajetos que as pessoas percorrem em suas ações cotidianas, mas com uma perspectiva diferente da iniciativa citada anteriormente, o projeto **#Dajaneladomeuonibus** representa um convite feito pela designer pernambucana Isabela Faria para que se observe o que está em volta (a abrangência do **#Dajaneladomeuonibus** ultrapassa o Recife). Isabela publica fotos, feitas dentro de coletivos pelos colaboradores, nos perfis do projeto no Instagram<sup>59</sup> e Facebook<sup>60</sup>, além de ter organizado uma exposição no posto de atendimento do Vale Eletrônico Metropolitano (VEM), localizado na Rua da Soledade. A proposta de Isabela pode configurar uma outra possibilidade de “arruar”, para quem se permitir uma observação mais atenta da cidade.

Já o conjunto de imagens da página **Recife de Antigamente** revela alguns aspectos da questão do transporte público na capital pernambucana. Os extintos bondes e maxambombas,

<sup>57</sup> Verso do frevo que é o hino do Bloco Carnavalesco Lírico o Bonde.

<sup>58</sup> <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2014/10/22/projeto-pe-15-leva-obras-de-15-artistas-a-onibus-e-estacoes-de-metro-152155.php/> Data de acesso: 02/08/2017.

<sup>59</sup> <https://www.instagram.com/dajaneladomeuonibus/>

<sup>60</sup> <https://www.facebook.com/dajaneladomeuonibus/>

os escassos metrô e os ônibus se fizeram presentes entre as imagens mais curtidas e compõem o Quadro 12 (página 204 dos Anexos).

A imagem mais popular do conjunto (Figura 10) recebeu 4400 curtidas 2738 compartilhamentos e 218 comentários. A fotografia colorida (Figura 62) reúne em sua composição vários elementos que chamaram a atenção dos colaboradores.

No centro, um icônico ônibus elétrico, com suas bananas que às vezes se soltavam dos fios, o que configurava parte da experiência. Ao lado dele, uma Farmácia Guararapes. Ao fundo, o edifício que muitos conhecem como o prédio do INSS.

Figura 62 – Ônibus elétrico no centro do Recife



Os elementos citados no parágrafo anterior foram lembrados por alguns dos diversos colaboradores que deixaram seus comentários na publicação (Figuras 63 e 64).

Figura 63 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 10 do Quadro 12

Farmácia dos pobres líder de mercado farmacêutico nessa época, em toda cidade, só se via ela, hj uma pena q estaja quase falida devido a dívidas externas.  
Curtir · Responder · 16 · 3 de dezembro de 2016 às 21:32

↳ 4 Respostas

Eu já andei nele kkkkkk e olhe q só tenho 22 anos! Era muito pequeno quando minha mãe me levava pra casa da minha avó ai a gente pegava o ônibus la no TI da macaxeira que por sinal também é antiquissimo!  
Curtir · Responder · 8 · 3 de dezembro de 2016 às 23:40

↳ 3 Respostas

Acabou-se esse tempo áureo, Recife hoje é uma cidade perigosa principalmente no centro, cheia de pedintes, de lixo, esgoto e o rio Capibaribe podre. Entra prefeito e sai prefeito e nada muda... Sem contar com a falta de segurança e o mal das drogas, pena, mas está assim infelizmente.  
Curtir · Responder · 7 · 4 de dezembro de 2016 às 14:35

Andei muito, pra ir para av.caxanga trabalhar na farmácia salvadora do tio Paulo Murilo, meu tempo de juventude! Que saudade!  
Curtir · Responder · 4 de dezembro de 2016 às 20:54

Me sentindo velho ao lembrar do barulho mecânico que fazia isso, do desconforto das cadeiras inversas que nos obrigavam a socializar e enjoar. Do tempo que ensacavam pipoca ali na calçada e sopravam dentro pra amarrar, do tempo dos bolinhos de goma, do amendoim quentinho no fogareiro e enrolado no cone de papel. Do tempo que eu ganhava pombo e rato de dar corda feito com jornal. Dos sábados que eu voltava do 13 de maio com minha tia Lucia com uma bola imensa estilo Quico, melado de maçã do amor, os joelhos e furico ralados nos escorregas de cimento do parque 13 de maio. Do tempo que existia fita pirata dos mamonas no camelô, das inesquecíveis tangirinas enfileiradas em rede amarela. Saudade do meu Recife da infância.  
Curtir · Responder · 16 · 4 de dezembro de 2016 às 00:31

Figura 64 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 10 do Quadro 12

Ao fundo o prédio do INSS, me lembro quando pequeno de passar por ali e ficar olhando para aquele prédio.  
Curtir · Responder · 4 · 3 de dezembro de 2016 às 21:37

Saudade, e p povo todo ta c saudade sinal q hj em dia ta muito ruim! Transporte publico aq está um absurdo!  
Curtir · Responder · 3 · 3 de dezembro de 2016 às 22:49

↳ 1 resposta

Farmácia dos pobres hahaha! Quando era criança pegava muito Av. Norte Macaxeira com minha Mãe pra ir ao centro na cidade  
Curtir · Responder · 2 · 3 de dezembro de 2016 às 23:13

Incrível! Bata uma foto desse mesmo local nos dias de hoje e você verá muitos olhando para o celular.  
Curtir · Responder · 1 · 3 de dezembro de 2016 às 22:52 · Editado

vixe, ao menos nessa foto tava bem mais limpa, hoje em dia é uma imundicie só, lugar nefasto hahaha

Época em que os saudosos vendedores de Vale A, B ou C, digladiavam com suas cordas vocais imponentes, entoando sons de toda sorte!  
Curtir · Responder · 1 · 5 de dezembro de 2016 às 14:05

Apertado, quente, ligeiro, - quebrava sempre. Mas marcou na cidade.  
Curtir · Responder · 1 · 4 de dezembro de 2016 às 07:47

Eu tinha medo de andar nesse ônibus elétrico, mas era uma das opções que tínhamos. \*\*\*  
Curtir · Responder · 3 de dezembro de 2016 às 22:24

Interessante como o centro de Recife era bem melhor nessa década!  
Curtir · Responder · 4 de dezembro de 2016 às 19:41

### 3.2.5 Por ali andaram, por ali sorriram<sup>61</sup>

Embora presentes em diversas imagens do conjunto estudado nesta dissertação, quanto à composição das fotografias, a figura humana ganha destaque em poucas delas. No Quadro 13 (página 207 dos Anexos), dedicado a essas imagens, apresenta-se uma imagem da década de 1940 de dois vendedores na Praia de Boa Viagem, outra de um homem que passeia com três crianças no bairro na década de 1950 e mais uma, de uma noiva no interior do Palacete da Ponte D'Uchôa – é válido ressaltar que fotografias de ambientes internos também são raras no conjunto de 166 imagens.

Mas a publicação mais popular do quadro (Figura 4, 4400 curtidas, 1946 compartilhamentos e 277 comentários) destaca três mulheres e um homem caminhando pela já citada Ponte da Boa Vista (nota-se que há outras pessoas mais atrás). As figuras femininas em primeiro plano, como destaca o autor da publicação, usam vestidos longos, luvas e chapéus (Figura 65).

Figura 65 – Pessoas caminham pela Ponte da Boa Vista



---

<sup>61</sup> O nome da seção é inspirado em trecho da obra *Arruar* (1939), de Mario Sette.

As vestes utilizadas pelas pessoas foram destacadas em alguns comentários (Figura 66). José Luiz da Mota Menezes (2014) afirma que “Durante as décadas de 1940 e 1950, a ponte era um local importante na vida social da cidade. Pelas suas passarelas laterais desfilavam as últimas versões de vestidos, chapéus e maquiagens” (MENEZES, 2014, p. 9). Pelos comentários, e presença de outras imagens das pontes em diversas imagens, nota-se como elas ainda são presentes na memória da população. Entre os comentários feitos na publicação, há desde pessoas que afirmam ter uma foto de família feita no mesmo local até os que demonstram o desejo de seu autor de ter vivido em outra época (Figuras 66 e 67).

Figura 66 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 4 do Quadro 13

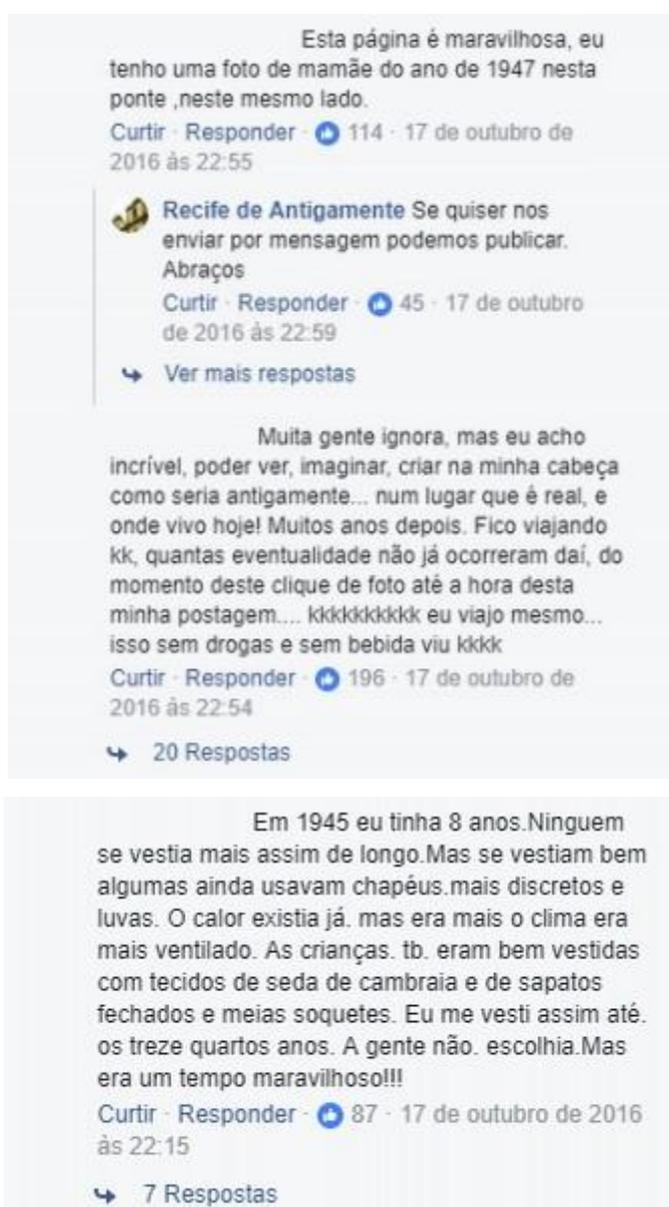


Figura 67 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 4 do Quadro 13

Algumas pessoas comentando sobre o calor nessa época. Gente vocês não pararam para pensar que de lá para cá com os contínuos desmatamentos e aterros e colocação de asfalto e cimento, junto com a construção de altos edifícios que formam paredões barrando a circulação mais "democrática" da ventilação e ainda refletem calor e mais a quantidade de automóveis esquentou bem mais? Nasci em 66 e poucas vezes saí para morar fora do Recife e por pouco tempo. E de quando me entendo de gente já mais mocinha 13, 14 anos eu lembro de uma temperatura bem mais amena... Esquentou valendo.

Curtir · Responder ·  37 · 18 de outubro de 2016 às 13:59 · Editado

↳ 2 Respostas

Pra entender pq hoje o recifense é tão metido, e com essa mania de tudo mais, de tudo maior e de tudo primeiro, temos q recordar e entender nosso passado.....esse era um Recife com influência européia, de ares franceses. Eramos a terceira ou segunda capital desse país. O que ia acontecer no norte nordeste, primeiro acontecia aqui !

Curtir · Responder ·  30 · 17 de outubro de 2016 às 22:32

Eu adoro ver essas coisas me traz uma saudade daquilo que acho que um dia vivi.

Curtir · Responder · 18 de outubro de 2016 às 09:00

Se um dia pudesse viajar no tempo gostaria visitar Olinda e Recife do início do século XX...

Daria tudo que de valor tivesse para apenas ter vivido esse um pouco esse momento da nossa história. Muito bacana...

Curtir · Responder ·  9 · 17 de outubro de 2016 às 23:27

### 3.2.6 Cadê seus blocos famosos? <sup>62</sup>

O Carnaval, festa tão importante para o calendário cultural da cidade do Recife, que mobiliza tanta gente nos dias atuais, apareceu em algumas imagens publicadas no período de realização deste estudo. No grupo de 166, imagens, no entanto, apenas duas imagens correspondiam à festa popular e foram reunidas no Quadro 14 (página 208 dos Anexos). Este é mais um aspecto interessante a ser considerado, mesmo quando se lembra que as publicações na página **Recife de Antigamente** estão relacionadas a um acervo prévio, disponível para seus colaboradores – o Carnaval é uma festa bastante fotografada e filmada.

A duas fotografias do Quadro 14 são planos um tanto gerais da festa na cidade. A mais popular (Figura 1, 1700 curtidas, 1679 compartilhamentos e 104 comentários), é uma representação do curso na Avenida Guararapes (Figura 68), com a rua decorada e algumas pessoas circulando pela via e pelas calçadas. Um Carnaval bem diferente do atual, no espaço que para muitos adquire o status de lugar como apoteose do desfile do bloco Galo da Madrugada.

Figura 68 – Figura 1 do Quadro 14, Carnaval na Avenida Guararapes



<sup>62</sup> Verso do frevo de bloco Evocação nº 1 (1957), de Nelson Ferreira.

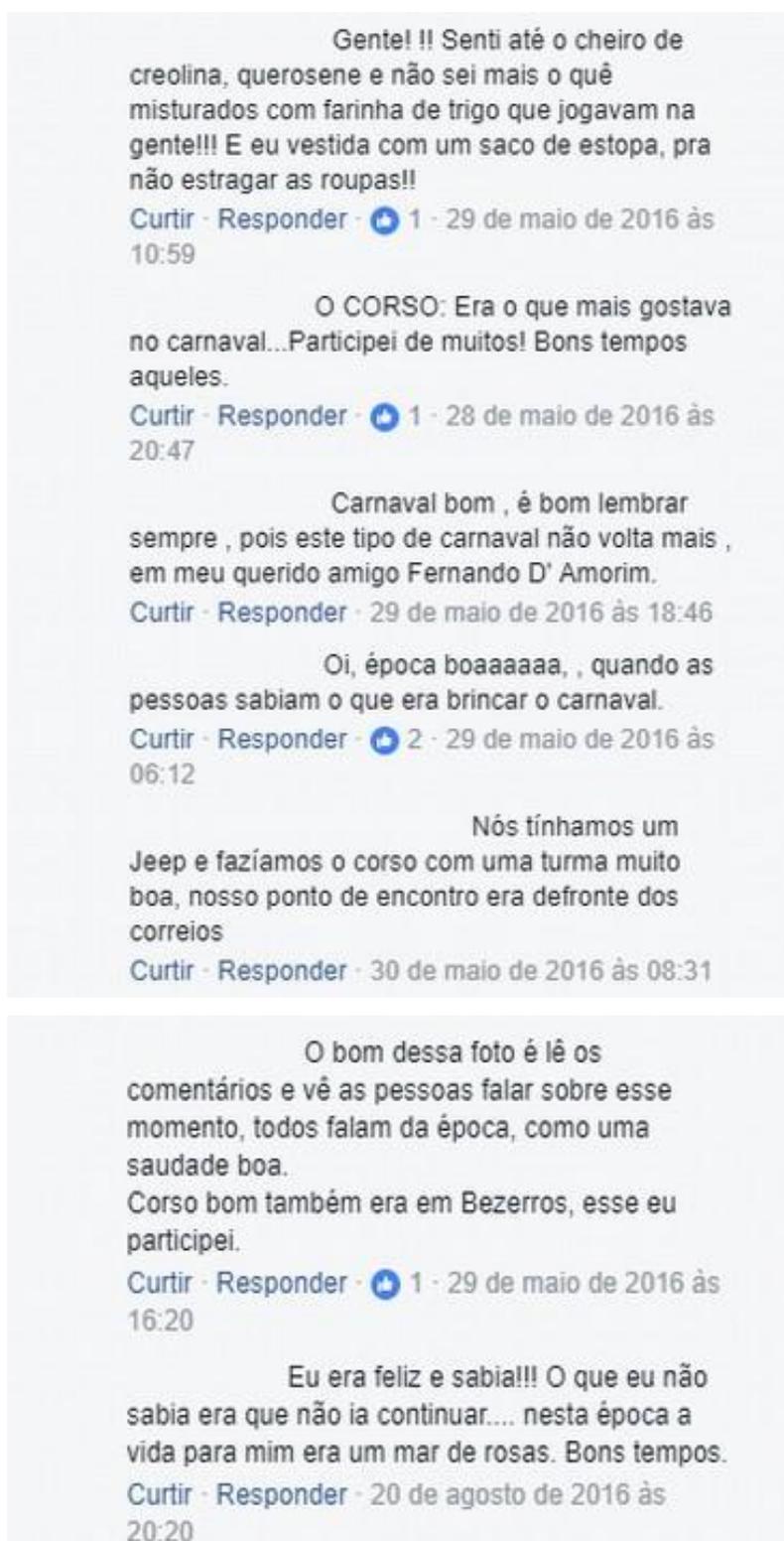
Os comentários deixados pelos colaboradores são uma miscelânea de pessoas que viveram naquela época e outras que não, mas também avaliam o Carnaval daquela época como uma festa mais tranquila do que a atual, com expressões como “sem assaltos”, “quando era realmente mágico”, “quando as pessoas sabiam o que era brincar Carnaval”, “eu era feliz e sabia”, “não volta mais” e “bons tempos aqueles”, por exemplo.

Em um dos comentários, foi estabelecida uma associação com o curso do Carnaval da cidade de Bezerros, no interior de Pernambuco. Outros enxergaram na fotografia o popular mela-mela, com farinha de trigo, e os jatos de água nos foliões. Uma colaboradora lembra até que usava um saco de estopa para não sujar a roupa. Outro afirma sentir o cheiro de creolina, querosene ou outra substância que era misturada à farinha (Figuras 69 e 70).

Figura 69 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 14



Figura 70 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 14



### 3.2.7 Vela acesa, subo o morro para pagar minha promessa<sup>63</sup>

Todo dia 8 de dezembro, milhares de pessoas participam da Festa de Nossa Senhora da Conceição, na Zona Norte do Recife. Ela é uma das principais celebrações religiosas da capital pernambucana. Nossa Senhora da Conceição tornou-se uma espécie de “padroeira de coração” da cidade, pois a oficial é Nossa Senhora do Carmo. A festividade não atrai apenas católicos, mas outras pessoas que enxergam no santuário construído no topo do Morro da Conceição um lugar para expressão de fé (no sentido mais amplo da palavra, sem conexão com uma religião específica), agradecimento e desejos de cura, por exemplo.

A multidão que atualmente frequenta o Morro da Conceição não aparece nas duas imagens que compõem o grupo de 166 mais populares da página **Recife de Antigamente**. Com elas foi formado o Quadro 15 (página 209 dos Anexos). Um grupo relativamente grande de pessoas aparece em uma das fotografias, feita com um ângulo mais aberto, mas é justamente a que praticamente mostra apenas uma parte do santuário a que chamou mais a atenção dos colaboradores (Figura 1, 2100 curtidas, 830 compartilhamentos, 34 comentários).

Figura 71 – Morro da Conceição, década de 1910



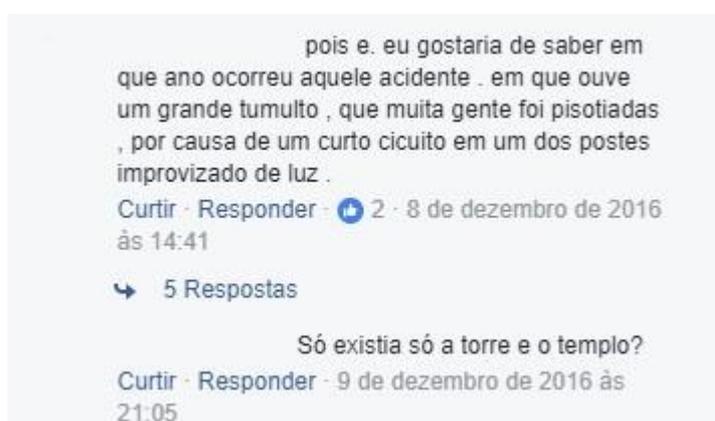
---

<sup>63</sup> Trecho de música utilizada em uma famosa propaganda da loja de tecidos Casas José Araújo.

A transformação da paisagem, marcante se compararmos o que se vê na fotografia em questão (Figura 71), com o que se encontra atualmente no Morro da Conceição, chamou a atenção de alguns colaboradores – como o que perguntou se na época existiam apenas a torre e o templo no local. Outros, lembraram de uma tragédia que ocorreu no local durante a madrugada do dia 8 de dezembro de 1959 (Figura 72).

As pessoas entraram em pânico e, na correria, sete morreram e cerca de 100 ficaram feridos. Entre os mortos, havia quatro crianças, que tinham de seis meses a 11 anos. O que causou o tumulto é algo incerto. A versão mais lembrada por aqueles que estavam no local é de houve um curto-circuito e as pessoas começaram a correr com medo de choque elétrico<sup>64</sup>.

Figura 72 – Reprodução de comentários recebidos pela Figura 1 do Quadro 15



### 3.2.8 Histórias que ainda nos encantam quando vamos envelhecendo<sup>65</sup>

Os espaços de lazer mais populares entre as comunidades mudam com o passar do tempo. A agradável sensação de divertimento em certos lugares da cidade é compartilhada na página **Recife de Antigamente** por pessoas de diferentes gerações, por isso, foi criado um grupo formado por imagens relacionadas ao lazer, o Quadro 16 (página 210 dos Anexos).

Na paisagem urbana, as praças funcionam como um respiro, um convite à pausa, à observação. Nas maiores ou nas menores cidades, são o lugar onde ser pode ver e ser visto. Um espaço apto para o lazer ou ponto de convergência em protesto. Paulo Cesar da Costa Gomes afirma que elas cumprem um papel fundamental na vida urbana

<sup>64</sup> Fonte: [www.jconline.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2015/04/11/arquivos-do-impl-recontam-historia-de-tragedia-no-morro-da-conceicao-176372.php](http://www.jconline.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2015/04/11/arquivos-do-impl-recontam-historia-de-tragedia-no-morro-da-conceicao-176372.php). Data de acesso: 02/08/2017.

<sup>65</sup> Título inspirado em trecho da obra Arruar (1939), de Mario Sette.

Elas mantêm forte identidade com a ideia do público que observa e se faz observar. Elas promovem também a ideia de que há uma quebra de ritmos que não é apenas morfológica. A abertura no tecido urbano causada pelas praças alarga o horizonte de visão, eles induzem à elevação do olhar e à permanência (GOMES, 2013, p.97).

A Feira de Artesanato na Praça de Boa Viagem aparece em uma das fotografias do Quadro 16, entre outros lugares abertos como o Horto de Dois Irmãos, com o seu trezinho e os pedalinhos no Açude do Prata, e o extinto Cine Drive-In no Aeroclube de Pernambuco. Uma fotografia do Parquinho da Rua da Aurora na década de 1970 também ficou entre as 166 imagens mais populares, mas outro brinquedo instalado temporariamente foi o que atraiu mais atenção: Um tobogã (Figura 73), que foi montado na mesma década na mesma Rua da Aurora e na região do Parque da Jaqueira (Figura 2, 3200 curtidas, 2337 compartilhamentos e 425 comentários).

Figura 73 – Figura 2 do Quadro 16, imagem do tobogã na década de 1970



O tobogã surge em outras publicações da página **Recife de Antigamente** (Figura 74) e chama a atenção mesmo em casos como o mostrado na imagem a seguir, na qual a composição dá bem mais espaço ao rio e ao céu. Construção temporária, marcou a vida de várias pessoas que comentaram nessa imagem (Figuras 75 e 76).

Figura 74 – Fotografia do tobogã instalado na Rua da Aurora, na década de 1970

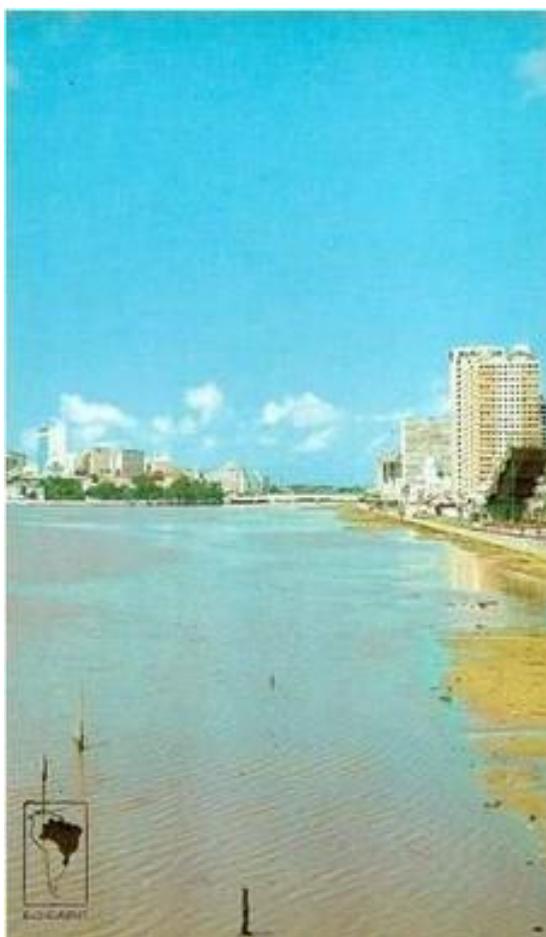


Figura 75 – Reprodução de comentário na Figura 2 do Quadro 16

Meu Deus que saudade maravilhosa da minha infância. Quantas vezes me quem nesse tobogã. Isso é que era brincar, divertir-se e viver a infância como ela deve ser vivida. Muito obrigada por nos fazer lembrar de momentos inesquecíveis e memoráveis.

Curtir · Responder · 9 - 10 de abril de 2016 às 12:02

Queimei muito o braço escorregando no tobogã da fecim na jaqueira, eu morava pertinho na rua izaque salazar perto da padre roma. Boms tempos

Curtir · Responder · 5 - 10 de abril de 2016 às 14:12

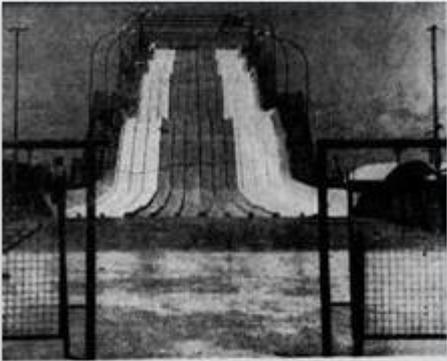
e eu era tao pobre mais tao pobre que eu so ouvia falar ae um dia já no finalzinho disso tudo eu fui ver chegando la só tinha os restos dos brinquedos , e dai... eu brinquei nos escombros mesmos e fui feliz assim mesmo !!

Curtir · Responder · 3 - 11 de abril de 2016 às 10:25

Figura 76 – Reprodução de comentários na Figura 2 do Quadro 16

Na época só quem podia ir eram os ricos os pobres tinham que se contentar com o Sitio trindade, assim foi a ditadura militar, pobres morrendo de fome.

Curtir · Responder · 11 de abril de 2016 às 08:35



TOBOGÁ DA RUA DA AURORA UM SUCESSO NO NOVO RECIFE. — Diariamente milhares de pessoas descem a nova pista da Rua da Aurora, aproveitando as férias que o Tobogá nos oferece. De noite, a promiscuidade provoca os acidentes mais variados de cair no escuro, causando lesões que são evitadas se fossem os dias. O Tobogá da Rua da Aurora tem sido promovido por meio a outros, com os mais variados, sendo sempre de sucesso, nos tempos de férias.

Curtir · Responder · 2 · 10 de abril de 2016 às 22:49

Diário de Pernambuco. 10 de Setembro de 1970.

**TOBOGÁ**

Como sempre, as novidades estão chegando atrasadas ao Recife. Mas, felizmente, chegam e, aqui entre nós, até em boa hora. É o caso do Tobogá, que está sendo instalado no aterro da Rua da Aurora. Nada melhor para valorizar o local, que será um dos mais bonitos do Recife. A iniciativa é do comerciante José de Anchieta Alves e teve o apoio total do prefeito Geraldo de Magalhães Melo. No próximo mês, incluído no seu passeio às margens do Capibaribe, uma escurregadelas no Tobogá.

Curtir · Responder · 2 · 10 de abril de 2016 às 17:08

Referindo-se a espaços de lazer, o pesquisador Eduardo Duarte lembra que “o registro emocional é fundamental para as lembranças” (2000, p. 69). Construções como os cinemas, espaços de lazer como o Horto de Dois Irmãos, representado especificamente pelo trenzinho das crianças e pelos pedalinhos no grupo de imagens mais populares, assim como o grande tobogã instalado temporariamente em locais como a Rua da Aurora na década de 1970 são três exemplos de espaços/situações nas quais prevalece o relato de experiências divertidas, em alguns casos das brincadeiras da infância.

Mas, quanto aos registros emocionais, também é importante falar que o mesmo se aplica às experiências traumáticas, vide a mobilização gerada pelas imagens das cheias do Rio

Capibaribe. Os dois tipos de experiências são fortes o suficiente para poderem deixar marcas ou, em outras palavras, o registro emocional que é fundamental para as lembranças.

### 3.3 ENVIANDO POSTAIS DE MAURÍLIA

As cidades estão cheias de símbolos, ícones, e os significados deles podem mudar um pouco com o passar do tempo pois esses espaços construídos estão em constante transformação. Quando não o fazem, correm o risco de passar pelo mesmo processo que ocorreu com a imaginária Zora. “Obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo” (CALVINO, 2003, p. 9-10).

Mesmo ao tomar como ponto de partida da observação sobre a relação das pessoas com o espaço, e com a representação desse último em imagens fotográficas, a conexão com elementos do passado, é preciso ter em mente que a própria ideia de passado está em transformação. Italo Calvino nos lembra que, de acordo com o itinerário realizado, o passado do viajante muda. “Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos” (CALVINO, 2003, p. 14).

Os colaboradores da **Recife de Antigamente** podem ser um pouco Marco Polo e um pouco Kublai Khan. Podem ouvir o relato do viajante, a partir do qual constroem uma imagem dos diversos lugares apresentados por ele, e podem eles mesmos empreender suas viagens e elaborar suas narrativas a partir do que observaram, sentiram e experimentaram. A figura do viajante e do imperador pode, inclusive, coexistir na mesma pessoa, alternando-se de acordo com as circunstâncias.

Exercitando o papel do viajante, o colaborador se depara com “aquilo que ele deixou de ser ou deixou de possuir” por não ter vivido em outras épocas. Depara-se com um mundo que ele não conheceu, ainda que algo nele lhe seja familiar. É como se ele estivesse chegando a Maurília, outra cidade imaginada na obra de Italo Calvino (2003).

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília

provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional - que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi. (CALVINO, 2013, p. 15)

As fotos compartilhadas na página **Recife de Antigamente** são como os cartões-postais de Maurília – a depender do que os “visitantes” identifiquem nas imagens. Após tantas descrições de cidades feitas por Marco Polo, Kublai Khan nota que elas são parecidas “como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem mais uma mera troca de elementos” (CALVINO, 2003, p. 20).

A partir desse momento, a mente do Khan começa a “desmontar” os pedaços das cidades descritas por Marco Polo e reconstruí-las de outra maneira, “substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os” (CALVINO, 2003, p. 20).

Sempre recordando o que já foi dito anteriormente, que uma descrição de uma cidade não é o bastante para compreendê-la, podemos considerar essa cidade construída virtualmente na comunidade **Recife de Antigamente** como uma parte do mosaico que é o Recife. Além de espaços de trocas e de redes econômicas, socioculturais, políticas e comunicacionais, como define Paulo Cesar da Costa Gomes, as cidades

São também o resultado de temporalidades espacializadas, de variados usos e atividades e de diferenciados domínios espaciais (público e privado, sagrado e profano, individual e coletivo, etc.). Produzir uma identidade urbana é querer forjar uma unidade nessa multiplicidade, ou seja, eleger um sentido dentro desse vasto quadro de possibilidades oferecido pelo espaço urbano. Encontrar imagens pelas quais todo esse universo possa estar representado pode não ser um desafio relevante. (GOMES, 2013, p. 254)

A figura das cidades muitas vezes está expressa nas artes (em narrativas literárias, filmes, etc.) atreladas a reflexões que sugerem medos e desejos de sociedades em determinadas épocas. Marco Polo diz que (...) “As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa” (CALVINO, 2003, p. 20).

Poderíamos refletir, então, sobre a perpetuação de narrativas sobre assombrações em diferentes pontos da cidade, ou de desejos e medos contemporâneos, expressos nos comentários das fotografias – tais como o de morar em uma cidade mais limpa ou mais segura. Ao observar

a cidade e suas representações, também se pode enxergar questionamentos. Italo Calvino muitas vezes se refere a cidades que ficam no subterrâneo, por vezes longe do olhar humano, sendo conhecidas apenas por relatos, pelo que “dizem” que existe por lá ou pelo que se imagina a partir de sons.

Assim como, em outros trechos do livro, fala sobre “versões” de uma mesma cidade ou ainda de cidades que não tocam o chão. Até mesmo cidades ainda não descobertas, ou mesmo ainda não fundadas, fazem parte do atlas do imperador criado por Italo Calvino. Elas ganham nomes como Utopia, Harmonia, Nova Atlântida ou A Cidade do Sol. Kublai Khan pergunta a Marco Polo se ele saberia dizer “para qual desses futuros nos levam os ventos propícios” e recebe a seguinte resposta

Por esses portos eu não saberia traçar a rota nos mapas nem fixar a data da atracação. Às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe que capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que enquanto falamos ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império; é possível encontrá-la, mas da maneira que eu disse (CALVINO, 2003, p. 70).

A busca pela cidade perfeita, idealizada, sugere também uma relação com o futuro e com profundas aspirações humanas. Todas essas construções metafóricas são mobilizadas por Italo Calvino para falar sobre os espaços desejados, desconhecidos. “As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (CALVINO, 2003, p. 20).

E tais perguntas e respostas são bastante significativas para uma melhor compreensão do mundo contemporâneo, em que o crescimento populacional está relacionado ao aumento do número de cidades, o que ressalta a importância cultural das mesmas, além de implicar desafios econômicos, políticos, arquitetônicos, etc. O filósofo espanhol Francisco Jarauta (2016) afirma que, “em um processo de progressiva desterritorialização do político, a cidade torna-se o lugar mais verdadeiro politicamente”

A abstração crescente que afeta os sistemas de representação política, inscritos na tendência para a globalização cada vez mais forte, a defesa do local como espaço e marco de identificação básica assume uma nova dimensão que pode

se concretizar em todas as dimensões que definem social e culturalmente o projeto de uma determinada sociedade. Este espaço coincide com o território do local, seja ele cidade, região, etc. Mas de todas essas variantes, é a cidade que melhor define a característica específica dos modos de habitar. Nasce assim uma nova complexidade, que na tensão global/local, se decanta até a defesa daqueles sistemas de representação capazes de agir como referentes funcionais do social, cultural e político. Na cidade se projeta, se constrói o espaço social, se trocam os sistemas simbólicos que desde a apropriação individual faz com que seja possível uma identidade cultural básica transitória<sup>66</sup> (JARAUTA, 2016, p. 1).

Francisco Jarauta segue sua explanação pontuando que a cidade tornou-se “o espaço por excelência da representação e expressão de novas tensões culturais, políticas e sociais no mundo contemporâneo” e que ela é, cada vez mais, “o palco de derivas e fluxos, de encontros e fugas produzidos no território que articula os sujeitos que a percorrem, suas formas de vida, suas necessidades e ansiedades<sup>67</sup>” (JARAUTA, 2016, p. 2) .

Por mais longe que as posições do mercador ou comandante nos levem no contato com as fotografias antigas, trata-se de uma viagem através da memória. O próprio Kublai Khan afirma isso para Marco Polo: “- É para se desfazer de uma carga de nostalgia que você foi tão longe! - exclamava, ou então: Você retorna das suas expedições com a estiva repleta de nostalgia! - e acrescentava com sarcasmo: - Um pequeno lucro, para dizer a verdade, para um mercador da Sereníssima!” (CALVINO, 2003, p. 42)

E este olhar nostálgico, somado à projeção de um futuro, colabora para a sensação de pertencimento ao um determinado território, que não é construído apenas do ponto de vista físico, mas também das relações sociais, como ressaltado até aqui.

Território foi e continua sendo um espaço que habitamos com os nossos, onde a lembrança do antepassado e a evocação do futuro permitem referenciá-lo como um lugar denominado por aquele ancestral, com certos limites geográficos e simbólicos. Dominar o território é assumi-lo numa dimensão linguística e imaginária; ao passo que percorrê-lo, pisando-o e marcando-o de

---

<sup>66</sup> No original: Por una parte, en un proceso de desterritorialización progresiva de lo político, la ciudad pasa a ser el lugar más real políticamente hablando. La abstracción creciente que afecta a los sistemas de representación política, inscritos en la tendencia a una cada día más fuerte globalización, la defensa de lo local como espacio y marco de identificación básica adquiere una dimensión nueva que puede concretarse en todas aquellas dimensiones que definen social y culturalmente el proyecto de una sociedad determinada. Este espacio coincide con el territorio de lo local, llámese ciudad, región, etc. Pero de todas estas variantes, es la ciudad la que define mejor la particularidad específica de las formas de habitar. Nace así una complejidad de representación capaces de actuar como referentes funcionales de lo social, cultural y político. En la ciudad se proyecta, se construye el espacio social, se intercambian aquellos sistemas simbólicos que desde la apropiación individual hace posible una identidad cultural básica transitoria.

<sup>67</sup> No original: Pero, al mismo tiempo, la ciudad se ha convertido en el espacio por excelência de representación y expresión de las nuevas tensiones sociales, culturales, políticas del mundo contemporáneo. (...) La ciudad es cada vez más el escenario de derivas y flujos, de encuentros y fugas producidos en el territorio que articula los sujetos que la recorren, sus formas de vida, sus necesidades y ansiedades.

uma ou de outra forma, é dar-lhe entidade física, que, evidentemente, se conjuga com o ato denominativo. (SILVA, 2001, p. 16)

Enquanto compartilham e comentam sobre as fotografias antigas, os membros da comunidade **Recife de Antigamente** estão percorrendo, pisando-o e marcando-o, ao expressar afetos com curtidas e comentários ou publicizando informações que consideram importantes. Michel de Oliveira Silva (2016), ao trabalhar com fotografias de família nas quais aparecem pessoas que já faleceram, coloca em diálogo uma afirmação do antropólogo Joël Candau (2012, p. 9) – para quem a memória é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado” – e outra do pesquisador Henri Bergson (1990, p. 196), para quem “a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente”. Sendo assim, afirma Michel de Oliveira Silva, “a rememoração não é um retorno, mas uma progressão. Não é uma tentativa de exumação, mas de revivificar a passagem irremediável do tempo” (SILVA, 2016, p. 19).

A partir dessa função basilar, a memória ganha enraizamentos complexos, estabelecendo diversas funcionalidades. Um desses enraizamentos é a função identitária. Segundo Bosi (2003, p. 16), é “do vínculo com o passado que se extrai a força para formação da identidade”. A memória é, portanto, um elemento que garante a coesão social. É o meio pelo qual as sociedades intercambiam experiências, emoções e que constroem um repertório coletivo (SILVA, 2016, p. 20).

Aproximando as considerações de Michel de Oliveira Silva, e as citações feitas por ele a Joël Candau, Henri Bergson e Ecléa Bosi, da experiência constituída pela comunidade da página **Recife de Antigamente**, nota-se como a memória está ligada ao estabelecimento de uma coesão social e que o olhar para o passado também diz respeito ao presente e futuro.

#### 4 A COMUNIDADE E A CIDADE IMAGINADA

“A memória é uma ilha de edição”

Waly Salomão

É notável a pluralidade de expressões simbólicas que podem ser observadas nas relações estabelecidas entre os seres humanos e os espaços habitados por eles. Para marcar suas conquistas territoriais ou acontecimentos históricos, diversos povos destroem e constroem algum tipo de monumento, tais como portais, murais ou esculturas em praça pública. A mudança do nome de um logradouro pode ser usada para marcar uma nova fase para uma comunidade. Uma população pode se recusar (de maneira mais ou menos consciente) a adotar a nomenclatura oficial de um lugar, da mesma maneira em que as pessoas “customizam” o traçado físico oficial de uma cidade ao vivenciá-la cotidianamente.

Também são numerosas as narrativas míticas envolvendo cidades, presentes em diferentes culturas. Na mitologia romana, a história da fundação de Roma é relacionada à figura dos gêmeos Rômulo e Remo, abandonados às margens do Rio Tibre e amamentados por uma loba. Shangri-la, criada pelo escritor inglês James Hilton, na obra *Horizontes Perdidos* (1925), e descrita como um lugar paradisíaco em algum ponto do Himalaia, até hoje é evocada como sinônimo de espaço onde se vive em harmonia. Além destes exemplos conhecidos, vários outros poderiam ser citados, como as diversas cidades perdidas e prometidas ao longo da história da humanidade.

Um mesmo tipo de experiência humana está suscetível a ganhar representações diversas como parte de distintas mitologias e tais representações podem, até mesmo, ser compreendidas de alguma maneira por membros de outras culturas (ainda que por outras perspectivas, com interpretações diferentes). Tais histórias conseguem atravessar fronteiras do tempo e do espaço pois são narrativas, há nelas algo que ultrapassa a representação do factual.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1994, p. 204).

As cidades desejadas, idealizadas, são as projeções de uma vida em comunidade e de desejos também particulares. A existência delas ultrapassa o plano físico dos espaços urbanos reais, da História contada a partir de uma sucessão de fatos que levaram à fundação de uma

cidade e a sua configuração enquanto tal. E nisto há um diferencial importante a ser observado. Para o filósofo alemão Walter Benjamin, a difusão da informação é responsável pelo declínio da arte narrativa: “A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1994, p. 203). Segundo o pesquisador, quando o contexto da ação não é imposto ao leitor, ele fica “livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Partindo dos pressupostos de Walter Benjamin, poderíamos trilhar um caminho de interpretação de determinadas produções humanas que leve em consideração aquilo que “não se entrega” - o que está presente nas histórias transmitidas pelas gerações através da tradição oral, passando pelas obras de arte até chegar em meios mais contemporâneos utilizados pelas pessoas para se expressar e lidar com a memória, tais como a fotografia. Há algo latente em todos eles, acessível para a construção de novos sentidos com o passar das gerações.

A imagem de um quadro é uma narração ou uma descrição? Que diferença existe entre mostrar algo ou contar algo – seria a mesma que existe entre olhar e ver? Na literatura, esses procedimentos são mais claramente identificáveis. Descrever significa apresentar as características, reunir elementos, tipificar, individualizar, apresentar. Por isso, descrever uma paisagem é dizer como ela é, de que elementos é composta, como esse espaço se apresenta. As formas são os dados primordiais, e a caracterização de modelos morfológicos parece ser um dos objetivos supremos desse tipo de procedimento. (GOMES, 2013, p. 68-69)

Já a narração, como foi dito inúmeras vezes, tem um componente cronológico essencial, é uma sucessão de elementos em uma escala de tempo. A narração seria constituída assim pelo estabelecimento de uma linha de coerência entre atos, eventos ou elementos que se sucedem no tempo. Na narração, há regras, mais ou menos estáveis, que permitem a legibilidade do encadeamento daquilo que é mostrado, uma coerência interna entre esses elementos que dá conta do funcionamento de uma situação (GOMES, 2013, p. 69).

Por vezes, tais narrativas são vistas como algo menor dentre as produções humanas. Eram consideradas primitivas, um fruto do desconhecimento do que os cientistas explicariam mais tarde, “crendices”. Para algumas pessoas, esta interpretação persiste em algum grau. No entanto, aquilo que escapa às réguas da objetividade e do racional - a exemplo das imagens do sonho e da criação poética - também é bastante revelador sobre as sociedades. E essa visão

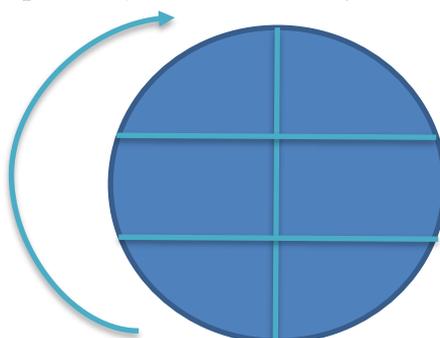
pejorativa citada anteriormente tem sido aos poucos transformada, implicando, também, em uma mudança nas terminologias adotadas. Como nos lembra Gilbert Durand

Os conceitos pejorativos “pré-lógico”, “primitivo” e “pensamento mítico” vão sendo aos poucos substituídos por “arquétipo”, “a outra lógica”, “participação”, etc. Todos estes “ancestrais”, ou melhor, estas áreas mantidas à distância pelas ciências sociais clássicas, a sociologia francesa em particular, readquirem sua dignidade e seus direitos (DURAND, 2011, p. 49-50).

Tal “reviravolta de valores”, como define o pesquisador francês, foi o que permitiria a fundação da “‘sociologia do imaginário’ deliberada e complementar; de forma exógena, os imperativos do imaginário sendo evidenciados pela pesquisa psicológica e etológica” (DURAND, 2011, p. 50).

Gilbert Durand reforça a importância dos estudos do imaginário ao afirmar que “todo pensamento humano é uma re-presentação, isto é, passa por articulações simbólicas” (DURAND, 2011, p. 41). O autor ainda aponta que, desde as origens mais remotas do ser humano, o cérebro faz dele um *homo symbolicus* (DURAND, 2011, p. 48). Em seu ensaio sobre as ciências da filosofia e da imagem, o francês também elaborou uma representação do “conjunto imaginário cobrindo uma determinada época de uma sociedade”, em formato circular, desenhada abaixo a partir das indicações do pesquisador (Figura 77).

Figura 77 – Representação circular do conjunto imaginário de uma época



Com uma metáfora, o pensador relaciona as três instâncias psíquicas identificadas por Sigmund Freud (id, ego e superego) a uma sociedade. De baixo para cima, na primeira camada tem-se o que Gilbert Durand chama de inconsciente específico “e que está ligado à estrutura psico-psicológica do animal social, o *Sapiens sapiens*. É neste campo que os esquemas arquetípicos provocam as imagens arquetípicas” (DURAND, 2011, p. 93).

A segunda parte do diagrama seria, neste esquema, o correspondente do “ego” dos estudos freudianos: “É a zona de estratificações sociais onde são modelados os diversos papéis conforme às classes, castas, faixas etárias, sexos e graus de parentesco ou em papéis marginalizados, de acordo com o corte vertical do círculo por um diâmetro” (DURAND, 2001, p. 94). Estes dois hemisférios são uma representação gráfica das contradições de uma sociedade. A faixa superior do círculo fica como o correspondente ao superego da sociedade, aquele que “organizará e racionalizará em códigos, planos, programas, ideologias e pedagogias, os papéis positivos do "ego" sociocultural” (DURAND, 2001, p. 95).

A seta curva que acompanha o círculo no sentido horário corresponde a uma terceira dimensão, esta do campo temporal. Assim, completa-se o movimento do imaginário de uma época, sugerido pelo pesquisador francês.

Ainda de acordo com os estudos de Gilbert Durand, e tomando como pressuposto que “o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana” (DURAND, 2011, p. 41), podemos considerá-lo ao observar as representações sobre as cidades.

No caso do Recife, ao qual estão relacionados os grupos estudados com esta dissertação, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que 1.537.704 habitantes ocupam uma área de 218,435 km<sup>2</sup>. Mas, mesmo acrescentando itens e análises dos resultados obtidos, uma pesquisa sociodemográfica não é capaz de definir o que é uma cidade. Assim como não é o suficiente dizer que as origens da cidade remontam ao século XVI, com o povoamento da área no entorno do porto, e os seguintes marcos históricos. Os números podem ser lidos em relação com, mas não mensuram o que há de simbólico na representação de uma cidade, aquilo que é fruto da vivência de seus habitantes e transmitido (transformado, questionado, etc.) com o passar das gerações.

As cidades incorporaram como parte de sua história as circunstâncias geográficas que, juntamente com a tecnologia, moldaram as condições físicas de sua existência. Mas outros elementos, como as implicações econômicas e políticas, também somam importância na escolha deste lugar para ficar (DUARTE, 2000, p. 104).

Eduardo Duarte considera que, para a pergunta "O que é então uma cidade?" há uma miríade de respostas possíveis. O pesquisador afirma que a imagem midiática é reflexo de uma cidade possível, com temporalidade e sentidos próprios. A colaboração do espectador emancipado, como visto na comunidade em torno da página **Recife de Antigamente**, acrescenta ainda mais camadas construídas com sonhos, desejos, experiências pessoais.

[...] poderíamos dizer que uma cidade é um conjunto de tempos criados coletivamente, num espaço que se desdobra gradativamente; mesclando a memória de um marco zero ecossistêmico, político e econômico, com o sonho de futuros, através do agenciamento dos movimentos de seu desejo em constante devir (DUARTE, 2000, p. 113).

Quanto ao Recife, podemos citar como significativos apelidos do tipo Veneza Brasileira (e não esqueçamos que um nome como este pode indicar algo mais que uma comparação devido aos canais/rios que cortam a cidade italiana e a capital pernambucana, ele pode carregar valores almeçados pelos habitantes desta última, por exemplo). Há várias cidades na mesma cidade.

Neste rol de referências também são recorrentes narrativas de uma cidade que poderia ter se transformado em algo diferente, mas ficou no meio do caminho. Tal impressão aparece em comentários como os dos colabores das páginas estudadas nesta dissertação - de um Recife que já foi mais arborizado, por exemplo. Também surge no discurso de alguns habitantes sobre o fim do período de colonização holandesa (que alguns acreditam que seria melhor, talvez baseado nas medidas de Maurício de Nassau que consideram positivas, talvez esquecendo que ainda seríamos colônia) ou a partida dos judeus para “fundar Nova York”.

Além de não haver possibilidade de prever um futuro a partir disto, e dos historiadores avaliarem os dois episódios sobre outra perspectiva, estas duas narrativas foram bastante presentes no imaginário recifense. Entre outras construções que se perpetuam, de um modo ou outro, com o passar do tempo estão a que se refere ao pernambucano como um povo combativo e de intensa vida cultural.

Entre as histórias produzidas pelo povo da região, há muitas relacionadas a assombrações. Esta não é uma exclusividade do Recife, já que em outras cidades, ainda mais as antigas como a capital pernambucana, também são campo para o surgimento e perpetuação de narrativas assim. No entanto, este parece ser um ponto marcante do imaginário recifense, tanto que foi tema de um livro escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre, *Assombrações do Recife Velho* (1987)

Mas sem que tenha sido preocupação do autor entrar no mérito, por assim dizer, de qualquer desses sobrenaturais, cuja presença, real ou suposta, apenas constata através de testemunhos, de experiências, de aventuras das chamadas psíquicas que teriam sido vividas por uns tantos recifenses em ambientes e em circunstâncias próprias do Recife: os de sua condição de cidade não só situada à beiramar como cortada por dois rios; de burgo por algum tempo judaico-holandês e não apenas ibero-católico; de capital de província e de estado depois de ter sido simples povoação de pescadores; de sede de vários conventos; de centro de atividades culturais importantes; de grande mercado

de escravos trazidos da África; de espaço urbano caracterizado por sobrados de tipo esguio, de feitio mais nórdico do que ibérico: provável influência holandesa ou norte-européia sobre sua arquitetura (FREYRE, 1987).

Focando na última parte da descrição feita por Gilberto Freyre, se for perguntado ao recifense, hoje, o que caracteriza o espaço urbano de sua cidade, talvez os prédios e as áreas de alagamentos sejam lembrados antes dos sobrados. Mas é possível que o casario também fosse citado, assim como algumas destas assombrações ou histórias do passado da cidade.

Para o pesquisador Eduardo Duarte, a construção de elos entre o que é da ordem material e o que é irreal perpassa o desenvolvimento de uma cidade. Este último processo

Plasma-se na imaginação, nos valores, laços com o espaço físico. E a integração homem/meio promove desde sonhos e fantasias, que inspiram prosas e poemas, passando pela latitude e longitude da cidade imaginária criada por cada um, até a própria concepção do físico, que é remodelado pelas aspirações, pelos desejos (DUARTE, 2000, p. 34-35).

Com esta afirmação, lembra-se que mesmo os espaços físicos do Recife de outrora podem ser remodelados pelas aspirações e desejos de quem os olha, com as diferenciações provocadas pelas experiências pessoais e pelas características do grupo social no qual se está inserido e ainda do momento histórico em que se vive. Por isso que, ao olhar para as fotografias, os colaboradores da página **Recife de Antigamente** muitas vezes falam de uma cidade mais limpa ou mais calma, na qual se podia caminhar com mais tranquilidade, sem temer a violência. Essas informações não estão explícitas, mas são extraídas daquelas imagens estáticas por alguém que, ao ver os elementos da paisagem representados naquele objeto digitalizado, lembra das próprias experiências vividas naqueles espaços ou relata aquilo que gostaria de viver. Um alguém que o faz de acordo com a relação de sua geração com o tempo, a sensação de que o cotidiano segue em outro ritmo.

O que faz com que certas coisas sejam compartilhadas como integrantes do imaginário de uma cidade ou que certas narrativas sejam passadas entre gerações, sejam significativas mesmo para quem não as viveu diretamente? Gilbert Durand afirma que, por vezes, a mudança profunda do imaginário de uma época é equiparada a uma mudança de gerações. Mas, segundo o pesquisador francês, isto que ele define como uma “revolta periódica de ‘pais contra filhos’” não é algo que seja suficiente para dar conta da amplitude característica de uma bacia semântica, expressão cunhada pelo pesquisador com a qual designa-se o intervalo para formação, consolidação e decadência de um paradigma.

Constatamos que sua duração, desde os primeiros escoamentos perceptíveis até os meandros terminais, era de cento e cinquenta a cento e oitenta anos. Uma duração justificada, por um lado, pelo núcleo de três ou quatro gerações que constituem as informações “à boca pequena”, o “ouvi dizer que” familiar entre o avô ou o mais velho e o neto, ou seja, numa continuidade de cem a cento e vinte anos à qual acrescenta-se, por outro lado, o tempo da institucionalização pedagógica de cinquenta a sessenta anos, que permite ao imaginário familiar, sob a pressão de eventos extrínsecos (a usura da “bacia semântica”, as profundas mudanças políticas, as guerras etc.), se transformar num imaginário mais coletivo e invadir a sociedade ambiental global (DURAND, 2011, p. 115-116).

Ainda sobre esta formação do imaginário, podemos relacionar as considerações de Gilbert Durand citadas anteriormente com os estudos recentes sobre o funcionamento da memória dos seres humanos, considerando as imbricações existentes entre o que é particular e o que é coletivo.

Por vezes a memória é popularmente representada, através de analogias, como sendo uma espécie de reservatório ou biblioteca, na qual as lembranças vão sendo armazenadas em prateleiras ou gavetas. Ali, elas ficariam preservadas, para mais tarde serem acessadas por seu arquivista. No entanto, estudos contemporâneos sobre a memória humana, como o desenvolvido pela pesquisadora holandesa José van Dijck (2007), por exemplo, apontam para outra direção.

Pela perspectiva adotada por estes estudiosos, a memória é um processo e não algo estanque. Assim como as lembranças não serão preservadas para serem acessadas de maneira linear ao longo da existência de cada indivíduo. Uma metáfora mais que se apresenta mais de acordo com o que acreditam estes estudiosos seria a de que o cérebro funciona como uma orquestra<sup>68</sup>: Por mais que a partitura da obra a ser tocada a cada apresentação seja a mesma, que as notas existentes sejam as mesmas, os diferentes intérpretes ou as mudanças no material de que são feitos os instrumentos podem provocar mudanças no resultado final, ainda que sutis.

José Lino Oliveira Bueno concorda com essa visão de que a memória não é “um arquivamento quase fotográfico ou cinematográfico dos eventos” e que, ao se recordar de um evento no tempo presente, “a recordação não é uma reprodução fiel de um arquivamento fixo e definitivo mantido em alguma área do meu cérebro”

A memória é sempre uma reconstrução do conjunto de experiências que estão armazenadas no meu cérebro. Há sempre uma distorção dos meus atos de memória, que será maior ou menor dependendo do contexto e das circunstâncias que me fazem lembrar de um determinado evento. A memória

---

<sup>68</sup> A própria José van Dijck (2007) apresenta esta metáfora.

tem a ver com outras funções psicológicas também extremamente importantes, como o estado motivacional, ou o que está me levando a lembrar o evento passado, e essas circunstâncias é que fazem com que eu reconstrua um evento passado em função das motivações que eu tenho no presente (BUENO, 2016, p. 12).

Para exemplificar isto, pode-se recorrer a algo simples, como experiências cotidianas: Algo que ocorre com uma criança na escola. Dias depois, ela se lembrará da situação de uma maneira. Anos mais tarde, esta mesma experiência da infância pode reverberar de maneira completamente diferente no adulto em que aquela criança se transformou.

De maneira poética, o escritor angolano José Eduardo Agualusa (2004) afirma que “A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento”.

Vemos crescer por sobre as acácias a luz da madrugada, as aves bicando a manhã, como a um fruto. Vemos, além, um rio sereno e o arvoredo que o abraça. Vemos o gado pastando lento, um casal que corre de mãos dadas, meninos dançando o futebol, a bola brilhando ao sol (um outro sol). Vemos os lagos plácidos onde nadam os patos, os rios de águas pesadas onde os elefantes matam a sede. São coisas que ocorrem diante dos nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão longe, não as podemos tocar. Algumas estão já tão longe, e o comboio avança tão veloz, que não temos a certeza de que realmente aconteceram. Talvez as tenhamos sonhado. Já me falha a memória, dizemos, e foi apenas o céu que escureceu (AGUALUSA, 2004, p.153).

A descrição da memória feita pelo escritor combina, no campo do ficcional, ideias relacionadas ao movimento, à passagem do tempo, a uma soma de acontecimentos da vida captados entre o que há em um diversificado conjunto (que é uma “paisagem”). Tais ideias são corriqueiramente associadas ao processo de recordar, guardar experiências e informações. Lembranças são como recortes que, mesmo sendo impalpáveis, podem provocar um certo tipo de sensação quando revisitados (“São coisas que ocorrem diante dos nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão longe, não as podemos tocar”). As transformações pelas quais as lembranças passam ao longo do tempo não foram esquecidas por Agualusa (“Algumas estão já tão longe, e o comboio avança tão veloz, que não temos a certeza de que realmente aconteceram. Talvez as tenhamos sonhado”).

Aqui se propõe uma aproximação entre a descrição do escritor angolano em uma obra ficcional com o que se apresenta em estudos sobre a memória humana. José van Dijck afirma, ao comentar as considerações do filósofo Henri Bergson na obra *Matéria e Memória* (1896), que “o cérebro não armazena memórias, mas recria o passado a cada vez em que ele é acionado”. “Em outras palavras, ao invés de acreditar na existência de um reservatório de

memória pura a partir da qual o sujeito obtém suas recordações, Bergson teorizou que a imagem invocada é uma construção do sujeito no presente” (DIJCK, 2007, p. 30).

Ainda para a autora, “Memórias, efetivamente, são reescritas a cada vez que são ativadas; em vez de recordar uma memória que tenha sido guardada algum tempo atrás, o cérebro está forjando tudo de novo em uma nova associação” (DIJCK, 2007, p. 32). Retomando o exemplo citado anteriormente, um adulto não lembra de um acontecimento da infância da mesma maneira que o fez alguns dias após o ocorrido. O cérebro criou uma nova associação.

Por extensão, isso também pode ser observado na relação que as pessoas estabelecem com seus objetos de memória, tais como as fotografias

Imagens nunca são o reviver de experiências passadas, mas elas são ações do cérebro contemporâneo através do qual sensações passadas são evocadas e filtradas. O cérebro não armazena memórias, mas ele recria o passado a cada vez em que ele é invocado. O cérebro é mais que uma reserva de memórias, é como um sistema de telefone (DIJCK, 2007, p. 30).

Tal como as antigas telefonistas<sup>69</sup>, hoje substituídas pelos mecanismos da tecnologia digital, faziam para completar ligações conectando cabos a determinados pontos de um painel à sua frente, nosso cérebro é capaz de conectar pontos a cada vez que uma ligação lhe é solicitada.

Da mesma maneira que as memórias particulares não são fruto do armazenamento de experiências como “coisas”, elas não estão isoladas do coletivo. Tomemos como exemplo as caixas de sapato, um recurso popular para se preservar uma miríade de objetos que se deseja guardar para lembrar de experiências vividas. Nela cabem álbuns de fotografias, diários, alguns recortes, cartas, bilhetes de viagem, fitas K7 ou DVDs, etc. Com a internet, Wilton teve acesso a novas fontes de pesquisa (sites e blogs) e a coleção dele ganhou itens digitalizados (fotos salvas em disquetes, depois CDs e HDs externos), assim como ocorreu com a caixa de sapatos da pesquisadora José van Dijck.

Trata-se de um hábito particular, com itens que muitas vezes são mantidos como algo íntimo, longe dos olhos dos outros, mas também um hábito compartilhado por muitas pessoas. Aquilo que tomamos como uma espécie de isca para lembrar de momentos que constroem a nossa individualidade é, ao mesmo tempo, aquilo que nos conecta aos outros. A partir de uma análise sobre o que se registra, e como se registra, o que se guarda e o que se apaga, é possível extrair informações sobre um determinado grupo social, situando-o no momento histórico.

---

<sup>69</sup> Esta metáfora também é construída por José van Dijck (2007).

A própria José van Dijck refletiu sobre questões relacionadas a esses assuntos ao observar seus objetos de memória. Ao colocar estas coleções no centro da análise, a pesquisadora elaborou duas perguntas com as quais desenvolve sua pesquisa: “1. O que é memória cultural pessoal e como ela se relaciona com a identidade e a memória coletivas?” e “2. O que é exatamente a natureza da mediação memória?”.

No conceito de memória cultural pessoal desenvolvido por José van Dijck há uma ênfase no valor dos itens de memória como mediadores entre os indivíduos e a coletividade, por representarem tensões entre o público e privado. Outro ponto muito importante para se entender o trabalho desenvolvido pela pesquisadora é a noção de que as memórias autobiográficas fazem parte da construção de uma noção de personalidade e identidade.

Nossas mentes trabalham para criar um conjunto coerente de ‘registros de identidade’, estruturando uma formação de identidade que evolui ao longo dos anos. O desenvolvimento de um self autobiográfico é, em parte, organizando sob controle genômico e biológico, e outra parte é regulada pelo ambiente – considerando desde modelos de comportamento individual até ritos culturais (DIJCK, 2007, p. 2-3).

Seguindo a linha dos estudos da pesquisadora é possível entender que assim como, a longo prazo, a memória (entendida como soma de fatos, emoções e experiências), serve à construção de uma autoimagem (que não é estável, como vimos), ela também é de fundamental importância que seja estabelecida uma noção de continuidade entre “nós” e “os outros”. Dito isso, é importante destacar a definição de memória cultural pessoal feita pela holandesa

Eu quero definir memória cultural pessoal como os atos e produtos de lembrança em que os indivíduos se envolvem para fazer sentido de suas vidas em relação à vida dos outros e aos seus arredores, situando-se no tempo e lugar. De acordo com minha definição, “pessoal” e “cultural” são os fios que ligam a textura da memória: eles podem ser distinguidos, mas eles nunca podem ser separados. A memória cultural pessoal entrelaça a escolha individual com hábitos comuns e convenções culturais, que definem em conjunto as normas do que deve ser lembrado (DIJCK, 2007, p. 6).

Quando se refere a convenções culturais e hábitos comuns, José van Dijck remete ao fato observável de que, em determinadas épocas e lugares, se estabelecem modos de fotografar certos temas. Muitos álbuns de família possuem registros do nascimento de um bebê, aniversários e casamentos, por exemplo.

Nota-se que uma pessoa pode observar uma fotografia como essas ou a feita em uma determinada rua da cidade, feita anos antes, por outras pessoas, e sentir algum tipo de

identificação – ela também pode ter tido uma experiência parecida com aquela ou aquele lugar lhe diz respeito de alguma maneira. Para o fotógrafo polonês Jerzy Lewczyński, “A mágica de retratos caseiros está em transformar em intensos encontros com a realidade o que imaginamos. Algo como transmitir o valor do silêncio” (HARAZIM, 2016, p. 210).

Para que essa identificação ocorra, não é necessário que a pessoa tenha em sua caixa o mesmo tipo de registro, com uma composição igual. Assim não sabemos que a pessoa não sentirá a mesma coisa que o fotógrafo ou fotografado. Há um tipo de identificação mais tênue em jogo. O que a pesquisadora propõe é que as coleções de recordações privadas são objetos importantes para uma análise cultural.

Eu introduzo o conceito de memórias mediadas não só para explicar a conexão complexa entre coleções pessoais e a coletividade, mas também para ajudar a teorizar a formação mútua de memória e media. Ao definir e aperfeiçoar este conceito em uma ferramenta analítica, espero transformar os itens em nossas caixas de sapatos privadas em objetos valiosos para a análise cultural. Como coleções particulares, memórias mediadas formam locais onde o pessoal e coletivo se encontram, interagem e se chocam; a partir destes encontros podemos derivar importante o conhecimento cultural sobre a construção dos selfs históricos e contemporâneas no curso do tempo: Como ferramentas de nossa media moldam o nosso processo de lembrar e vice-versa? Como a lembrança afeta a maneira como desenvolvemos dispositivos de mídia? (DIJCK, 2007, p. 2).

No caso dos colaboradores de comunidades virtuais criadas com o intuito de compartilhar imagens antigas de uma localidade, como os grupos estudados nesta dissertação, a exemplo da página **Recife de Antigamente**, é notável este encontro entre pessoal e coletivo citado por José van Dijck. Fotografias de museus se misturam às dos álbuns de família. O passado da cidade é comentado com um olhar do presente, que também está relacionado a um futuro almejado. Juntas, estas pessoas realimentam narrativas e podem reordenar a própria existência, no contato com os outros. “Lembramos porque queremos fazer sentido da vida. A memória constrói sentido pela mediação entre entidades abstratas e concretas díspares: o self e o mundo, o indivíduo mortal e o coletivo imortal, o passado da família e a geração futura” (DIJCK, 2007, p.181).

Retomando as discussões sobre a construção de um imaginário, que Gilbert Durand define fazendo analogia a um museu, formado por “todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2011, p. 10). Como podemos deduzir a partir desta definição, o imaginário, assim como a memória, não é algo estanque

A imagem pode se desnovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma “realidade velada” enquanto a lógica aristotélica exige “clareza e diferença (DURAND, 2011, p. 10).

Ao se relacionar com as reproduções de fotografias antigas do lugar onde nasceram ou vivem e, portanto, vendo-as a partir de uma perspectiva diferente da que tinham os que estavam primordialmente ligados àquelas imagens (como o fotógrafo e os personagens retratados), estas pessoas podem se dedicar também à fértil experiência da narrativa. Para fazer essa afirmação, recorre-se a considerações de Walter Benjamin, ainda que elas não tenham sido feitas especificamente sobre a imagem fotográfica

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Para o filósofo alemão, a difusão da informação é responsável pelo declínio da arte narrativa: “A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Mesmo que junto com estas fotografias, em boa parte dos casos, sejam compartilhadas algumas informações sobre elas (tais como a autoria, data ou local em que foi feita), há algo que escapa deste contexto mais informativo em que as imagens podem circular em nossa sociedade. Há espaço para a interpretação, uma zona em que o particular e o coletivo se misturam e se alimentam; assim como resquícios do passado, a experiência do presente e as projeções do futuro. Talvez venha daí uma das grandes forças que estas imagens possuem e que atraem as pessoas: estas fotografias, que voltam a circular muito tempo após terem sido feitas, em um contexto diferente, abrem-se para as possibilidades narrativas. A elas, os observadores atrelam suas próprias experiências naqueles locais – no passado ou presente. Junto a tudo isso

A cidade aparece como uma densa rede simbólica em construção e expansão. A cidade, cada cidade, se parece com seus criadores, que são feitos pela cidade. Se disséssemos que somos cidadãos do mundo não estaríamos sendo exatos; melhor seria dizer que somos cidadãos de uma cidade que habita o mundo. O que faz uma cidade diferente da outra não é só a sua capacidade arquitetônica que ficou para trás após o modernismo unificador em avançada crise, mas os símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-las. E os símbolos mudam como mudam as fantasias que uma

coletividade elabora para fazer sua a urbanização de uma cidade (SILVA, 2001, XXVI).

Desta maneira, a experiência dos colaboradores da página **Recife de Antigamente** é um exemplo de como é fértil a relação que as pessoas estabelecem com um espaço urbano. Enquanto compartilham representações fotográficas da capital pernambucana, no meio virtual, elas remetem a experiências vividas no espaço físico. E, ao elaborar coletivamente suas narrativas, com o estímulo desta troca imagética, essas pessoas acabam por construir o retrato simbólico de uma cidade que é também fruto de experiências individuais.

#### 4.1 A EXPERIÊNCIA DA NOSTALGIA NA RELAÇÃO COM AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

É possível elaborar possíveis respostas para a pergunta elaborada por Wilton de Carvalho, “Como amar algo que não se viveu”, partindo da definição de nostalgia oferecida pela pesquisadora russa Svetlana Boym

Nostalgia (de nostos, voltar para casa, e algia, saudade) é um anseio por uma casa que já não existe ou nunca existiu. Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também um romance com a própria fantasia. O amor nostálgico só pode sobreviver em um relacionamento à distância. A imagem cinematográfica de nostalgia é uma dupla exposição, ou uma sobreposição de duas imagens – de casa e do exterior, passado e presente, sonho e vida cotidiana. No momento em que tentamos comprimir isso em uma única imagem, ele quebra o quadro ou queima a superfície<sup>70</sup> (BOYM, 2001, p. 12).

A parte final da afirmação de Svetlana Boym remete a algo que a pesquisadora russa relatava antes de construir essa descrição sobre nostalgia, relacionado a algo que ela afirma ter lido em um jornal de seu país. A história era sobre um casal alemão que visitava pela primeira vez a cidade natal de seus pais, Königsberg, após a abertura das fronteiras soviéticas.

O lugar agora era chamado de Kaliningrad (primeiro indício de mudança do que eles encontrariam no destino de sua viagem em relação aos relatos que eles provavelmente teriam recebido de seus familiares). A dupla alemã caminhou pela cidade e, ao se aproximar do Rio Pregolya, o aroma de feno e dentes-de-leão remeteu às histórias dos pais deles e, então, relatou-

---

<sup>70</sup> No original: “Nostalgia (from nostos return home, and algia longing) is a longing for a home that no longer exists or has never existed. Nostalgia is a sentiment of loss and displacement, but it is also a romance with one's own fantasy. Nostalgic love can only survive in a long-distance relationship. A cinematic image of nostalgia is a double exposure, or a superimposition of two images - of home and abroad, past and present, dream and everyday life. The moment we try to force it into a single image, it breaks the frame or burns the surface”.

se no texto jornalístico evocado por Svetlana Boym, o homem se abaixou para lavar o rosto dele naquelas águas. Mas o alemão sentiu a pele queimar, devido ao lixo e resíduos tóxicos que vinham sendo despejados ali. Algo bem pouco desejado em um encontro idealizado com a terra de onde partiram seus antepassados.

Mesmo sem esse acontecimento específico, que denota o problema de preservação ambiental, a experiência do casal alemão pode ser utilizada para observar a relação das pessoas com as cidades. Apesar de serem o mesmo lugar, do ponto de vista geográfico, a Kaliningrad do casal alemão não era a mesma cidade que a Königsberg dos pais deles. Assim como, em uma situação hipotética, o Recife encontrado por filhos de migrantes não seria o mesmo que o Recife vivido por seus pais. Aliás, a capital pernambucana não seria mesma também para estes últimos, mas, ainda assim, haveria algo partilhado entre esses personagens a partir dos relatos, algo capaz de lhes despertar nostalgia.

A palavra originada a partir de raízes gregas, afirma Svetlana Boym, foi cunhada em 1688 pelo médico suíço Johannes Hofer. A pesquisadora russa afirma que o citado suíço acreditava ser possível “a partir da força do som Nostalgia definir o ânimo triste proveniente do desejo de regressar ao país natal<sup>71</sup>” (BOYM, 2001, p. 23). Isto porque, entre os primeiros que receberam o diagnóstico de nostalgia, estavam pessoas como soldados alemães e suíços em missão fora de seus respectivos países. Considerada por algumas pessoas no século XVII como uma doença, que poderia ser tratada, a nostalgia passou a ser vista como uma condição moderna incurável, como afirma Svetlana Boym: “O século XX começou com uma utopia futurista e terminou com nostalgia. A crença otimista no futuro foi descartada como uma nave espacial ultrapassada em algum momento da década de 1960<sup>72</sup>” (BOYM, 2001, p.13). A pesquisadora russa detalha em seguida

O objeto de fascínio de nostalgia é notoriamente elusivo. O sentimento ambivalente permeia a cultura popular do século XX, no qual avanços tecnológicos e efeitos especiais são frequentemente utilizados para recriar visões do passado, do Titanic afundando a gladiadores morrendo e dinossauros extintos. De alguma maneira, o progresso não curou a nostalgia, mas exacerbou-a. Da maneira similar, a globalização incentivou arranjos locais mais fortes. Em contraponto ao nosso fascínio pelo ciberespaço e a aldeia global virtual, há uma equivalente epidemia mundial de nostalgia, um desejo afetivo pela comunidade com uma memória coletiva, um desejo de continuidade em um mundo fragmentado. A nostalgia inevitavelmente

---

<sup>71</sup> No original: “from the force of the sound Nostalgia to define the sad mood originating from the desire for return to one's native land”.

<sup>72</sup> No original: “The twentieth century began with a futuristic utopia and ended with nostalgia. Optimistic belief in the future was discarded like an outmoded spaceship sometime in the 1960s”.

reaparece como um mecanismo de defesa em um momento de ritmos acelerados de vida e levantes históricos<sup>73</sup> (BOYM, 2001, p. 13).

Pinçando da citação anterior elementos como o progresso, a experiência da globalização, o ritmo acelerado de vida e os levantes históricos, é possível estabelecer uma relação no mundo contemporâneo da nostalgia com a experiência da passagem do tempo, não somente com a sensação de saudade de um lugar que se deixou para trás. Antes de nos determos no século XXI, daremos alguns passos em direção ao passado, para rememorar as transformações dos últimos séculos

A ideia de progresso através da revolução ou desenvolvimento industrial tornou-se central para a cultura do século XIX. Do século XVII ao XIX, a própria representação do tempo mudou; ela afastou-se de uma figura humana alegórica – um homem idoso, um jovem cego segurando uma ampulheta, uma mulher com os seios à mostra, representando o destino, para a impessoal linguagem dos números: horários de trem, o ponto de partida do progresso industrial. O tempo já não era areia movediça, o tempo era dinheiro. A era moderna ainda permitiu várias concepções de tempo e fez a experiência de tempo mais individual e criativa.

Kant pensou que o espaço era a forma de nossa experiência exterior, e o tempo, a forma da experiência interior. Para entender a dimensão antropológica humana da nova temporalidade e as formas de internalizar o passado e o futuro, Reinhart Koselleck sugeriu duas categorias: o espaço da experiência e o horizonte de expectativa; ambas são pessoais e interpessoais. O espaço de experiência permite ao indivíduo ter em conta a assimilação do passado no presente. “A experiência é passado presente, cujos eventos foram incorporados e podem ser lembrados”. O horizonte de expectativa revela a maneira de pensar sobre o futuro. Expectativa “é o futuro feito presente; ele dirige-se para o não ainda, o não experienciado, ao que está para ser revelado. No início da era moderna, novas possibilidades de “self-fashioning” individuais e a busca pela liberdade pessoal abriram espaço para a experimentação criativa com o tempo que nem sempre foi linear e unidirecional. A ideia do progresso, uma vez que saiu do campo das artes e ciências para a ideologia do capitalismo industrial, tornou-se a nova teologia do tempo “objetivo”. Progresso “é o primeiro conceito genuinamente histórico que reduziu a diferença temporal entre experiência e expectativa em um único conceito”. O que importava na ideia de progresso era a melhoria do futuro, não uma reflexão sobre o passado. Imediatamente, muitos escritores e pensadores naquele momento levantaram a questão sobre se o progresso nunca pode ser simultâneo em todas as esferas da experiência humana. Friedrich Schlegel escreveu: “O verdadeiro problema da história é a desigualdade do

---

<sup>73</sup> No original: “The alluring object of nostalgia is notoriously elusive. The ambivalent sentiment permeates twentieth century popular culture, where technological advances and special effects are frequently used to recreate visions of the past, from the sinking Titanic to dying gladiators and extinct dinosaurs. Somehow progress didn't cure nostalgia but exacerbated it. Similarly, globalization encouraged stronger local attachments. In counterpoint to our fascination with cyberspace and the virtual global village, there is a no less global epidemic of nostalgia, an affective yearning for a community with a collective memory, a longing for continuity in a fragmented world. Nostalgia inevitably reappears as a defense mechanism in a time of accelerated rhythms of life and historical upheavals”.

progresso nos vários elementos do desenvolvimento humano, em particular a grande divergência no grau de desenvolvimento intelectual e ético<sup>74</sup> (BOYM, 2001, p. 30).

Em um século XXI ainda muito pautado pela ideia de progresso, que espaço sobra para nostalgia? Quando essa ideia, a de progresso, é evocada para justificar diversas modificações no plano das cidades, o que resta como uma possibilidade de conexão das pessoas com o passado de um lugar, através de algo partilhado entre gerações? Um mundo no qual a presença cada vez maior do virtual na vida das pessoas borra as definições de espaço e tempo, muitas vezes transformando este último em um “bem” tão cobiçado quanto escasso, mas também produz efeitos positivos, como a possibilidade de que pessoas que estão fisicamente distantes uma das outras possam se conectar e compartilhar experiências. E mais, em um século XXI ainda muito pautado pela ideia de progresso, quais significados adquire a palavra nostalgia?

Seria então o caso de se considerar a nostalgia não como uma exceção ao comportamento vigente no mundo contemporâneo, comumente associado ao efêmero e à velocidade, mas como uma parte da experiência de viver neste mundo. Conectar-se com uma visão do passado poderia ser um “mecanismo de defesa em um momento de ritmos acelerados de vida e levantes históricos”, como define Svetlana Boym, ou configurar uma pausa para que os indivíduos reflitam e, com isso, tenham uma oportunidade para reordenar suas vivências e pensamentos, em uma prática que os conecta à sua “essência” e aos outros de sua espécie.

---

<sup>74</sup> No original: "The idea of progress through revolution or industrial development became central to the nineteenth century culture. From the seventeenth to the nineteenth century, the representation of time itself changed; it moved away from allegorical human figures—an old man, a blind youth holding an hourglass, a woman with bared breasts representing Fate to the impersonal language of numbers: railroad schedules, the bottom line of industrial progress. Time was no longer shifting sand; time was money. Yet the modern era also allowed for multiple conceptions of time and made the experience of time more individual and creative.

Kant thought that space was the form of our outer experience, and time the form of inner experience. To understand the human anthropological dimension of the new temporality and the ways of internalizing past and future, Reinhart Koselleck suggested two categories: space of experience and horizon of expectation; both are personal and interpersonal. The space of experience allows one to account for the assimilation of the past into the present. "Experience is present past, whose events have been incorporated and could be remembered". Horizon of expectation reveals the way of thinking about the future. Expectation "is the future made present; it directs itself to the not-yet to the non-experienced, to that which is to be revealed". In the early modern era new possibilities of individual self-fashioning and the quest for personal freedom opened a space for creative experimentation with time that was not always linear and one directional. The idea of progress, once it moved from the realm of arts and sciences to the ideology of industrial capitalism, became a new theology of "objective" time. Progress "is the first genuinely historical concept which reduced the temporal difference between experience and expectation to a single concept". What mattered in the idea of progress was improvement in the future, not reflection on the past. Immediately, many writers and thinkers at the time raised the question of whether progress can ever be simultaneous in all spheres of human experience. Friedrich Schlegel wrote: "The real problem of history is the inequality of progress in the various elements of human development, in particular the great divergence in the degree of intellectual and ethical development."

No caso específico da **Recife de Antigamente**, se estabelece uma comunidade, que faz uma pausa no acelerado ritmo cotidiano para de alguma maneira se relacionar com aquelas imagens e com o passado da cidade. O fato de que, mesmo nos que se encontram na cidade, há uma experiência nostálgica, ressalta a importância de se considerar a relação da nostalgia com a concepção do tempo e não apenas com deslocamentos espaciais

Em minha opinião, a propagação de nostalgia não tinha a ver apenas com o deslocamento no espaço, mas também com a mudança na concepção de tempo. Nostalgia foi uma emoção histórica, e nós faríamos bem em buscar a sua gênese histórica e não a psicológica. Houve muita saudade antes do século XVII, não apenas na tradição europeia, mas também na poesia chinesa e árabe, nas quais a saudade é um lugar-comum poético. No entanto, a concepção moderna inicial consubstanciada na palavra específica veio à tona em um momento histórico particular. "A emoção não é uma palavra, mas só pode ser propagada através de palavras", escreveu Jean Starobinski, usando a metáfora da passagem nas fronteiras e da imigração para descrever um discurso sobre a nostalgia<sup>75</sup> (BOYM, 2001, p.27).

E o grupo formado em torno da página **Recife de Antigamente** experimenta a nostalgia em meio à dinâmica das redes sociais, muitas vezes associada à efemeridade, ainda mais no que tange à apreciação de fotografias. Entre as diversas publicações que aparecem constantemente com o passar da barra de rolagem, uma ou mais capturam a atenção dos usuários do Facebook que acompanham a página de maneira mais efetiva (curtindo-a) ou que tem contato com ela ocasionalmente, a partir do que compartilham seus amigos. Svetlana Boym lembra que, tanto a tecnologia quanto a nostalgia estão relacionadas à mediação:

Como uma doença de deslocamento, a nostalgia estava ligada a passagens, trânsitos e meios de comunicação. Nostalgia, como a memória, depende dispositivos mnemônicos. Desde a invenção da escrita no Egito antigo, estes auxiliares de memória têm sido vistos com ambivalência, como ferramentas de esquecimento bem de lembrança. No século XIX, muitos acreditavam que as ferrovias cuidariam de deslocamento e que a velocidade do transporte acomodaria viagens de e para casa. Alguns pensavam que a metrópole moderna forneceria emoção e estímulos suficientes para reprimir o anseio das pessoas pela vida rústica. Isso não acontecerá.

---

<sup>75</sup> No original: "In my view, the spread of nostalgia had to do not only with dislocation in space but also with the changing conception of time. Nostalgia was a historical emotion, and we would do well to pursue its historical rather than psychological genesis. There had been plenty of longing before the seventeenth century, not only in the European tradition but also in Chinese and Arabic poetry, where longing is a poetic commonplace. Yet the early modern conception embodied in the specific word came to the fore at a particular historical moment. 'Emotion is not a word, but it can only be spread abroad through words., writes Jean Starobinski, using the metaphor of border crossing and immigration to describe the discourse on nostalgia."

Em vez disso, nostalgia acompanhava cada nova etapa de modernização, tomando diferentes gêneros e formas, brincando com os calendários. À primeira vista, a organização hipertextual elimina a própria premissa de nostalgia – aquela da irreversibilidade do tempo e da incapacidade de revisitar outros tempos e lugares. Aqui é apenas uma questão de acesso. Tempo no ciberespaço é concebido em termos de velocidade: velocidade de acesso e velocidade da inovação tecnológica. Simplesmente não há tempo para experiências temporais de perda da recordação e de refletir sobre a memória<sup>76</sup> (BOYM, 2001, p. 148).

Para Svetlana Boym, a nostalgia em si mesma tem uma dimensão utópica, às vezes ela nem se dirige ao passado, mas para uma direção lateral. “A sensação nostálgica sente-se sufocada dentro dos limites convencionais de espaço e tempo<sup>77</sup>” (BOYM, 2001, p. 13), ressalta a pesquisadora russa.

Sendo assim, é compreensível o fato de que o fundador da página **Recife de Antigamente** e os colaboradores da mesma, ou ainda de outras páginas com proposta semelhante, relatem o fato de sentirem uma certa nostalgia ao observar estas imagens antigas, mesmo nos casos daquelas que foram feitas em uma época na qual eles não viveram. “Uma foto é tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência. Como o fogo da lareira num quarto, as fotos – sobretudo as de pessoas, de paisagens distantes e de cidades remotas, do passado desaparecido – são estímulos para o sonho” (SONTAG, 2011, p. 26). Em uma época na qual tantas comunidades ao redor do planeta compartilham o fato de contarem com uma grande presença das imagens fotográficas, essa relação entre imagem, tempo e nostalgia é bastante significativa.

A época atual é de nostalgia, e os fotógrafos fomentam, ativamente, a nostalgia. A fotografia é uma arte elegíaca, uma arte crepuscular. A maioria dos temas fotografados tem, justamente em virtude de serem fotografados, um toque de páthos. Um tema feio ou grotesco pode ser comovente porque foi honrado pela atenção do fotógrafo. Um tema belo pode ser objeto de sentimentos pesarosos porque envelheceu ou decaiu ou não existe mais. Todas as fotos são

---

<sup>76</sup> No original: “Yet fundamentally, both technology and nostalgia are about mediation. As a disease of displacement, nostalgia was connected to passages, transits and means of communication. Nostalgia like memory depends on mnemonic devices. Since the invention of writing in ancient Egypt, these memory aids have been viewed with ambivalence as tools of forgetting as well as remembering. In the nineteenth century, many believed that railroads would take care of displacement and that the speed of transportation would accommodate trips to and from home. Some thought that the modern metropolis would provide enough excitement and stimuli to quell people's longings for the rustic life. Yet this did not come to pass.

Instead, nostalgia accompanied each new stage of modernization, taking on different genres and forms, playing tricks with the timetables. At first glance, hypertextual organization eliminates the very premise of nostalgia—that of the irreversibility of time and of the inability to revisit other times and places. Here it is merely a matter of access. Time in cyberspace is conceived in terms of speed: speed of access and speed of technological innovation. There is simply no time for temporal experiments of remembering loss and reflecting on memory”.

<sup>77</sup> No original: “The nostalgic feels stifled within the conventional confines of time and space”.

memento mori. Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo (SONTAG, 2011, p. 25-26).

Considerando também as afirmações da pesquisadora norte-americana Susan Sontag, não parece que a sensação de nostalgia presente na experiência observada na página **Recife de Antigamente** seja apenas fruto de algo motivado pelo fato de que tais reproduções fotográficas remetem à cidade na qual estas pessoas nasceram ou moram. Os afetos são estabelecidos por algo menos palpável que construções, algo que resulta também da soma de experiências e dos relatos que se somam e as perpetuam entre gerações.

Partindo dessa premissa, é possível elaborar diversas abordagens para refletir sobre como o Recife do passado reverbera em sua versão contemporânea. Isso pode ser exemplificado por algumas ideias, recorrentes nos discursos das pessoas em conversas corriqueiras ou mesmo aproveitadas em propagandas feitas pelo poder público, como as do Recife como sendo a capital de um estado com um passado revolucionário e a do pernambucano como um povo combativo e crítico, com uma herança cultural refletida em uma variedade de expressões artísticas, etc. Falando em cultura, pode ser citada também a ideia das tradições a serem preservadas, representantes do que somos, a exemplo de festas populares como o Carnaval. Há também momentos históricos que acabam se refletindo de alguma maneira na cidade contemporânea, como ocorre com o período de domínio holandês – para alguns, algo que poderia ter representando um maior desenvolvimento para Pernambuco, ainda que neste caso a região em questão continuasse sendo uma colônia da mesma maneira. A cidade, de certa forma, também pode ser lida pelo que se acredita que ela “poderia ter sido”.

Nesta seara algo tão pontual quanto a passagem de uma aeronave também pode deixar marcas profundas em um lugar. O dirigível Graf Zeppelin chegou ao Recife no dia 22 de maio de 1930, uma quinta-feira, às 19h35. Devido a ventos contrários, fora alterado o plano inicial, que era o de fazer um trajeto direto da cidade de Sevilla (Espanha) ao Rio de Janeiro, e o dirigível alemão foi atracado na torre do Campo do Jiquiá, localizada no centro de um conjunto de bairros (Mustardinha, Jardim São Paulo, Estância, Areias, San Martin, Mangueira, Jiquiá e a Comunidade do Seu Zé Pelim). Uma mudança que mudou o cotidiano da cidade naquela época e, até hoje, faz parte do imaginário das pessoas que vivem na cidade. Segundo o artista plástico, escultor e restaurador Jobson Figueiredo, o evento “foi uma festa”

Os preparativos para a chegada do Zeppelin já tinham começado há muito tempo. O prefeito do Recife, Francisco da Costa Maia, decretou feriado

municipal. O governador de Pernambuco na época, Estácio Coimbra, tinha sancionado um preventivo e detalhado decreto normatizando e ensinado aos recifenses como deveriam se comportar no dia da chegada do grande navio aéreo; esse decreto chegava ao detalhamento do controle do tráfego de veículos e pedestres na cidade (FIGUEIREDO, 2015<sup>78</sup>).

Jobson Figueiredo trabalhou na restauração da torre de atracação e dos paióis para munição erguidos na região. O processo foi concluído em 2013. A relação do restaurador com o Graf Zeppelin não foi pontual. Ao longo de alguns anos, ele desenvolveu uma pesquisa que incluiu viagens, inclusive à Alemanha, para reunir e catalogar materiais sobre o dirigível, como documentos, objetos, cartas e fotografias da história do Zeppelin. E, em sua descrição sobre aquele dia 22 de maio, cita mais elementos que, após vários anos, ajudam a dimensionar o impacto da chegada do Graf Zeppelin no cotidiano de uma cidade como o Recife de 1930. O restaurador afirma que as sirenes dos navios ancorados no Porto do Recife foram acionadas, o carrilhão do edifício onde funcionava o jornal Diário de Pernambuco e os sinos das igrejas da cidade foram tocados, bondes e trens lotaram, a empresa Great Western disponibilizou trens extras para a população (FIGUEIREDO, 2015).

Era muita gente. O Estado tinha dado o campo, colocado água, luz elétrica e 200 soldados (bombeiros) à disposição. Além da torre de atracação, foi construído um pavilhão de 315 m<sup>2</sup>, onde ficavam a sala de embarque, lojas de venda de selos e charutos e um pequeno bar e refeitório. O gás que abastecia o Zeppelin, o hidrogênio, era fabricado ali mesmo, e seus resíduos eram descarregados em uma lagoa conhecida como Lagoa da Morte (FIGUEIREDO, 2015).

A chegada do dirigível alemão, como é de se imaginar, foi noticiada nos jornais locais, e também inspirou representações poéticas, como os versos escritos pelo pernambucano Ascenso Ferreira para o poema intitulado Graf Zepelin (VAINSENER, 2016).

W Z! K D K A! U Z Q P!  
 Alô, Zeppelin! Alô, Zeppelin! Alô, Zeppelin!  
 Usted me puede dar nuevas del Zeppelin?  
 Dove il Zeppelin?  
 Where is the Zeppelin?  
 Passou agorinha em Fernando de Noronha.  
 Ia fumaçando!  
 Chegou em Natal!  
 (Augusto Severo, acorda de teu sono, bichão!)  
 Alô, Zeppelin! Alô, Zeppelin!  
 Rádio, rádio, rádio!

---

<sup>78</sup> No livro em que o texto foi publicado não há paginação.

W Z - Q P Q P – G Q A A ... = Jiquiá!  
 Apontou!  
 Parece uma baleia se movendo no mar.  
 Parece um navio avoando nos ares.  
 Credo, isso é invento do cão!  
 Ó coisa bonita danada!  
 Viva seu Zé Pelim!  
 Vivôôôô!  
 Deutschland über alles!  
 Atracou!

Os versos de Ascenso Ferreira, poeta nascido em Palmares, também dão uma dimensão do fascínio que o Graf Zeppelin deve ter provocado em sua passagem pelo Recife (“Credo, isso é invento do cão! / Ó coisa bonita danada! / Viva seu Zé Pelim!”). Por outro lado, também havia a cidade a ser encontrada pelos tripulantes e passageiros do dirigível alemão. O historiador Dirceu Marroquim descreve a capital pernambucana da época

Eram dois recifes, um cidadão com grandes prédios, pontes e tudo que denunciava o seu “progresso material”; o outro, a cidade dos alagadiços, dos casebres cobertos de palha e zinco. Produziam a impressão de serem dois espaços distintos, duas cidades que mostrariam nas águas do rio o reflexo de sua dualidade também social. No ano de 1936, o escritor Otávio Tavares informou que, das 52.659 edificações existentes na cidade, 23.210 eram compostas por casebres, os mocambos<sup>79</sup>. Ou seja, 44,07% das habitações do Recife, em meados da década de 1930, eram compostas por mocambos (FIGUEIREDO, 2015).

Tal dualidade, como lembra Dirceu Marroquim, se refletiu de alguma maneira nos registros da viagem feito por Mr. Bauer<sup>80</sup>, como é identificado um dos passageiros do Graf Zeppelin. “A narrativa produzida por Mr. Bauer mostra uma cidade que produz a sua diferença nas suas áreas pobres” (FIGUEIREDO, 2015), afirma o historiador, citando que em seu diário o alemão não menciona construções como o Palácio da Justiça ou o Teatro de Santa Isabel, mas elementos como casas em situação precária e crianças correndo descalças da lama.

Décadas após a passagem do dirigível alemão, informações precisas sobre o dia em que ele chegou ao Recife podem não ser do conhecimento de muitos cidadãos, mas esse acontecimento ainda está presente de alguma maneira (assim como os contrastes da cidade e o fato de que pessoas ainda vivem em condições muito precárias).

<sup>79</sup> O autor se refere ao livro *Do Amazonas à Guanabara* (Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1936).

<sup>80</sup> Carl Bauer escreveu o livro *With Zeppelin to South America: diary of the round trip – 1931*, lançado pela Frost Publishing.

Como se pode observar, mesmo com o tombamento de uma área ou construção, a relevância que um momento específico ganha para uma cidade pode ser expressa de outras maneiras, que não precisam ser exclusivamente um monumento, uma placa. A demarcação de sua importância pode reverberar nas obras de arte ou nas conversas cotidianas. Em diferentes sociedades, e em épocas distintas, a importância dos monumentos e sua própria configuração podem mudar completamente, como cita Svetlana Boym

Espaços de memória na cidade precisam ser vistos no processo de uma contínua transformação. Um monumento não é necessariamente algo em pedra e fixo. Monumentos estão em metamorfose: o primeiro monumento nostálgico descrito na Bíblia é a mulher de Ló, que se tornou uma pilha de sal quando deu um derradeiro olhar para a cidade que abandonava, desobedecendo aos deuses. Na Rússia, monumentos vagueiam pelas cidades no escuro, perdem seus sapatos, dedos, chapéus e cabeças. Em contraste, em países estáveis esquecidos de seus passados, monumentos permanecem invisíveis a menos que sirvam para locais de encontro ou para bloquear a vista da janela de alguém. Tal luxo não funciona em cidades da Europa Oriental, onde os monumentos, uma vez que são mensageiros do poder, podem servir de bodes expiatórios para a raiva popular. Às vezes a discussão sobre um espaço renovado e o “work in progress” tem mais ressonância cultural do que o monumento erguido que possa colocar fim ao debate<sup>81</sup> (BOYM, 2001, 120-121).

Fotografias do dirigível alemão ainda podem ser vistas nas paredes de alguns lugares da cidade. E, como indício da perpetuação desse momento no imaginário dos habitantes da cidade, está o modo como a publicação de fotografias do Graf Zeppelin repercute entre os colaboradores da página **Recife de Antigamente**, tal como visto no Quadro dedicado a ele.

Outra destas imagens (Figura 78), publicada no dia 8 de outubro de 2016, já havia recebido 1.200 curtidas e sido compartilhada 536 vezes no dia 12 de outubro de 2016. Trata-se de um recorte de uma matéria jornalística, que o criador da **Recife de Antigamente** identifica como tendo sido publicada na edição do dia 7 de junho de 1930 de O Malho.

Na legenda que acompanha a fotografia é possível ler: “A aeronave do Dr. Echener evoluindo sobre a Veneza brasileira, antes de partir para os Estados Unidos”. O dirigível alemão

---

<sup>81</sup> No original: “Memorial places in the city have to be seen in the process of continuous transformation. A monument is not necessarily something petrified and stable. Monuments are in metamorphosis: the first nostalgic monument described in the Bible is Lot's wife, who turned into a pillar of salt as she cast a final gaze on her abandoned city, disobeying the gods. In Russia monuments wander around cities in the dark, lose their shoes, fingers, hats and heads. In contrast, in stable countries forgetful of their past, monuments become invisible unless they serve as places for a rendezvous, or block the view from one's window. Such luxury does not work in the cities of Eastern Europe, where monuments, once messengers of power, become scapegoats for popular anger. Sometimes the discussion about the renovated site and the work in progress has more cultural resonance than the built monument that can put an end to the debate”.

aparece na faixa que corresponde ao  $\frac{1}{3}$  superior da viagem, nos  $\frac{2}{3}$  restantes, é possível identificar algumas construções que ainda estão de pé no Recife, além de algumas pontes, e o Rio Capibaribe também ganha certo destaque na composição.

A fotografia recebeu diversos tipos de comentários, desde um homem que compartilhou um desenho do dirigível a relatos mais de ordem pessoal, como a mulher que afirma que o pai dela presenciou a chegada do Zeppelin (Figuras 78 e 79).

Figura 78 – Uma das publicações feitas na página **Recife de Antigamente** com uma fotografia do Graf Zeppelin, acompanhada por alguns comentários



Figura 79 – Mais exemplos de comentários feitos pelos colaboradores na mesma publicação

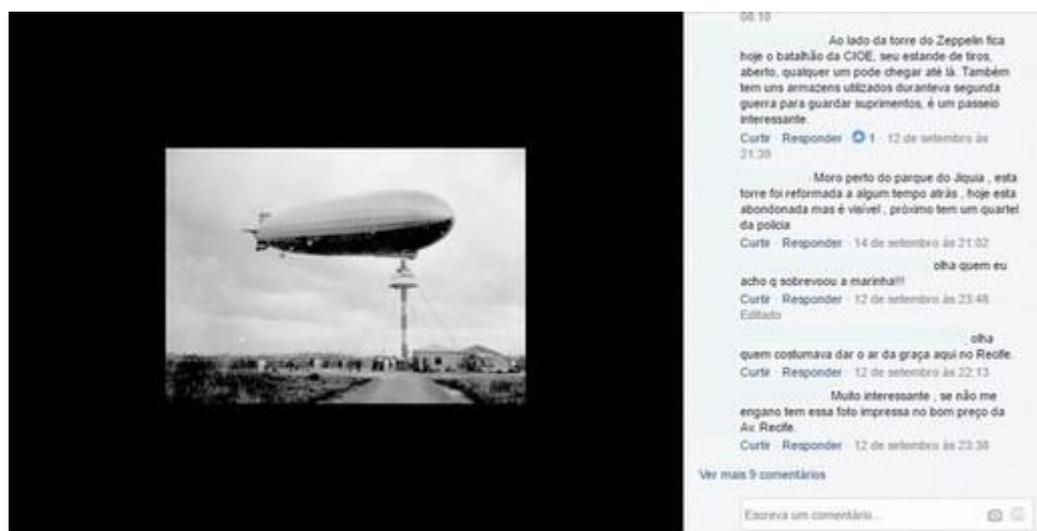


Outra dessas fotografias, publicada no dia 12 de setembro de 2016 (Figura 80), teve uma repercussão um pouco menor, mas também expressiva. No dia 12 de outubro de 2016, ela já havia sido compartilhada 297 vezes e recebido 733 curtidas, além de 15 comentários (Figura 81). Estes também foram feitos com abordagens diversas a partir das mesmas fotografias.

Figura 80 – Outra das publicações feitas na página **Recife de Antigamente** com uma fotografia do Graf Zeppelin, acompanhada por alguns comentários



Figura 81 – Mais exemplos de comentários feitos pelos colaboradores na publicação



No conjunto de imagens sobre esse assunto, alguns colaboradores afirmaram ter parentes que testemunharam aquele acontecimento. Outros escreveram algo sobre a beleza da cidade na época. E, além desses assuntos, diversas pessoas fizeram críticas aos políticos ou estabeleceram comparativos entre o que elas relacionam ao Recife do passado com a situação

contemporânea da capital – muitas vezes relatando um estado de abandono, falta de cuidado e degradação.

Interessante notar como, por vezes, o Recife do passado é visto como uma cidade mais bonita, mais limpa, mais arborizada e tranquila em relação ao que a cidade se transformou com o passar do tempo. Considerando o que aconteceu com algumas das localidades mostradas nas fotografias, realmente essa comparação faz sentido, nota-se que as regiões foram bastante modificadas. Mas, basta lembrar de relatos como o feito pelo já citado Mr. Bauer em sua passagem pelo Recife para lembrar que a outra cidade, das pessoas vivendo em condições precárias e das construções e paisagens não tão belas e bem cuidadas, já existia naquele tempo. Há que se considerar que este lado das cidades nem sempre é fotografado e publicizado, então talvez as pessoas que comentam na página **Recife de Antigamente**, algumas delas muito jovens, não tenham acesso a este tipo de informação e fiquem mais propensas a reagir àquele fragmento de representação da capital pernambucana. A própria fotografia já é um recorte, como nos lembra Susan Sontag

Um novo significado da ideia de informação construiu-se em torno da imagem fotográfica. A foto é uma fina fatia de espaço bem como de tempo. Num mundo regido por imagens fotográficas, todas as margens (“enquadramento”) parecem arbitrarias. Tudo pode ser separado, pode ser desconexo, de qualquer coisa: basta enquadrar o tema de um modo diverso. (Inversamente, tudo pode ser adjacente a qualquer coisa.) A fotografia reforça uma visão nominalista da realidade social como constituída de unidades pequenas, em número aparentemente infinito – assim como o número de fotos que podem ser tiradas de qualquer coisa é ilimitado. Por meio de fotos, o mundo se torna uma série de partículas independentes, avulsas; e a história, passada e presente, se torna um conjunto de anedotas e de fait divers. A câmera torna a realidade atômica, manipulável e opaca. É uma visão do mundo que nega a inter-relação, a continuidade, mas confere a cada momento o caráter de mistério. Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio. A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: “Aí está a superfície. Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto”. Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia (SONTAG, 2004, p. 33).

Sendo cada fotografia uma portadora de diversos significados, é interessante notar como o modo com o qual nos relacionamos com os espaços urbanos também está, em certa dimensão, relacionado aos recortes de representação com os quais temos contato para combinar com nossas próprias experiências e projetar um futuro. E isso não determina que a conexão dessas pessoas com o Recife seja menos real.

Nostalgia e progresso são como Jekyll e Hyde: alter egos. Nostalgia não é apenas uma expressão da saudade de um local, mas resultado de uma nova compreensão do tempo e do espaço que fez possível a divisão entre “local” e “universal”. Nostalgia não é sempre sobre o passado; ela pode retrospectiva, mas também em perspectiva. Fantasias do passado determinadas por

necessidades do presente têm um impacto direto sobre as realidades do futuro. Reflexão sobre o futuro nos faz assumir a responsabilidade por nossos contos nostálgicos. Ao contrário da melancolia, que se limita aos planos de consciência individual, nostalgia é sobre a relação entre biografia individual e a biografia de grupos ou nações, entre memória pessoal e coletiva<sup>82</sup> (BOYM, 2011, p.15).

Considerando o que Svetlana afirma sobre a nostalgia poder ser retrospectiva e também perspectiva, o Recife evocado ou desejado pelas pessoas que publicam imagens ou escrevem algo na página **Recife de Antigamente** é também parte do que configura uma cidade (que é uma expressão “da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca”, como descreve Lúcio Costa na afirmação citada no início deste capítulo). Tanto é assim, que as pessoas conseguem conectar esse Recife imaginado com o que experimentam em suas vivências atuais e o que elas projetam para o futuro. As representações construídas na página podem remeter a outro tempo, indicar o que se aspira para uma vida melhor.

---

<sup>82</sup> No original: “Nostalgia and progress are like Jekyll and Hyde: alter egos. Nostalgia is not merely an expression of local longing, but a result of a new understanding of time and space that made the division into 'local' and 'universal' possible. Nostalgia is not always about the past; it can be retrospective but also prospective. Fantasies of the past determined by needs of the present have a direct impact on realities of the future. Consideration of the future makes us take responsibility for our nostalgic tales. The future of nostalgic longing and progressive thinking is at the center of this inquiry. Unlike melancholia, which confines itself to the planes of individual consciousness, nostalgia is about the relationship between individual biography and the biography of groups or nations, between personal and collective memory”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fotografias e elementos iconográficos publicados na página **Recife de Antigamente** são aglutinadores de experiências pessoais porque, nas variadas imagens, se enxergam vivências cotidianas com as quais conferimos aos espaços a ideia de lugar e, enquanto indivíduos, construímos a sensação de fazer parte de um grupo. Expressar-se sobre tais vivências, a partir de experiências particulares, é uma força de coesão social. O crescimento do número de participantes do grupo é um indício desta potência.

Se, na criação dos álbuns de família e nas caixas de sapato com recordações, a fotografia e outros objetos guardados podem ser vistos por outra perspectiva com o passar do tempo e por diferentes pessoas, porque não seria feito nas redes sociais? Por seus elementos constituintes, a página **Recife de Antigamente** se assemelha mais a uma caixa de recordações do que a um álbum tradicional, ainda que neste, muitas vezes, sejam colocadas informações em legendas ou guardados recortes de jornal, por exemplo.

A preferência pela caixa de recordações se dá pelo fato de que a mistura de elementos iconográficos de origens diversas é uma característica que considero primordial nesta experiência de compartilhamento de imagens no espaço virtual. Temos reproduções de fotografias antigas, de cartões-postais, recortes de publicações, imagens extraídas do Google Street View e imagens de objetos como partes de um conjunto que, apesar da linha do tempo superada pela constituição do Facebook, não tem uma leitura linear.

As publicações podem se tornar acessíveis para as pessoas por uma ordem aleatória, através dos compartilhamentos de outros usuários, e do que o algoritmo deste site de rede social “entende” como interessante para cada um. É como se pudéssemos tirar um objeto da tal caixa de recordações e devolvê-lo acrescentando um registro de sua apreciação, que pode ser uma simples curtida até algo mais elaborado, como agregar um comentário ou uma imagem ao item.

Prova da força dessa relação intermediada pela imagem é a publicação que recebeu mais curtidas no período de análise estabelecido para a escrita dessa dissertação, que foi a referente à sacola de papel que era utilizada no mercado Bompreço. A imagem de um utensílio cotidiano despertou o afeto dos colaboradores da página **Recife de Antigamente** de uma maneira marcante, e mais: foi uma isca para que as pessoas recordassem de outros usos daquele objeto.

Tanto que, em muitos dos comentários feitos pelos colaboradores, falava-se sobre algo que extrapolava a associação imediata do objeto ao acondicionamento de produtos pelos clientes do estabelecimento. Com os comentários feitos pelos colaboradores nesta publicação ficou registrado o hábito de utilizar o papel da sacola para encapar cadernos e livros.

O fato de que a publicação mais curtida durante o período de realização da pesquisa tenha sido referente a um objeto, e não a uma paisagem, como se poderia supor pelo nome da página, contribui para responder à questão expressa num dos objetivos específicos dessa dissertação: Investigar como esta produção de conhecimento, feita de maneira coletiva, contribui para a criação de representações sobre a cidade.

A associação mais imediata é que objetos de uso cotidiano como a referida sacola, fichas telefônicas e passes de transporte público estão entre os fragmentos que compõem o quebra-cabeças que é uma cidade, assim como uma edificação ou um espaço aberto de lazer, por exemplo. Objetos podem ser tão simbólicos no cotidiano de uma cidade que seria possível, a partir deles, contar a história dela.

Por essa relevância, os objetos cotidianos compõem um quadro específico entre os construídos ao longo da busca por possíveis recortes de ordem cronológica, temática ou espacial no conjunto de elementos iconográficos. É importante lembrar que, durante a realização da pesquisa, foi adotado como critério a separação das publicações com 1 mil curtidas ou mais, o que resultou em 166 publicações a serem estudadas.

Com elas foram compostos 16 quadros temáticos, divididos em dois grupos. No primeiro deles, reuniu-se os quadros que considere mais marcadamente ligados ao aspecto físico da cidade, com imagens de regiões do Recife, de pontes, de ruas e de algumas de suas construções, por exemplo. No segundo grupo, há imagens mais ligadas às experiências vividas nos espaços, tais como atividades de lazer e cotidianas.

Mesmo com esta organização metodológica, elaborada para adequar a pesquisa ao tempo disponível para conclusão do trabalho, é importante ressaltar que o plano físico e o plano das experiências não foram vistos como coisas separadas. Algumas imagens, inclusive, podem ser interpretadas como intersecções entre os quadros propostos.

Quanto à questão da identificação de possíveis recortes de ordem cronológica, destaca-se que algumas imagens não foram publicadas com a data correspondente. É válido lembrar que a coleção do criador da página **Recife de Antigamente**, Wilton Carvalho Filho, e dos colaboradores dele, depende de outras e que, em determinadas épocas, certas regiões da cidade eram menos habitadas que hoje. Certos territórios, portanto, não foram tão documentados quanto outros.

Além da imagem mais popular, a da sacola de papel do mercado Bompreço, as que receberam mais curtidas nos outros quadros temáticos também revelam elementos interessantes para a pesquisa. Locais conhecidos e bastante frequentados, como a praia de Boa Viagem e o centro do Recife, apareceram com frequência, mas nem sempre da maneira mais óbvia. A

imagem mais curtida do tema Praia (Quadro 1) foca na experiência das pessoas, um grupo que caminha pela orla, um homem que trabalha, entre outros personagens deste cenário. Já entre as imagens de edificações (Quadro 2), a que mais mobilizou os colaboradores da página foi a de um mercado, o Balaio, e não a de construções consideradas patrimônios históricos, ainda que imóveis deste tipo sejam recorrentes e exaltados na página.

Costumes como o de ir aos quase extintos cinemas de rua foram representados, assim como a ida ao aeroporto para observar pousos e decolagens, algo considerado um passeio por muitas pessoas. Uma festa marcante como o Carnaval teve apenas duas representantes entre as 166 imagens mais populares, mesmo número obtido por uma das principais celebrações religiosas do Recife, a Festa de Nossa Senhora da Conceição.

Os rios foram representados como parte da configuração da cidade em sua beleza e também no perigo representado pelas cheias. Os antigos bondes se fizeram presentes, mas os ônibus elétricos, que já saíram de circulação, se destacaram mais.

A decisão de considerar os comentários deixados nas publicações mostrou-se bastante útil para a busca das respostas às perguntas feitas inicialmente. Os colaboradores da **Recife de Antigamente** acrescentaram várias camadas de significado às imagens, deixando informações para ajudar a identificar o que era mostrado nas mesmas ou compartilhando experiências e sensações particulares. Assim, estes espectadores emancipados colocam-se como parte da comunidade com a qual eles compartilham espaços transformados em lugar.

Entre os objetivos específicos da pesquisa também estavam “Observar o imaginário sobre a cidade criado de maneira coletiva por grupos de pessoas que compartilham antigas fotografias do Recife, bem como informações sobre elas em redes sociais”, e “Verificar como, a partir da recontextualização do que veem nas fotografias antigas, expressadas em comentários sobre imagens, os participantes da experiência estabelecem conexões com o que vivenciam atualmente na cidade”.

Diante de um farto material, a observação do imaginário sobre a cidade poderia desdobrar-se em vários estudos. A recontextualização do que as pessoas viam nas fotografias antigas mostrou-se uma constante, algo que exemplifica a potência agregadora das imagens. Considerando o espaço físico, delineia-se um mapa. Acrescentando as memórias, expressas nos relatos, se constrói um mapa potencializado pelo que é vivido, desejado, projetado, guardado no inconsciente.

Ao observar a dinâmica dos colaboradores da página **Recife de Antigamente** notei que a questão não era a de olhar para o passado como algo estanque ou identificar-se com uma representação específica da cidade. E sim, a de incluir-se no grupo e colocar-se no fluxo do

tempo. Trocamos o “isso foi” popularmente associado à imagem fotográfica e à memória por um “isso continua sendo” para falar sobre o acervo da página **Recife de Antigamente**, também alimentado pelas narrativas que relembram, observam, interpretam e projetam a cidade como espaço em transformação.

A fotografia nasce mais de uma vez ao longo de sua existência, ou seja, ela se refaz a cada vez em que um espectador repousa seus olhos, e suas vivências, sobre ela. É o suporte para a criação da imagem com luz e, posteriormente, para que o espectador plasme suas percepções. Sendo assim, a fotografia é um pouco espelho, considerando que o que somos interfere na imagem que enxergamos, e também um pouco página em branco para que histórias sejam escritas. Isso remete ao que vimos no capítulo três, sobre como essas imagens estimulam o lançar da isca.

Então, ao observar tais elementos iconográficos, os colaboradores da página **Recife de Antigamente** não olham apenas para o passado da cidade. Eles enxergam a si e à cidade como algo em movimento ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. O vendedor de passados. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG. Percepção ambiental: a experiência brasileira: Vicente del Rio e Livia de Oliveira org. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- ANDRADE, Maria do Carmo. Carlos Pena Filho. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 12 jan 2017.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEZERRA, Eugênia. Found photography e possibilidades narrativas. In: FIF Universidade - Festival Internacional de Fotografia de Belo Horizonte, 2., 2015, Belo Horizonte.
- BEZERRA, Eugênia. Representações do Recife e Memória Coletiva nas Redes Sociais. In: Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas, 4., 2016, Belo Horizonte.
- BEZERRA, Eugênia. Guia Comum do Centro do Recife: A Criação Artística e o Imaginário de uma Cidade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 21., 2016, Caruaru. Anais... Caruaru: 2016.
- BORBA FILHO, Hermilo; BERZIN, Alexander; ARAÚJO, Maria Betânia Corrêa de; MARROQUIM, Dirceu. Recife década de 1940: 30 cartões postais. Recife: Museu da Cidade do Recife, 2013.
- BORGES, Jorge Luis. Tempo e Alma nos Quatro Quartetos de T.S. Eliot. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BOYM, Svetlana. The Future of Nostalgia. Basic Books: 2001.
- BUENO, José Lino Oliveira. José Lino Oliveira Bueno. São Paulo: Revista E. Ano 23, n. 3, p. 10, set. 2016.
- CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CÂMARA, Renato Phaelante. Nelson Ferreira. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex.: 6 ago. 2003.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. O Recife e suas ruas: se essas ruas fossem minhas. Recife: IAHP, 2010.
- CHARTIER, Roger. A historia cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

- COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: Registro de uma vivência. São Paulo: Editora UnB, 1995.
- DIJCK, José van. Mediated memories in the digital age. Stanford: Stanford University Press, 2007.
- DIJCK, José van. The Culture of Conectivity: A critical history of social media. Nova York: Oxford, University Press, 2013.
- DUARTE, Eduardo. Sob a luz do projeto imaginário. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.
- DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- FIGUEIREDO, Jobson; MARROQUIM, Dirceu. Zepelin no Recife. Recife: Poço Cultural, 2015.
- FILHO, Wilton Carvalho. Entrevista concedida por e-mail a Maria Eugênia Bezerra Alves. Recife, 22 jan. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” desta monografia].
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FONTCUBERTA, Joan. A Prata da China. Zum. São Paulo, v. 5, p.128-151. Out/2013.
- FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- FREYRE, Gilberto. Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. São Paulo: Global, 2007.
- FRÚGOLI Junior, Heitor. Sociabilidade Urbana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GASPAR, Lúcia. Ponte da Boa Vista. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 29 jan 2017.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- GUIA Comum do Centro do Recife. Recife, 2015.
- HARAZIM, Dorrit. O instante certo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- JARAUTA, Francisco. Construir La Ciudad Genérica. 2016.
- LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MACIEL, Rosilene C.; DORNAS, Adriana; ENGLER, Rita C. Paisagem, Símbolo e Cidade. In: 4o. Colóquio Ibero-Americano: Paisagem cultural, patrimônio e projeto. Desafios e Perspectivas, 2016, Belo Horizonte.
- MENEZES, José Luiz da Mota. Pontes do Recife: a construção da mobilidade. Recife: Bureau de Cultura, 2014.

- MESQUITA, Mariana. Memórias do Recife: a ligação com o eterno. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/jc-mais/noticia/2015/11/15/memorias-do-recife-a-ligacao-com-o-eterno-207954.php>.
- NEGATIVOS ENCONTRADOS. Direção de Vivian García Hermosi. Argentina: 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=adtRALyIv90>.
- PRYSTHON, Angela (org). Imagens da Cidade – Espaços Urbanos na Comunicação e Cultura Contemporâneas. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulinas, 2009.
- RODRIGUES, Josivan. Imagens do Recife - Ruas. Recife: 2014.
- SARAIVA, Kate. Cinemas do Recife. Recife: Funcultura, 2013.
- SETTE, Mario. Arruar - História Pitoresca do Recife Antigo. Rio de Janeiro: Livraria-Editôra da Casa do Estudante do Brasil, 1948.
- SHIRKY, Clay. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução: Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SHORE, Stephen. A natureza das fotografias: Uma introdução. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- SILVA, Armando. Imaginários Urbanos. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SILVA, Michel de Oliveira. Saudades eternas: a fotografia no limiar entre a morte e a eternidade. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- VAINSENER, Semira Adler. Ascenso Ferreira. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

## ANEXO A – QUADROS TEMÁTICOS

Quadro 1 - Imagens do tema Praia, organizadas por data de publicação

Figura 1 - “Bom dia amigos Av Boa Viagem, anos 60 Foto: Alcir Lacerda”.			
	Publicação:08/01/2016	Acesso: 12/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	1173	71
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1704939009646642/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1704939009646642/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - “Praia de Boa Viagem - Recife 1960. Acervo: Getty Images”.			
	Publicação: 25/02/2016	Acesso: 12/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	292	32
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1724564951017381/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1724564951017381/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - “Antiga Avenida Beira Mar, (...) transformou-se na Av. Boa Viagem”			
	Publicação: 25/02/2016	Acesso: 12/02/2016	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	2232	58
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1724579737682569/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1724579737682569/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - “Pina, década de 1930.(atual Herculano Bandeira) (...)”.			
	Publicação: 08/03/2016	Acesso: 13/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1700	1252	97
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1730008150473061/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1730008150473061/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5 - “Boa Viagem anos 1940s”.			
	Publicação: 29/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	632	28
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742916142515595/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742916142515595/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6 - “Boa Viagem – Década de 1940 – Salva vidas e balneários”.			
	Publicação: 04/04/2016		Acesso: 13/04/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	639	27
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1746685862138623/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1746685862138623/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7 - “Av. Boa Viagem. 1966.”.			
	Publicação: 28/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1500	699	24
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758044227669453/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758044227669453/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 8 - “Boa Viagem 1970s”.			
	Publicação: 30/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2100	910	85
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758851927588683/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758851927588683/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 9 - "Av Boa Viagem 1960/70s".			
	Publicação: 01/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2600	1316	90
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758857520921457/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758857520921457/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 10 - "Av. Boa Viagem (Ed. Acaiaca ao fundo) 1960s (...)"			
	Publicação: 12/5/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2700	1765	166
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1763858550421354/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1763858550421354/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 11 - "Praia de Boa Viagem. 1970S (...)".			
	Publicação: 15/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	739	58
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1763891483751394/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1763891483751394/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 12 - "Boa Viagem 1960s".			
	Publicação: 18/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	4800	2267	133
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766746686799207/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766746686799207/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 13 - "Boa Viagem. 1908".			
	Publicação: 18/05/2016		Acesso: 09/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	709	45
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766916050115604/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766916050115604/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 14 - "Posto1 Boa Viagem 1950s".			
	Publicação: 15/05/2016		Acesso: 09/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	425	18
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766967036777172/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766967036777172/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 15 - "Boa Viagem / 1960s".			
	Publicação: 02/06/2016		Acesso: 09/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2200	994	43
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1773093239497885/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1773093239497885/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 16 - "Bom dia, Recife!".			
	Publicação: 28/06/2016		Acesso: 09/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	267	32
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1785960938211115/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1785960938211115/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 17 - "Bom dia, Recife!".			
	Publicação: 30/06/2016		Acesso: 09/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	185	38
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1786874111453131/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1786874111453131/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 18 - "Eu lembro da moça bonita da praia de Boa Viagem... (...)".			
	Publicação: 03/07/2016		Acesso: 10/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2400	562	72
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1788242454649630/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1788242454649630/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 19 - "Coqueiros na Praia de Boa Viagem. (...)".			
	Publicação: 13/07/2016		Acesso: 10/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	458	35
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1792920947515114/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1792920947515114/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 20 - "Bom dia, Recife!".			
	Publicação: 05/08/2016		Acesso: 10/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	388	25
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1804541889686353/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1804541889686353/?type=1&amp;theater</a>			

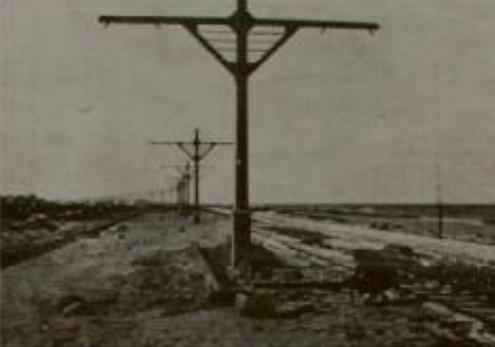
continua

continuação

Figura 21 - "Hotel e Igreja da Nossa Senhora de Boa Viagem. Década de 50. (...)".			
	Publicação: 26/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	577	53
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1816915515115657/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1816915515115657/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 22 - "Parquinhos de Boa Viagem. 1970".			
	Publicação: 15/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	327	24
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1828093727331169/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1828093727331169/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 23 - "Boa Viagem. 1960s.".			
	Publicação: 17/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	423	34
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1829233580550517/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1829233580550517/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 24 - "Bom dia, Recife!".			
	Publicação: 09/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	115	19
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1842970062510202/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1842970062510202/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 25 - “Av. Boa Viagem. 1970s Notar Hotel Boa Viagem, a Igreja na praça...”			
	Publicação: 05/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	515	60
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1861545860652622/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1861545860652622/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 26 - “Boa Viagem 1970s”.			
	Publicação: 10/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	3600	2037	163
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1864731047000770/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1864731047000770/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 27 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 17/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	200	23
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1868572449949963/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1868572449949963/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 28 - “Difícil imaginar que a Av. Boa Viagem já foi assim. (...)”.			
	Publicação: 25/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	403	25
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1874172066056668/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1874172066056668/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 2 – Imagens do tema Edificações, organizadas por data de publicação

Figura 1 - “Antiga Mesbla na Av. Conde da Boa Vista (sem data) (...)”			
	Publicação: 11/10/2015		Acesso: 11/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	468	88
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1671863949620815/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1671863949620815/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - “Bom dia pessoal #restauração #decadade70”.			
	Publicação: 30/12/2015		Acesso: 11/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	525	77
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1701609103312966/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1701609103312966/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - “Estávamos na maior expectativa pra inauguração em 1980 (...)”			
	Publicação: 02/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2300	715	148
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1727694114037798/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1727694114037798/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - “Olinda, quero cantar, mas Recife mandou me chamar. (...)”.			
	Publicação: 12/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2200	1742	55
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1731702273636982/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1731702273636982/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5 - Casa Navio. Boa Viagem. 1960s. Atualmente, Ed. Vânia. Av Boa Viagem 4000”.

	Publicação: 26/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	669	50
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1739997586140784/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1739997586140784/?type=1&amp;theater</a>			

Figura 6 - “Casa na Avenida Conde da Boa Vista. 1935”.

	Publicação: 03/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	419	47
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742373595903183/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742373595903183/?type=1&amp;theater</a>			

Figura 7 - “Pátio do Carmo. 1890s/1900s FUNDAJ”.

	Publicação: 14/05/2016		Acesso: 14/05/2016
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	410	27
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1765010850306124/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1765010850306124/?type=1&amp;theater</a>			

Figura 8 - “Faculdade de Direito do Recife. 1911 F. du Bocage”.

	Publicação: 14/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1500	556	50
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1765035090303700/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1765035090303700/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 9 - “Ed. Acaiaca 1970s”.			
	Publicação: 21/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	504	40
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1768161066657769/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1768161066657769/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 10 - “Novo Pronto-Socorro do Recife. Com 330 leitos. Janeiro de 1967 (...)”.			
	Publicação: 25/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	742	47
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1769499329857276/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1769499329857276/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 11 - “Igrejinha dos Ingleses como ficou conhecida, deu lugar ao Edf Duarte Coelho”			
	Publicação: 27/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	678	40
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1770799519727257/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1770799519727257/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 12 - “Quer moleza? Vai no Balaió! (...)”.			
	Publicação: 28/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	4900	4084	798
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1771138156360060/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1771138156360060/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 13 - “Livraria Colombo Rua da Imperatriz Início do século XX (...)”.			
	Publicação: 26/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	309	19
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1785199291620613/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1785199291620613/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 14 - “Bom dia, Recife! Palácio da Justiça”.			
	Publicação: 29/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1700	385	26
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1786213344852541/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1786213344852541/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 15 - “Olha a Mesbla pessoal!!”.			
	Publicação: 29/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	3800	1577	280
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1786668004807075/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1786668004807075/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 16 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 02/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	280	37
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1787744984699377/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1787744984699377/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 17 - “Rua da Aurora com Av. Conde da Boa Vista – 1943 (...)”.			
	Publicação: 04/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	401	37
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1788720001268542/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1788720001268542/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 18 - “Mercado de São José Década de 1920”.			
	Publicação: 22/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	502	30
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1797472243726651/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1797472243726651/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 19 - “Pilar Produtos Alimentícios (...) Foto: 1950”.			
	Publicação: 02/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	488	40
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1803339853139890/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1803339853139890/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 20 - “Casa de Ferro da Família Brennard. Engenharia São João – Várzea (...)”.			
	Publicação: 07/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	352	41
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1805588912914984/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1805588912914984/?type=1&amp;theater</a>			

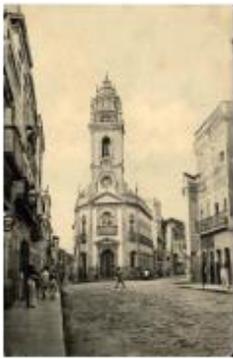
continua

continuação

Figura 21 - “Av. Dantas Barreto, meados do séc 20”.			
	Publicação: 13/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	405	22
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1827104620763413/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1827104620763413/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 22 - “Casa Viana Leal decorada para o Natal. Anos 1970s. (...)”.			
	Publicação: 31/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	1260	237
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1858212794319262/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1858212794319262/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 23 - “Igrejinha dos Ingleses, início do século XX. (...)”.			
	Publicação: 04/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1500	564	51
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1860576480749560/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1860576480749560/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 24 - “Segundo Jardim da Av. Boa Viagem. 1960s”.			
	Publicação: 05/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	421	33
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1860588484081693/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1860588484081693/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 25 - “Hotel Boa Viagem. 1960s.”.			
	Publicação: 11/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	387	32
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1864737633666778/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1864737633666778/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 26 - “Igreja de Nossa Senhora do Terço. (...) Foto do início do século XX (...)”.			
	Publicação: 24/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	335	32
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1873436056130269/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1873436056130269/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 3 - Imagens do tema Cinemas, organizadas por data de publicação

Figura 1 - “(...) Quais filmes você lembra que viu aí nesse cinema? (...)”.			
	Publicação: 05/01/2016	Acesso: 12/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	409	175
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1704007219739821/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1704007219739821/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - “Cinema são Luiz. Década de 1980s.”.			
	Publicação: 04/05/2016	Acesso: 14/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2600	1635	126
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1760745990732610/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1760745990732610/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - “Cinema São Lui / Allien o 8º Passageiro / 1979”.			
	Publicação: 03/06/2016	Acesso: 14/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	3400	2253	151
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1773100196163856/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1773100196163856/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - “(...) Alguém sabe em qual ano o filme Tubarão estreou no Recife?”.			
	Publicação: 29/08/2016	Acesso: 15/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	765	101
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1818761221597753/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1818761221597753/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5: “Cine São Luis. 1952. (...)”			
	Publicação: 11/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	531	55
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1844813962325812/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1844813962325812/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 4 - Imagens do tema Aeroporto, organizadas por data de publicação

Figura 1: "Aeroporto Internacional dos Guararapes, anos 80 (...)".			
	Publicação: 04/01/2016		Acesso: 12/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	299	42
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1703546693119207/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1703546693119207/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 : "Aeroporto dos Guararapes. Restaurante do 1o andar. 1958".			
	Publicação: 27/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	364	20
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1740800166060526/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1740800166060526/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3: "Aeroporto dos Guararapes. Abril de 1981. Foto: Tulio R. Couceiro".			
	Publicação: 27/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	728	61
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1740803569393519/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1740803569393519/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4: "Aeroporto dos Guararapes. Anos 1990s. Dica : Antônio Pedro de Figueiredo".			
	Publicação: 02/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	500	81
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1745654908908385/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1745654908908385/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5: “Aeroporto dos Guararapes. Agosto de 1980 Foto: Tulio Couceiro”.			
	Publicação: 16/06/2016		Acesso: 14/06/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	1031	79
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1780320178775191/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1780320178775191/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6: “Quem lembra do murinho do antigo aeroporto do Recife? (...)”			
	Publicação: 25/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	353	91
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1834469040026971/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1834469040026971/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7: “Aeroporto dos Guararapes. 1988. Narciso Lins/DP/DA Press”.			
	Publicação: 25/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	281	68
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853409248132950/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853409248132950/?type=1&amp;theater</a>			

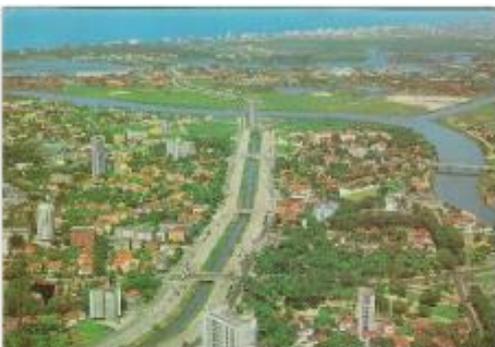
FONTE: A autora (2017)

Quadro 5 - Imagens do tema Ruas e Avenidas, organizadas por data de publicação

Figura 1 - "Avenida Conde da Boa Vista Data: 1959 (...)".			
	Publicação: 07/11/2015		Acesso: 11/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	782	59
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1682367475237129/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1682367475237129/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "Rua Nova. 1930s".			
	Publicação: 26/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	481	18
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1739991119474764/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1739991119474764/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - "Avenida Conde da Boa Vista, década de 1950".			
	Publicação: 28/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	704	32
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1741870809286795/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1741870809286795/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - "Duplicação da Avenida Caxangá 1967 (...)".			
	Publicação: 28/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	646	90
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1757594917714384/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1757594917714384/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5 - "Av. Agamenon Magalhães. 1980s".			
	Publicação: 01/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1700	621	59
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758858077588068/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758858077588068/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6 - "Rua do Bom Jesus – 1914. Benício Dias. Fundaj".			
	Publicação: 20/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	356	21
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1767610523379490/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1767610523379490/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7 - "Canal Derby Tacaruna 1970s".			
	Publicação: 21/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	423	30
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1768155589991650/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1768155589991650/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 8 - "Ponte Duarte Coelho com Av. Guararapes ao fundo. Meados dos século XX (...)".			
	Publicação: 27/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	560	25
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1770635073077035/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1770635073077035/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 9 - “Bom dia Recife!”.			
	Publicação: 01/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	268	23
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1772831592857383/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1772831592857383/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 10 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 15/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	4900	2558	206
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1779533898853819/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1779533898853819/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 11 - “Av. Guararapes, década de 1970. Foto: Alcir Lacerda (...)”.			
	Publicação: 15/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	728	43
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1779656438841565/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1779656438841565/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 12 - “Av. Guararapes. Meados do Século XX (...)”.			
	Publicação: 20/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	441	29
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1781872951953247/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1781872951953247/?type=1&amp;theater</a>			

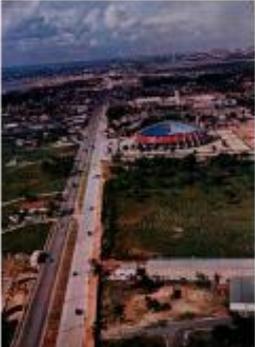
continua

continuação

Figura 13 - "Rua do Imperador. Datada em 05.06.1934. Coleção Josebias Bandeiras (...)".			
	Publicação: 27/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	626	61
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1785346558272553/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1785346558272553/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 14 - "Ponte Duarte Coelho e Av. Conde da Boa Vista com a Rua da Aurora (...)".			
	Publicação: 18/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1500	989	81
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1795408210599721/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1795408210599721/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 15 - "Olha que bela foto da Av. Agamenon Magalhães (...)".			
	Publicação: 20/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	919	118
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1796637683810107/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1796637683810107/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 16 - "Bom dia Recife!".			
	Publicação: 26/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	1082	69
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1799475290193013/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1799475290193013/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 17 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 31/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	294	36
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1802064566600752/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1802064566600752/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 18 - “Av. Caxangá, 1969 - Bairro da Madalena. Foto: Arquivo/DP”.			
	Publicação: 19/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	1104	62
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1811936085613600/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1811936085613600/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 19 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 04/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	293	33
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1821960264611182/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1821960264611182/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 20 - Duplicação da Imbiribeira e o Geraldão recentemente inaugurado (...).”.			
	Publicação: 14/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	449	37
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1828099717330570/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1828099717330570/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 21 - “Av Caxangá Década de 1940 (...)”.			
	Publicação: 19/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	584	36
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1850175781789630/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1850175781789630/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 22 - “Av Dantas Barreto. Meados dos anos 1970s. (...)”.			
	Publicação: 24/10/2016		Acesso: 16/10/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	3200	1571	132
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853425114798030/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853425114798030/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 23 - “Ponte Duarte Coelho. 1960S (...)”.			
	Publicação: 12/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1500	565	46
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1865903836883491/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1865903836883491/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 24 - “Antigo cartão postal da Rua da Aurora do início do século XX”.			
	Publicação: 21/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	325	14
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1871329733007568/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1871329733007568/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 25 - “Av. Caxangá e a faixa exclusiva para ônibus na década de 80 (...)”.			
	Publicação: 22/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	293	45
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1872047409602467/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1872047409602467/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 26 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 25/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	213	20
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1873752662765275/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1873752662765275/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 27 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 26/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2800	1736	89
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1874410566032818/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1874410566032818/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 6 - Imagens do tema Modificação dos espaços, organizadas por data de publicação

Figura 1 - "(...) Essa é a atual Av. Dantas Barreto antes das reformas do Centro (...)".			
	Publicação: 08/01/2016		Acesso: 12/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1700	882	117
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1705125502961326/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1705125502961326/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "Dá para acreditar que essa é a nossa Rua do Sol (1900) (...)".			
	Publicação: 19/02/2016		Acesso: 12/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	945	83
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1722283697912173/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1722283697912173/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - "Rua do Sol 1925".			
	Publicação: 30/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2200	1239	132
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742366925903850/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742366925903850/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 4: “O Castelinho 1925-2015 (...)”.



Publicação: 05/06/2016 | Acesso: 14/02/2017

Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
1900	683	77

<https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1774843569322852/?type=1&theater>

Figura 5 - “Da série antes e depois: O Moulin Rouge, Chanteclair e o bonde Zeppelin (...)”.



Publicação: 19/07/2016 | Acesso: 15/02/2017

Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
1200	608	53

<https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1790570781083464/?type=1&theater>



continua

continuação

Figura 6: “(...) foto-montagem do antes e depois da Rua da Aurora feita por Estêvão Cunha”.

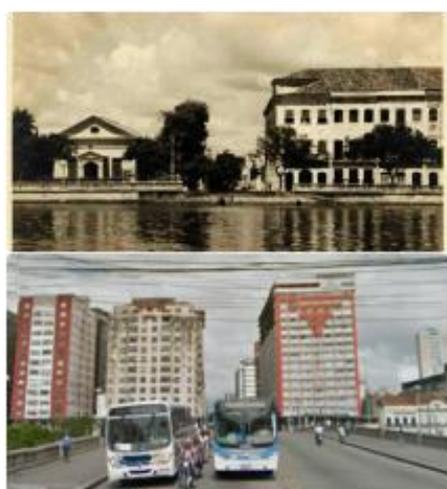


Publicação: 13/07/2016 | Acesso: 15/02/2017

Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
1200	509	42

<https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1792699337537275/?type=1&theater>

Figura 7 - “O antes e o depois, sem palavras... (...)”



Publicação: 27/07/2016 | Acesso: 15/02/2017

Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
1100	582	91

<https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1800022416804967/?type=1&theater>

Figura 8 - “(...) as tampas de ferro que tem lá no Marco Zero já existiam na década de 20 (...)”



Publicação: 22/08/2016 | Acesso: 15/02/2017

Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
1300	340	34

<https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1813339145473294/?type=1&theater>

FONTE: A autora (2017)

Quadro 7 - Imagens do tema Rios e pontes, organizadas por data de publicação

Figura 1 (Sem legenda)			
	Publicação: 01/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	1813	107
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726798917460651/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726798917460651/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "Ponte da Boa Vista. 1910s".			
	Publicação: 30/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	430	21
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742361859237690/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1742361859237690/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - Ponte Princesa Isabel, 1880. Ao fundo a Rua da Aurora Foto: Moritz Lamberg".			
	Publicação: 05/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	512	23
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1746954582111751/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1746954582111751/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - "Ponte da Boa Vista. Revista da Cidade N163 06-07-1929".			
	Publicação: 23/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	537	41
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1755833367890539/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1755833367890539/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5 - "Ponte da Boa Vista. 1906 FUNDAJ".			
	Publicação: 14/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	504	21
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1765034243637118/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1765034243637118/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6 - "Ponte Princesa Isabel (...) Arquivo: Manoel Tondella (...) 1905".			
	Publicação: 23/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	511	14
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1769101896563686/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1769101896563686/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7 - Ponte da Maxambomba, demolida em 1915. (...) Benício Dias - 1910".			
	Publicação: 24/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	508	39
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1769393293201213/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1769393293201213/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 8 - "Av. Guararapes com Rua do Sol Meados do século XX".			
	Publicação: 27/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	595	17
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1770636776410198/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1770636776410198/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 9 - “Bondes na Ponte da Boa Vista (...) / Data aproximada: 1900 / Fundaj”.			
	Publicação: 07/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	648	31
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1775656205908255/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1775656205908255/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 10 - “Ponte da Boa Vista IBGE 1950s”.			
	Publicação: 17/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	285	4
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1780727195401156/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1780727195401156/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 11 - “Bom dia, Recife!”.			
	Publicação: 21/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2100	516	54
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1782328601907682/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1782328601907682/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 12 - “Relógio da Ponte Duarte Coelho Cerca de 1970 Foto: Alcir Lacerda”.			
	Publicação: 21/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	392	40
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1782382945235581/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1782382945235581/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 13 - "Boa noite, Recife!"			
	Publicação: 12/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2200	460	60
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1792625060878036/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1792625060878036/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 14 - "Bom dia, Recife!"			
	Publicação: 14/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2100	466	40
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1793403497466859/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1793403497466859/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 15 - "Boa noite, Recife!"			
	Publicação: 15/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	186	22
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1794203124053563/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1794203124053563/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 16 - "Bom dia, Recife!"			
	Publicação: 23/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	208	24
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1797988430341699/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1797988430341699/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 17 - “Bom dia, Recife!”			
	Publicação: 24/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	310	33
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1798484966958712/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1798484966958712/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 18 - “Bom dia, Recife!”			
	Publicação: 30/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	266	31
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1801543966652812/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1801543966652812/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 19 - “Ponte Princesa Isabel, 1880 Moritz Lambert Acervo IMS”.			
	Publicação: 08/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	439	11
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1824130311060844/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1824130311060844/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 20 - “Ponte Princesa Isabel. 1950s.”.			
	Publicação: 24/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	424	30
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853326234807918/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853326234807918/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 21 - “Ponte da Boa Vista. 1940s.”.			
	Publicação: 30/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	523	30
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1854801157993759/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1854801157993759/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 22 - “Ponte Duarte Coelho. 1950S (...)”.			
	Publicação: 04/11/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	511	32
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1860586337415241/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1860586337415241/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 8 - Imagens do tema Cheias do Rio Capibaribe, organizadas por data de publicação

Figura 1 - "Ponte da Torre - Cheia de 1966. Diário de Pernambuco / D.A Press"			
	Publicação: 15/03/16		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	541	22
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1733371976803345/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1733371976803345/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "(...) Na foto, a Av. Agamenon Magalhães na cheia de 1975".			
	Publicação: 30/05/16		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	466	26
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1772001352940407/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1772001352940407/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - "Ilha do Retiro 1950(?)".			
	Publicação: 12/11/16		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	307	40
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1865966506877224/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1865966506877224/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - "Av. Caxangá. Cheia de 1966. 30/05/1966. Fonte JC".			
	Publicação: 20/12/16		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2400	1146	107
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1891300144343860/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1891300144343860/?type=3&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 9 - Imagens do tema Acontecimentos incomuns, organizadas por data de publicação

Figura 1 - “(...) Aeroporto dos Guararapes 11 de setembro de 1974. (...)”.			
	Publicação: 18/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	488	83
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766748230132386/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1766748230132386/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - “Cometa Halley passa sobre o Recife. 1910. (...)”.			
	Publicação: 21/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	472	45
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1768146253325917/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1768146253325917/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - “Há 31 anos pernambucano salvava o Recife de uma grande tragédia.(...)”.			
	Publicação: 18/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	401	50
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1811234379017104/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1811234379017104/?type=1&amp;theater</a>			

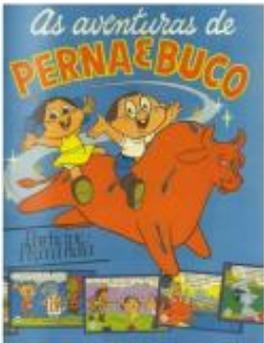
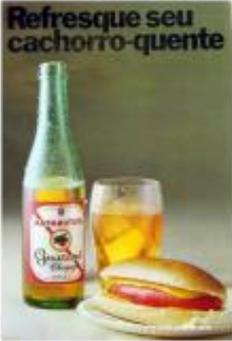
FONTE: A autora (2017)

Quadro 10 - Imagens do tema Zeppelin, organizadas por data de publicação

Figura 1 - "Acesso do Campo do Jiquiá (...) Foto: Alfred Eisenstaedt".			
	Publicação: 02/03/16	Acesso: 13/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	982	59
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1727505860723290/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1727505860723290/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "Graff Zeppelin sobre As Galerias. Recife 1930s".			
	Publicação: 01/05/16	Acesso: 14/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	755	31
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758847937589082/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758847937589082/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - "Bom dia, Recife!".			
	Publicação: 08/10/2016	Acesso: 16/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	560	11
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1842168095923732/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1842168095923732/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - "Graf Zeppelin sobre o Recife 1930s".			
	Publicação: 05/11/16	Acesso: 17/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	381	15
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1861191710688037/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1861191710688037/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 11 – Imagens do tema Objetos do cotidiano, organizadas por data de publicação

Figura 1 - “Quem lembra dos sacos de papel do bompreço (...)”.			
	Publicação: 24/11/2015	Acesso: 11/02/2017	
	Curtir: 6000	Compartilhar: 6500	Comentar: 678
	<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1687916801348863/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1687916801348863/?type=1&amp;theater</a>		
Figura 2 - “Quem lembra do álbum de figurinhas que foi uma campanha do Estado (...)?”			
	Publicação: 05/01/2016	Acesso: 07/02/2017	
	Curtir: 1200	Compartilhar: 1420	Comentar: 199
	<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1703831376424072/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1703831376424072/?type=1&amp;theater</a>		
Figura 3 - “A Sloper funcionou por muitos anos na Rua Nova, esquina com Rua da Palma”			
	Publicação: 29/02/2016	Acesso: 07/02/2017	
	Curtir: 1300	Compartilhar: 610	Comentar: 169
	<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726217700852106/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726217700852106/?type=1&amp;theater</a>		
Figura 4 - “(...) Quem aí se refrescou muito com uma dessa bem geladinha?”.			
	Publicação: 01/03/2016	Acesso: 08/02/2017	
	Curtir: 1000	Compartilhar: 532	Comentar: 63
	<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726791024128107/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726791024128107/?type=1&amp;theater</a>		

continua

continuação

Figura 5 (Sem legenda)			
	Publicação: 01/03/2016		Acesso: 08/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	1813	107
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726798917460651/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1726798917460651/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6 - “Quem lembra do passe estudantil na década de 1980? (...)”.			
	Publicação: 04/07/2016		Acesso: 10/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	3300	2240	200
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1788684511272091/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1788684511272091/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7 - “Ficha telefônica local de 1985 e vale transporte (...). Relíquias!”.			
	Publicação: 06/09/2016		Acesso: 10/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2000	1140	81
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1823322337808308/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1823322337808308/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 12 - Imagens do tema Transporte público, organizadas por data de publicação

Figural (Sem legenda)			
	Publicação: 25/07/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	1754	106
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1799155546891654/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1799155546891654/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - “Estação de Tejiplô. 1910s.”			
	Publicação: 27/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	311	20
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1817647185042490/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1817647185042490/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - “Maxambomba passando pela Faculdade de Direito do Recife (...)”.			
	Publicação: 03/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	560	31
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1821439767996565/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1821439767996565/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - “Chegada do primeiro carro do metrô do Recife em 1985”.			
	Publicação: 15/09/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	411	43
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1828337623973446/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1828337623973446/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5 - “Ônibus elétrico, 1991”.			
	Publicação: 25/09/2016	Acesso: 16/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	336	41
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1834462953360913/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1834462953360913/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6 - “Praça da Independência. 1930s”.			
	Publicação: 12/11/2016	Acesso: 17/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	363	17
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1865902360216972/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1865902360216972/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7 - “(...) Ponte Duarte Coelho. Rua da Aurora com Av. Conde da Boa Vista (...)”.			
	Publicação: 16/11/2016	Acesso: 17/02/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	420	53
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1867985756675299/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1867985756675299/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 8 - “Pegando carona no elétrico”.			
	Publicação: 25/11/2016	Acesso: 17/07/2017	
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1900	797	101
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1873783386095536/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1873783386095536/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 9 - “Marque seus amigos que já andaram em algum desses ônibus”.				
		Publicação: 28/11/2016	Acesso: 17/02/2017	
		Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
		1400	720	151
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1875804365893438/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1875804365893438/?type=1&amp;theater</a>				
Figura 10 - “Elétrico na Av. Dantas Barreto Anos 90. Fonte: tramz.com”.				
		Publicação: 01/12/2016	Acesso: 17/02/2017	
		Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
		4400	2738	218
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1879963742144167/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1879963742144167/?type=1&amp;theater</a>				

FONTE: A autora (2017)

Quadro 13 - Imagens do tema Presença humana, organizadas por data de publicação

Figura 1 - "Olha o caju... / Praia de Boa Viagem - 1940 / Foto: Benício Dias / Fundaj".			
	Publicação: 09/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1400	475	20
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1776550762485466/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1776550762485466/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "César Lattes em Boa Viagem. 1957".			
	Publicação: 24/06/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	198	33
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1783809648426244/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1783809648426244/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - "Palacete de Ponte D'Uchôa (...) Revista O Cruzeiro. 16/12/1950".			
	Publicação: 28/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	109	27
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1818109291662946/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1818109291662946/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - "Mulheres com vestidos longos, luvas e chapéus (...)".			
	Publicação: 17/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	4400	1946	277
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1848890145251527/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1848890145251527/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 14 - Imagens do tema Carnaval, organizadas por data de publicação

Figura 1 - “Carnaval na Av. Guararapes, década de 1960 (...)”.			
	Publicação: 28/05/2016		Acesso: 14/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1700	1679	104
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1771147839692425/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1771147839692425/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - “Rua da Concórdia. Carnaval 1991.”.			
	Publicação: 24/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1200	499	74
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853408944799647/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1853408944799647/?type=1&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 15 - Imagens do tema Morro da Conceição, organizadas por data de publicação

Figura 1: “Morro da Conceição, década de 1910 Fundaj”.			
	Publicação: 08/12/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2100	830	34
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1881280918679116/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1881280918679116/?type=3&amp;theater</a>			
Figura 2 - “A “Festa do Morro” (...)”.			
	Publicação: 08/12/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1000	459	19
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1881283942012147/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1881283942012147/?type=3&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

Quadro 16 - Imagens do tema Lazer, organizadas por data de publicação

Figura 1 - "O Trenzinho de Dois Irmãos".			
	Publicação: 07/03/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1300	445	47
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1729675770506299/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1729675770506299/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 2 - "Da Série Tobogã. Anos 1970s. FECIN (Parque da Jaqueira) ou Rua da Aurora?".			
	Publicação: 10/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	3200	2337	425
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1749328995207643/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1749328995207643/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 3 - "Cine Drive-in. Aeroclube de Pernambuco - Encanta Moça. Década de 1970".			
	Publicação: 30/04/2016		Acesso: 13/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1100	861	59
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758842710922938/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1758842710922938/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 4 - Feirinha de Boa Viagem, 1983. Quem lembra?".			
	Publicação: 22/08/2016		Acesso: 15/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2100	641	154
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1813325955474613/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1813325955474613/?type=1&amp;theater</a>			

continua

continuação

Figura 5 - “Alguém lembra dos pedalinhos no Horto de Dois Irmãos? (...)”.			
	Publicação: 10/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	2400	758	274
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1843863945754147/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1843863945754147/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 6 - “Parquinho da Rua da Aurora. 1970s.”.			
	Publicação: 30/10/2016		Acesso: 16/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1700	801	112
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1857444644396077/?type=1&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1857444644396077/?type=1&amp;theater</a>			
Figura 7 - “Alguém lembra das esculturas (...)?”.			
	Publicação: 14/12/2016		Acesso: 17/02/2017
	Curtir:	Compartilhar:	Comentar:
	1600	235	146
<a href="https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1887738761366665/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192.32134.1206395696167645/1887738761366665/?type=3&amp;theater</a>			

FONTE: A autora (2017)

## ANEXO B – ENTREVISTA COM WILTON CARVALHO FILHO

1. Onde você nasceu e onde vive atualmente?

Nasci em Fortaleza e hoje vivo no Recife

2. Quando chegou ao Recife? Qual sua relação com a cidade?

Cheguei no Recife em 1980 com 8 anos, pois meu pai era militar e foi transferido para trabalhar em Recife. Me considero um recifense de coração, aqui estudei, trabalho e conheci pessoas maravilhosas.

3. Qual sua área de formação e/ou atuação, ela tem alguma relação com a fotografia?

Sou formado em Marketing e Nutrição, com pós-graduação em Vigilância Sanitária e Alimentação Coletiva. Sou Consultor de Qualidade e faço consultorias em estabelecimentos alimentícios. Minha profissão não tem relação alguma com fotografia.

4. Qual sua relação pessoal com as fotografias? Gosta de fotografar, faz álbuns?

Gosto de fotos antigas de pessoas, lugares, automóveis, bondes, entre outras coisas. Essa paixão começou olhando álbuns de fotos de minha família. Analisava o estilo das roupas, dos automóveis, das ruas, das casas e ficava fascinado quando poderia comparar as fotos antigas com fotos atuais, analisando as mudanças ocorridas com o tempo. Apesar de gostar de fotos antigas, não adquiri o gosto por fotografar, apenas tiro fotos de algum evento específico como, aniversários, viagens mas não passa disso. Já fiz alguns álbuns com fotos antigas da família e viagens também.

5. Lembra quando começou a colecionar imagens antigas? O que há nestas imagens que atraem a sua atenção?

Comecei a colecionar fotos antigas da família e posteriormente passei a procurar fotos do Recife em livrarias e bancas de revistas, onde comprava cartões postais. Essa prática adquiri em 1980, quando cheguei ao Recife. Como citei na pergunta anterior, fico fascino em poder comparar as fotos antigas com as atuais, analisando as mudanças ocorridas com o tempo.

6. Como surgiu a ideia de criar a página **Recife de Antigamente**? Já tinha feito algo parecido?

A ideia de criar a página **Recife de Antigamente** surgiu com a vontade de compartilhar com amigos a minha coleção de fotos e a página seria um canal para isso. Eu convidaria os amigos

para curtir e, assim, eu iria disponibilizando as fotos sempre que tivesse tempo. Isso foi em 2012. Antes de criar a página, eu tinha o costume de mostrar as fotos antigas para amigos que eventualmente me visitavam, nunca tinha criado antes uma página para esse fim.

7. Qual era o seu intuito na época? Acha que ele mudou em relação ao que a página representa hoje para você?

Como citei na pergunta anterior, minha vontade era compartilhar com amigos minha coleção de fotos antigas. Hoje, não só meus amigos curtem a página, como também milhares de pessoas também curtem a página e todo conteúdo. Hoje estamos com praticamente 114 mil curtidas.

8. Poderia falar um pouco sobre o seu processo de pesquisa, como faz para encontrar as imagens e informações que publica?

No início eu comprava antigos cartões postais em livrarias e bancas de revistas. Depois foram surgindo blogs e sites sobre o Recife com fotos antigas e fui baixando e armazenando. Hoje alguns órgãos do Estado e da Prefeitura do Recife disponibilizam textos e fotos antigas, como exemplo temos a Fundação Joaquim Nabuco, a Fundarpe, o Instituto Moreira Salles, entre outros. Os amigos que seguem a página também contribuem muito nos enviando fotos antigas, seja da cidade como também de familiares.

9. Você comentou que conta com um colaborador, poderia falar um pouco mais sobre ele e essa parceria (o nome, se é recifense, como se conheceram, etc.)? Quando ele começou a cuidar da página junto com você?

Através da página passei a conhecer muitas pessoas, fazer novas amizades e com a mesma paixão por fotos antigas. Foi assim que conheci alguns colaboradores que já contribuíram com a página. Atualmente conto com dois colaboradores que, assim como eu, também possuem um grande acervo de fotos: O primeiro é Fernando Sirqueira, contribui com cerca de 20% das postagens e iniciou como colaborador em 2014, o segundo é Tulio Couceiro, contribui com 40% e iniciou como colaborador em 2016. Eu também faço cerca de 40% do conteúdo atualmente, mas iniciei todo o processo desde 2012.

10. Você costuma acompanhar outras páginas que possuem um perfil parecido com o da **Recife de Antigamente**?

Atualmente acompanho muito pouco as outras páginas devido ao pouco tempo que tenho, mas, só mesmo as que aparecem no meu feed de notícia do *Facebook*.

11. Junto com o número de publicações, o número de curtidores da página cresceu bastante nos últimos tempos. A interação das pessoas aumentou?

Quanto maior são os seguidores da página, maior é a interação. Muita gente curtindo, compartilhando e deixando mensagens, seja querendo saber de alguma foto específica ou nos enviando algum conteúdo.

12. Você consegue estabelecer um perfil médio das pessoas que curtem a página (faixa etária, etc.)?

A página nos fornece algumas informações como mostra o quadro abaixo:

52% dos seguidores são homens e são 48% de mulheres que nos seguem.

A faixa etária predominante fica entre 25 e 34 anos.

Temos 110.814 curtidas aqui no Brasil e fora do Brasil temos 3.115, dando um total de 113.929 curtidas (dados até dia 06/01/2017 às 12:38 horário de Verão no Recife)

13. Vocês já realizaram encontros presenciais? Como foi a experiência?

Já fizemos diversos encontros presenciais, com palestras, caminhadas, passeios de catamarã e visita a museus. É uma experiência excelente, com trocas de informações e fotos e novas amizades.

14. Consegue apontar se há colaboradores mais assíduos, que costumam comentar mais ou enviar contribuições? Poderia citar alguns deles?

Temos alguns colaboradores mais assíduos, sempre estão nos enviando algo. Os principais deles são: Rosa Bezerra, Rogério Carvalheira, Felipe Torres, Carlinhos Araújo, Fernando Alves, Tarcisio Couceiro.

15. Existe algum tipo de fotografia que costuma mobilizar mais as pessoas? Por exemplo, existem lugares ou situações que costumam gerar mais curtidas, compartilhamentos e comentários?

Noto que algumas fotos que fazem com que os seguidores relembrem a infância ou adolescência costumam mobilizar mais as pessoas. São aquelas que vivenciaram, por exemplo, quando coloco foto de ônibus elétrico e pela faixa etária da maioria da página, muita gente andou nesses ônibus elétricos, então há uma grande quantidade de curtidas e comentários. Outras fotos que também costumam ter muitas curtidas e comentários são alguns locais que mudaram

radicalmente, por exemplo, o que antes era uma igreja, hoje é um prédio, o que antes era uma rua estreita, hoje é uma grande avenida.

16. Existe alguma fotografia ou conjunto de imagens entre as já publicadas na página que sejam mais relevantes para você, chamem mais sua atenção ou despertem algum afeto especial? Poderia identificá-las e falar sobre essa conexão?

Eu gosto muito de fotos que envolvam pessoas, pois posso analisar o estilo das roupas e também os costumes. Fotos de bondes elétricos também me fascinam por ter sido, por um bom tempo, o principal transporte da população entre as décadas de 1910 e 1950. Gosto também de fotos das pontes do Recife, me faz imaginar quantas e quantas pessoas já passaram por elas, já contemplaram o Rio Capibaribe. Acho que a maior conexão é essa, do antes e o depois, imaginar que posso estar pisando no mesmo metro quadrado que milhares já pisaram durante esses 100 anos, de 1917 a 2017.